SANTO AGOSTINHO

A VERDADEIRA RELIGIÃO

ep

PREFÁCIO DA TRADUTORA

"O que nos atrai nas obras de santo Agostinho é a profundidade de seu pensamento, expresso a cada momento com força refulgente. As soluções por ele apresentadas aos problemas de seu tempo estão baseadas em princípios que ultrapassam o tempo. Assim, seus escritos permanecem vivos, conservando singular poder espiritual. As obras de tal gênio — um dos maiores que honraram a Igreja e mesmo toda a humanidade — terão sempre leitores." É assim que o Pe. Fulbert Cayré refere-se a santo Agostinho e sua obra, na Introdução geral às publicações das "Oeuvres de Saint Augustin", Desclée de Brouwer, Paris.

No Brasil, os escritos agostinianos ainda estão pouco divulgados. Excetuando algumas edições de As Confissões, A Cidade de Deus *e um ou outro opúsculo, nada mais possuímos do Doutor de Hipona, em língua vernácula. Neste ano comemoramos o 16.º centenário de sua conversão. Boa ocasião apresenta-se assim, para melhor difusão de suas obras.*

O "De vera religione", que tivemos o feliz privilégio de poder traduzir, aparece agora, graças ao interesse vigilante de Edições Paulinas. A quem haverá de ser destinada, em especial, esta obra? Certamente, aos pregadores, teólogos, filósofos e seminaristas. Aos estudantes de Filosofia, Psicologia e Pedagogia. Aos agostinianos e religiosos, em geral, em busca de vida interior mais intensa. A todos os admiradores de santo Agostinho desejosos de melhor conhecer o seu pensamento e o seu espírito.

Apontemos, de relance, alguns dos muitos proveitos que poderão ser tirados desta leitura:

- *— a descoberta do caminho de interiorização na busca do encontro com Deus;*
- *— o valor da reflexão no esforço da autoconversão: — passagem da multiplicidade à unificação interior, da vã curiosidade à busca da Verdade, da prepotência à fraternidade, do apego aos bens materiais ao gosto dos espirituais...*
- *— a educação do olhar contemplativo para a captação da primeira Beleza, entre os vestígios de beleza espalhados na natureza; da Verdade incriada, entre os sinais de verdade encontrados nas coisas criadas;*
- *— o respeito por todo ser criado, sobretudo pelo homem. O mais*

pequenino dentre eles é portador de alma racional, portanto, capaz de se aperfeiçoar, capaz de Deus, pois feito à sua imagem e semelhança;

— *a justa apreciação de uma escala de valores;*
— *o aprofundamento do problema do mal: sua origem e o serviço a ser tirado para a causa do bem. A afirmação da liberdade na gênese de toda culpa;*
— *o pecado explicado de maneira metafísica, como um menosser e explícita aversão ao Bem supremo, preterido diante de bens ínfimos;*
— *a defectibilidade da pessoa humana, ao lado de seu poder viril;*
— *a superioridade no homem, de seu espírito crítico e de sua possibilidade de julgamento;*
— *a impiedade da idolatria dos que se dizem ateus, mas adoradores do próprio eu;*
— *a necessidade dos sacramentos para a congregação do novo povo espiritual planejado por Deus;*
— *a função prioritária da caridade fraterna. O Doutor da graça e do amor excede-se nesse ponto...*
— *a Cristologia é também marco extremamente interessante.*

Há vários temas de aproximação muito atual, como: a utilidade das heresias; a imutabilidade da lei eterna a ser respeitada na elaboração das leis humanas; o contínuo crescimento do homem interior e espiritual, ainda mesmo na decrepitude do envelhecimento orgânico; a teoria sobre o Belo na arte; o processo evolutivo do mundo e em especial, o processo estético da História; o relativismo em face do Absoluto; motivos de adesão à Igreja católica, e dezenas de outras questões da atualidade. Isso tudo, sem esquecermos o escopo principal da obra: a argumentação sobre a possibilidade da mente humana de chegar a Deus pela própria razão, antes mesmo de se submeter ao testemunho da autoridade exterior.

Este trabalho vai especialmente dedicado às minhas irmãs e irmãos agostinianos, neste centenário — já por 16 séculos comemorado na Igreja — da conversão e batismo de nosso pai santo Agostinho.

Irmã Nair de Assis Oliveira, *CSA*
São Paulo, 1986
16º centenário da conversão de santo Agostinho

MENSAGEM DE JOÃO PAULO II AOS AGOSTINIANOS

Na visita pastoral do santo padre à Paróquia de santo Agostinho, em Roma, a 16 de fevereiro de 1986, assim se exprimiu o papa: "Esta minha visita pastoral realiza-se por ocasião das celebrações do XVI centenário da conversão de santo Agostinho e do seu batismo (386-387), e também da morte da sua piedosa mãe, santa Mônica, cujos restos mortais são venerados nesta igreja. Saúdo neste particular clima espiritual os padres agostinianos, a quem está confiado o cuidado pastoral deste centro histórico de Roma, exprimindo-lhes o voto de que as celebrações do Fundador de sua ordem religiosa sirvam para reforçar em todos os seus componentes, aquele ardente desejo de insaciável conhecimento de Cristo e aquele amor pela sua Igreja que distinguiu toda a vida daquele grande homem, teólogo e pastor, que deixou sinal indelével na história do Cristianismo" (L'Osservatore Romano, *23.02.86, n. 848, p. 12).*

I

Ocasião da obra

Após o batismo, em Milão, na Páscoa de 387, Agostinho decide levar vida monástica na África, juntamente com os seus amigos do retiro de Cassicíaco. Na viagem de volta, no outono do mesmo ano, em Óstia, dá-se o inesperado falecimento de sua santa mãe. Resolve, então, permanecer por mais algum tempo em Roma. Ao fixar-se, enfim, na sua cidade natal, a pequenina Tagaste, para iniciar a sonhada vida cenobítica de recolhimento e estudo e *"in otio deificari"*, consegue realizar o ideal por apenas uns dois anos. Numa visita de finalidade apostólica a um amigo, na vizinha cidade de Hipona, é efusivamente aclamado pelo povo: "Agostinho presbítero!" O velho bispo Valério estava necessitado de coadjutor... Levado pela urgência da caridade, sacrifica o nosso santo as suas aspirações monásticas.

É justamente daquele feliz período — entre a conversão e sua ordenação sacerdotal realizada em 391 — que se dá a redação da obra *"A verdadeira religião"*. Agostinho contava na ocasião 36 anos de idade.

A finalidade era atrair ao catolicismo o influente Romaniano, um de seus melhores amigos. Havia-o, há anos, seduzido à seita maniquéia. Ao converter-se, uma de suas principais preocupações foi de recuperar para a verdade aqueles a quem tinha persuadido ao erro. Visava, em especial, este seu antigo benfeitor e compatriota, pai do dileto discípulo Licêncio. O *"Contra Acadêmicos"*, diálogo filosófico redigido em Cassicíaco, em 386,

já lhe fora dedicado. Aí prometia redigir em sua intenção um tratado mais longo para ajudá-lo a encontrar a verdadeira religião. Teríamos gosto de saber se esta obra chegou a converter Romaniano. Infelizmente, possuímos apenas algumas referências vagas a Romaniano na correspondência com são Paulino de Nola (Carta 15,1).

II

Opiniões sobre "De vera religione"

A) Do próprio santo Agostinho:

1. Em sua obra de crítica e revisão das obras produzidas: *"Retractationes" (1,13.1):*

"Nessa ocasião (últimos meses de 389 ou início de 390), eu também escrevi um livro, o ***'De vera religione'*** ". Demonstra-se aí com numerosos e abundantes argumentos que o único verdadeiro Deus, isto é, a Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — deve ser honrado com religião verdadeira. Essa é a religião cristã, concedida aos homens pela imensa misericórdia de Deus, que se serviu de meios temporais. Decorre daí como o homem deve se dispor com docilidade *(suavitate)* a praticar esse mesmo culto a Deus. Contudo, é contra a teoria dos maniqueus, sobre as duas naturezas (a do bem e a do mal), que esse livro é sobretudo dirigido.

2. Na carta a Evódio, bispo de Uzalis (Ep. 162,2, do ano 415):

Em resposta à *carta 160,* em que Evódio consulta Agostinho sobre as provas da existência de Deus, este convida amavelmente seu amigo a rever as obras que compuseram juntos sobre o livre arbítrio e a espiritualidade da alma. Acrescenta: "Se não for bastante, leia com

atenção meu livro intitulado *De vera religione* e verá que não é a razão que obriga a afirmação de Deus, nem o raciocínio que deduz a necessidade de Deus existir. Assim como seria impróprio dizer: 7 e 3 devem fazer 10. Pois 7 e 3 não devem fazer 10, mas são 10. Do mesmo modo Deus não *deve ser* sábio, mas *é* sábio". Nós diríamos em outros termos: Deus não é um postulado de nossa razão.

B) De teólogos e historiadores:

1. De Fr. Victorino Capánaga ORSA, em BAC IV *"De la Verdadera Religion" Introduccion*

Santo Agostinho, na época em que escreveu o *"De vera religione"*, ainda simples leigo, vai tomando íntima posse do cristianismo e aprofundando os grandes temas da cultura religiosa. Uma das características que mais realçam neste pequeno livro é a robustez e plenitude das idéias, a solidez de sua arquitetura... É o santo Agostinho dos melhores tempos, com a elasticidade admirável de seu espírito e a imensa força de sua humanidade... A obra, ainda que pertença ao ciclo da polêmica antimaniquéia, pelo fato de estar fundada em grandes princípios metafísicos, religiosos e históricos, oferece horizonte católico e universal. Suas idéias gozam até hoje do mesmo viço e vigor que refulgiam naquele tempo... Nestas páginas sintéticas e pioneiras dos ensinamentos doutrinais do santo Doutor, estão condensadas as mais ricas essências do espírito agostiniano, em torno de problemas máximos da cultura religiosa: Religião, Cristianismo, Igreja católica.

2. De J. Pegon SJ, *"Oeuvres de saint Augustin", vol. 8, La foi chrétienne: "La vraie religion", Introduction, p. 12ss:*

O *"De vera religione"* vem coroar pelo ano 390, todo trabalho de pensamento de santo Agostinho (elaborado após sua conversão, no retiro de Cassiciaco, em Roma e no cenóbio de Tagaste). Será ordenado padre pouco tempo depois, aos 36 anos. Na apologética moderna, "A ***Verdadeira religião***" lembra um tratado didático mais ou menos centrado em tese deste gênero: o cristianismo é a única religião divinamente revelada, porque a única autenticada por sinais divinos, dos quais os principais são: o milagre e a profecia... A unidade da obra não é a de uma tese agrupando argumentos sucessivos, mas aparece bem nítida, ao termo de uma análise conscienciosa, tal um tema constantemente retomado em orquestrações variadas que acabam se impondo.

3. De P. Batiffol, em *"Le catholicisme de Saint Augustin", p. 13:*

"Composto entre 389 e 391 — um pouco antes do ***De utilitate credendi,*** o ***De vera religione*** é um tratado de conhecimento racional de Deus. Uma demonstração de sua existência, contra os pagãos. Um desenvolvimento desta tese: A razão pode se elevar do visível ao invisível, e do presente ao eterno, independentemente da autoridade e antes dela (cf. 29,52 e 39,72). É a mesma doutrina de Rm 1,20... A verdade não é engodo e o homem pode, por sua única razão atingi-la".

4. De F. Van der Meer, em *"Saint Augustin, pasteur d'âmes", I, p. 32:*

"Agostinho escreveu a brilhante obra-prima intitulada ***"De vera religione"***, onde se pode encontrar para

essa época, o mais belo ensaio sobre a essência do cristianismo".

E à p. 74: "O autor da maravilhosa pequena obra intitulada *"De vera religione"* era pessoa preparada mais do que ninguém, para dar informações sobre o cristianismo a um pagão".

5. De P. Portalié,
Dict. de théologie catholique, "Augustin":

"É uma pequena obra-prima de apologética — não só contra os maniqueus, mas contra qualquer infiel".

C) Pequena notícia sobre o *"utilitate credendi"*, obra semelhante à "A verdadeira religião", datada de 391:

A obra traz um relato de sua conversão e dos motivos que a determinaram. Revela o pensamento de Agostinho sobre a Igreja considerada como autoridade. Mostra como o conhecimento natural de Deus, precede todo apelo à autoridade divina. O grande tema é o relacionamento entre a razão e a fé. É dedicada a Honorato, que o havia seguido no maniqueísmo. Os argumentos são muito semelhantes ao *"De vera religione"*.

III

Síntese ideológica do livro

Prólogo *(caps. 1-6)*

Os primeiros capítulos da obra parecem-se com os de uma obra apologética geral. Vemos o fato de o cristianismo levantar-se em face do paganismo e a Igreja católica diante de seitas heréticas. Afirma santo Agostinho que o paganismo não chegou a formar uma religião digna desse nome, visto que religião é o conjunto de um culto, de uma moral e de uma doutrina, capazes de conduzir o homem à felicidade. O paganismo apresenta incoerências escandalosas entre culto, doutrina, sacerdócio e filosofia. O culto é supersticioso, criticado e desprezado pelos filósofos. Estes costumavam procurar o caminho de uma vida boa e feliz. Em vão, porém, o fizeram, porque o ideal moral entrevisto, não o conseguiram pôr em prática, muito menos o impor ao gênero humano (4,6). Muito ao contrário, o cristianismo — e Agostinho o proclama com entusiasmo — conseguiu implantar por toda parte, não somente a sua doutrina, mas também costumes novos. Se os filósofos pagãos fossem sinceros deveriam reconhecer as suas aspirações realizadas pelo cristianismo, e ainda de modo superior ao desejado. Que não seja objeção o fato de o cristianimso sofrer também explicações diversas na sua moral, seu culto e sua doutrina. Ao surgirem seitas aberrantes, a única Igreja católica rejeita-as logo, num movimento de auto-

defesa, tirando partido de tudo para a formação do novo povo espiritual. Daí a utilidade das heresias (6,10).

Primeira parte:
Apresentação da obra — Os grandes temas *(caps. 7-10)*

Dirigindo-se a Romaniano, Agostinho mostra-lhe — se assim se pode dizer — a essência do catolicismo: a restauração divina da humanidade realizada na História (7,13). Quem quiser entrar nesta "economia de salvação" deve começar por crer nela "confiando-se inteiramente na autoridade". Mais tarde, será percebida não somente a perfeição teórica da dogmática cristã, mas "seu relacionamento com a misericórdia que Deus manifesta para com o gênero humano" (8,14). A origem do erro em matéria de religião é que a alma se afasta do Deus imutável para se apegar ao temporal. Portanto, se tomaniano quiser se aproveitar da leitura desta obra, deve retificar suas disposições morais.

Segunda parte:
A teoria do mal *(caps. 11-17)*

Começa a demonstração da verdade da religião católica — não em si mesma — mas em relação ao maniqueísmo. Contra a cosmogonia dualista maniquéia, santo Agostinho, por duas vezes, afirma o monismo cristão. Num primeiro esboço, mostra-nos a vida às voltas com a morte. Deus é o autor da vida, somente. Se a vida inclina-se para a morte é por uma falta voluntária contra a ordem estabelecida por Deus. Todo mal se reduz ao pecado, abuso desse livre arbítrio — desconhecido dos maniqueus — e ao castigo do pecado. Alteração, queda, corrupção, multiplicidade — esses males aparecem

como perpétua desagregação orientada para o nada ou a perversão. Depende do homem, porém, opor-se a isso, pelo esforço contínuo de voltar à unidade divina (12,24). No próprio castigo, Deus colocou o remédio. Deu-nos com Cristo, a possibilidade de efetuar esse grande retorno do múltiplo e mutável, ao Uno imutável. A obra do Salvador é descrita num inciso (Cap. 16,30-32). No n. 33, é apresentado o princípio sacramental da religião.

Terceira parte:
A bondade da criação e a origem do mal *(caps. 18-23)*

Santo Agostinho retoma, aprofundando-a, a doutrina da origem do mal. O mal é possível porque os seres criados não possuem o Ser absoluto e podem, portanto, mudar. Define-se então, como perda da saúde-integridade ***(salus),*** devida a uma alteração-paixão ***(vitium).*** Contudo, ainda uma vez, é lembrado que o universo em vir-a-ser é bom. O mal, que é contra a natureza, vem do homem. A cura ou restauração é sempre possível.

Quarta parte:
A salvação do homem pela via da autoridade *(caps. 24-28)*

Santo Agostinho entra no ponto alto de seu tema. Mostra em pormenores como a religião católica realiza integralmente o programa de salvação até então apenas esboçado. Nessa nova ordem, o homem penetra aderindo pela fé, a um testemunho superior ***(auctoritas),*** que prepara o caminho para a reflexão espiritual ***(ratio).*** O papel da autoridade é justificado pelo que poderia ser

chamado: uma necessidade pedagógica. Mergulhados no temporal, temos necessidade de "tratamento temporal que chama à salvação, não os sábios, mas os crentes" (24,45). Deus vai reeducar progressivamente, como bom pedagogo, não somente cada indivíduo, mas todo o gênero humano, pela autoridade. E Agostinho, recorrendo a uma idéia que lhe é cara, aplica-se a nos mostrar as diversas idades da humanidade, em seu retorno a Deus (27,50).

Quinta parte:
A salvação do homem pela via da razão *(caps. 29-36)*

Aplicando-se sobre os dados da fé, a ***"ratio"*** vai efetuar sua "ascensão do visível ao invisível, e do temporal ao eterno". Sendo faculdade de julgar, ela refere-se em cada um de seus atos a uma norma suprema de harmonia, de beleza, de unidade. Norma essa, não somente suposta como ideal, mas percebida como realidade. Unidade absoluta, ela transcende o tempo e o espaço, sendo acessível não aos sentidos, mas somente ao espírito ***(mens).*** Os sentidos apenas fornecem os seus dados passiva, involuntariamente e, portanto, sem mentir. A razão trabalha sem cessar, a trazer o múltiplo mutável ao Uno imutável e à Verdade (35,65).

Sexta parte:
A tríplice restauração operada pela reflexão *(caps. 37-54)*

Todo erro religioso implica sempre desvio moral ***(turpitudo).*** Já descobrimos acima, a origem da impiedade e da idolatria, pela análise e crítica da sensação.

Acontece que a razão deixa-se dominar pelos sentidos, mergulha no temporal, "toma as obras, ao mesmo tempo pela arte e pelo artífice", e rende-lhe culto. Deparamos assim, com diversos cultos idolátricos: o do ser vivo, da alma racional, da vida fecunda, dos corpos celestes, e mesmo do próprio corpo. Todas essas idolatrias chegam, afinal, a uma espécie de agnosticismo (38,69). Tal agnosticismo revela-se a mais vil de todas as idolatrias, porque cai na tríplice escravidão das paixões definidas por são João como "concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, e orgulho das riquezas" (1Jo 2,16). Por felicidade, a providência de Deus intervém: a obra de Cristo, sabedoria e verdade divina encarnadas, permite à *ratio* agir, "apoiando-se lá mesmo onde o homem caíra". A reflexão operará a tríplice restauração, a qual libertará o homem de sua tríplice escravidão. Santo Agostinho estende-se magnificamente sobre o encontro da verdade no próprio coração (39,72). Mostra-nos, ao concreto, todo o trabalho da conversão, da volta. Assim, a volúpia, o orgulho e a curiosidade servirão para reconquistar os grandes bens: a beleza, a liberdade e o saber, dos quais são apenas sombras.

Conclusão *(cap. 55)*

Romaniano e os queridos amigos de Tagaste são exortados "a correr para a meta, à qual Deus nos chama por seu Filho, a sabedoria".

Sumário do texto

Prólogo

Cap. *1. Divergências religiosas entre filósofos e povo* 34
1. A religião pagã: incoerências..... 34
2. Opinião de Sócrates sobre os deuses..... 35
3. A vitória do cristianismo..... 36
3. Platão questionado..... 36
4. A ação salvadora de Cristo..... 38
5. A transformação operada pela Igreja.. 39
4. Impotência do paganismo e eficácia do cristianismo..... 41
6. O ideal não realizado pelos filósofos pagãos..... 41
7. Se voltassem, ter-se-iam feito cristãos.. 42
5. Critérios para a busca da verdadeira religião..... 42
8. A coerência entre ensino e prática. 42
9. Cristão-católicos: os guardiãos da integridade..... 43
6. Sentido providencial das heresias..... 44
10. Destino dos hereges e cismáticos... 44
11. Os justos perseguidos na Igreja..... 45

Primeira parte
OS GRANDES TEMAS

7. Motivos de adesão à Igreja católica..... 47
12. Traços fundamentais da verdadeira religião..... 47
13. Restauração divina da humanidade

realizada na história..... 48
8. A dupla via: fé e razão..... 49
14. Fiando-nos na autoridade, primeiro acreditamos..... 49
15. Conveniência das heresias..... 50
9. Diante dos erros maniqueus..... 50
16. Os dois princípios e as duas almas.. 50
17. A fé católica ao abrigo dos ataques..... 51
10. Origem dos erros em matéria religiosa.. 52
18. O único Deus a ser adorado..... 52
19. A religião perfeita..... 52
20. Métodos de autodefesa..... 53

Segunda parte
A TEORIA DO MAL

11. Origem da vida e da morte..... 54
21. Deus, a forma incriada..... 54
22. O mal: o menos ser..... 55
12. O desligamento de Deus..... 55
23. Razão da queda do primeiro homem.. 55
24. Volta a Deus: da dispersão ao Uno.. 56
25. A restauração final de nosso corpo.. 57
13. A queda dos anjos..... 58
26. Amaram-se mais a si mesmos do que a Deus..... 58
14. O pecado vem do livre arbítrio..... 59
27. Pecar é sempre ato voluntário..... 59
28. Os benefícios da liberdade..... 60
15. A sanção do pecado..... 60
29. Benignidade de Deus: estímulo para o reerguimento..... 60
16. Benefícios da Encarnação do Verbo..... 61
30. O Filho de Deus assume o homem.. 61
31. Cristo: Deus e homem..... 62

32. Cristo:
Mestre de vida e Causa exemplar.. 63
17. Excelência da doutrina expressa nos dois Testamentos..... 64
33. Os sinais sagrados..... 64
34. A unidade de origem dos dois Testamentos..... 65

Terceira parte
BONDADE DA CRIAÇÃO E ORIGEM DO MAL

18. A criação é algo de belo e bom..... 67
35. Beleza e defectibilidade das criaturas..... 67
36. Todo ser vem de Deus..... 68
19. Os seres são bons, mas deterioráveis..... 69
37. Só Deus é o sumo Bem..... 69
20. Origem da defectibilidade da alma..... 69
38. Definição do pecado original..... 69
39. O mal vem das más ações e de suas conseqüências..... 70
40. As loucas imaginações maniquéias. 71
21. Origem das ilusões da alma..... 73
41. A alma seduzida pela fugaz beleza dos seres corpóreos..... 73
22. Nada do que é belo desagrada aos justos.. 74
42. A beleza métrica dos versos..... 74
43. A história
— poema de sílabas sucessivas..... 74
23. O vício é contra a natureza da alma..... 76
44. A beleza da restauração final..... 76

Quarta Parte
A SALVAÇÃO PELA FÉ NA AUTORIDADE

24. A pedagogia divina..... 78
45. Do sensível ao invisível..... 78

25. O critério da autoridade: história e profecia 79
46. Discernir em quem crer 79
47. Milagres: sinais visíveis 80
26. As idades do homem 81
48. O homem velho: exterior e terreno.. 81
49. O homem novo: interior e espiritual.. 82
27. As idades da humanidade 83
50. O processo evolutivo 83
28. As normas da pedagogia adotada 84
51. A ação dos profetas e dos evangelizadores 84

Quinta parte
A SALVAÇÃO PELA RAZÃO

29. A reflexão: caminho da verdadeira religião 86
52. A contemplação do espetáculo da natureza 86
53. A possibilidade de julgar: a grande superioridade do homem.. 87
30. As verdades eternas, superiores à nossa razão 87
54. A percepção da Verdade no julgamento do espírito 87
55. A harmonia exige a Unidade 89
56. Acima de nossos juízos: a Lei imutável 89
31. A lei suprema do julgamento: Deus e sua Verdade 91
57. Acima da razão: só Deus 91
58. A Verdade: o julgamento do Verbo 92
32. Só o espírito percebe o Ordenador de nossos juízos 93

59. Diálogo com um arquiteto..... 93
60. Os vestígios da Unidade..... 94
33. Veracidade do testemunho dos sentidos.. 95
61. Análise da sensação..... 95
62. Os sentidos e suas limitações..... 96
34. Juízo sobre as imagens..... 97
63. Perigo da inversão dos valores..... 97
64. Falsidade das fantasias da imaginação..... 98
35. Dedicar-se ao conhecimento de Deus.... 99
65. A alma pacificada submete-se plenamente a Deus..... 99
36. O Verbo de Deus — a própria Verdade.. 100
66. Assemelhar-se ao Verbo — verdade e imagem perfeita do Uno.. 100
67. A origem do pecado..... 101

Sexta parte
A TRÍPLICE RESTAURAÇÃO OPERADA PELA REFLEXÃO

37. A servidão da impiedade..... 102
68. Adorar as criaturas em lugar de Deus..... 102
38. A adoração da tríplice concupiscência... 103
69. Escravidão dos adoradores do próprio eu..... 103
70. Como são vencíveis as concupiscências..... 104
71. Triunfo de Jesus sobre a tríplice tentação..... 105
39. Retornar dos vícios à primeira beleza.... 106
72. A Verdade habita no coração do homem..... 106
73. A Verdade encontra-se mesmo na certeza da dúvida..... 107

40. A ordem e a beleza reconhecidas pela reflexão 108
74. A beleza do corpo humano 108
75. A intervenção da Providência 109
76. Critérios para o reto julgamento 110
41. O belo encontra-se até no castigo do pecado 111
77. A beleza ascendente das criaturas .. 111
78. Exercer o poder viril do autodomínio 113
42. A primeira restauração: a reflexão — remédio contra a concupiscência da carne .. 114
79. Refletir sobre a vitalidade da natureza 114
43. Valor da possibilidade humana de julgar .. 116
80. Refletindo sobre a proporção das coisas 116
81. A meta de chegada: o Pai da Sabedoria 117
44. O homem unificado 118
82. Ser governado pelo espírito 118
45. A segunda restauração: a caridade — remédio contra a soberba .. 119
83. A metáfora do cocheiro e o coche .. 119
84. No orgulho: um apetite de infinito .. 120
85. O desejo de se tornar invencível 120
46. O orgulho vencido pela caridade 121
86. Invencível é aquele que ama a Deus e ao próximo 121
87. A regra da caridade 122
88. Amar os familiares acima dos liames carnais 122
89. Todos somos irmãos 123
47. O amor ao próximo torna-nos justos 124
90. A caridade não é invejosa 125
91. Retrato do homem fraterno 125

92. O homem justo..... 126
48. A justiça perfeita..... 127
93. Amar mais o que vale mais..... 127
49. A terceira restauração: A busca da Verdade primeira — remédio contra a vã curiosidade..... 128
94. O deleite de se descobrir a verdade.. 128
95. A sedução das diversões e da vã curiosidade..... 129
96. A verdadeira luz a ser procurada... 130
97. O fim do processo de busca..... 130
50. Regras para a interpretação da Revelação..... 131
98. A estratégia da Providência..... 131
99. Investiguemos os Livros sagrados.. 132
51. O valor das Sagradas Escrituras..... 133
100. Exortação ao estudo bíblico..... 133
52. As concupiscências: degraus para as virtudes..... 134
101. Do temporal ao eterno..... 134
53. As aspirações dos insensatos e as dos sábios..... 135
102. Opções insatisfatórias..... 135
103. Boas opções..... 136
54. Relação entre culpa e castigos..... 137
104. O revés da medalha..... 137
105. Mau uso dos talentos..... 138
106. Bom uso dos talentos..... 138

CONCLUSÃO

55. Exortações..... 140
107. Não amemos as concupiscências.... 140
108. Guardemo-nos dos falsos cultos.... 140
109. Ainda prevenções contra falsos cultos..... 141

110. O culto aos anjos..... 142
111. Libertar-se dos falsos temores..... 143
112. Adorar ao Deus trino unicamente.. 144
113. Aderir ao Pai, ao Filho
e ao Espírito Santo..... 145

Sumário das notas complementares

1. A idéia de religião..... 147
2. A condenação de Sócrates por ateísmo..... 147
3. O fracasso dos filósofos pagãos..... 148
4. A cristologia de santo Agostinho..... 148
5. O argumento da expansão da Igreja..... 148
6. Cf. n. 3: O fracasso dos filósofos pagãos.... 149
7. Santo Agostinho e o neoplatonismo..... 149
8. Agostinho apologista..... 150
9. Apóstrofe à Igreja, senhora da verdade..... 151
10. A utilidade das heresias..... 151
11. Católicos injustamente excomungados..... 152
12. Motivos de adesão à Igreja católica..... 152
13. O vestígio trinitário nas coisas..... 152
14. Na escola da autoridade..... 153
15. As heresias podem ser úteis..... 153
16. A luta contra os erros maniqueus..... 154
17. "As duas almas contra os maniqueus"..... 154
18. Condições da alma e do corpo..... 154
19. A religião cristã existia antes de receber esse nome..... 155
20. Deus ajuda a todos sem distinção..... 155
21. Deus: a fonte da vida, do belo e do bem.... 156
22. "Nequitia": o não ser..... 156
23. O pecado original visto por um teólogo da atualidade..... 157
24. A situação da humanidade..... 157
25. O corpo espiritual na glória..... 158
26. A malícia do demônio..... 158
27. Haverá pecados involuntários?..... 158

28. Servir a Deus livremente..... 158
29. O sabor agostiniano na liturgia..... 159
30. A Cristologia da Encarnação
em santo Agostinho..... 159
31. A nova era da liberdade..... 160
32. A doutrina dos costumes,
da natureza e da razão..... 160
33. O princípio sacramental da religião cristã.... 160
34. O plano destes últimos capítulos..... 161
35. O otimismo metafísico agostiniano..... 162
36. Forma: a idéia divina. A *sanitas:* integridade.. 162
37. O vício prejudica a saúde-integridade..... 163
38. Análise da essência do pecado..... 164
39. O mal: perversão da vontade..... 164
40. Imaginação e inteligência..... 164
41. A origem da idolatria..... 165
42. O espírito poético de Agostinho..... 165
43. O processo estético da História..... 166
44. Visão sintética da apresentação
do problema do mal..... 166
45. O tema capital: a autoridade e a razão..... 168
46. A dupla economia da salvação..... 169
47. O milagre no cristianismo..... 169
48. O papel pedagógico da autoridade..... 170
49. Do homem velho ao novo..... 170
50. A contínua e premeditada evolução..... 171
51. Os varões insignes e espirituais da Igreja..... 171
52. A vã curiosidade na contemplação..... 172
53. A superioridade do espírito
e da capacidade de julgar..... 172
54. Idéias estéticas de Agostinho..... 172
55. Argumentos ideológicos de prova
da existência de Deus..... 173
56. O salto para a transcendência..... 173
57. A Verdade: primeira e soberana essência..... 174
58. O Verbo: Arte de Deus onipotente..... 174

59. A objetividade do belo e a arte moderna.... 175
60. A Unidade eterna: fonte de toda beleza..... 175
61. A honestidade de nossos sentidos..... 176
62. Contemplar a suma Beleza pelo espírito..... 176
63. A volta ao Uno..... 176
64. Os obstinados maniqueus..... 177
65. A inquietude humana e a quietação..... 177
66. Princípios racionais da verdade..... 178
67. O pecado: preferir a obra ao Artífice..... 179
68. Evolução do conceito de Deus
em santo Agostinho..... 179
69. O ateísmo e a idolatria..... 180
70. Conseqüências do agnosticismo..... 181
71. O estudo das concupiscências..... 181
72. O princípio da interioridade..... 182
73. Onde habita a Verdade..... 182
74. Todo ser tem seus números secretos..... 183
75. A vitória sobre os agentes do mal..... 184
76. O princípio de totalidade..... 184
77. A ordem: ordenação para um fim..... 185
78a. Relatividade nos julgamentos morais?..... 185
78b. O elemento viril da mulher..... 185
79. O poder restaurador da reflexão..... 186
80. A volta à primeira beleza
pelo julgamento crítico..... 187
81. O Absoluto..... 187
82. A estabilidade do homem..... 188
83. A antropologia neoplatônica..... 188
84. O aspecto psicológico e metafísico do pecado.. 189
85. Freud e Adler prenunciados..... 189
86. O ideal: a comunhão na caridade..... 190
87. O amor devido à pessoa humana..... 191
88. Haveria parentescos sem o pecado original?.. 191
89. O amor aos familiares..... 192
90. Santa Teresa de Ávila e santo Agostinho..... 193
91. Agostinho, modelo de amor fraterno..... 193

92. O livro "A imitação de Cristo"
e santo Agostinho..... 194
93. A ordem no amor..... 194
94. O anelo pela Verdade eterna..... 194
95. A pedagogia do espírito..... 195
96. Os erros dos maniqueus..... 195
97. O processo *"in infinitum"*..... 195
98. A escravidão dos fantasmas da imaginação.. 196
99. Os diversos sentidos das Escrituras..... 196
100. O amor de santo Agostinho pela Bíblia..... 197
101. As sombras da verdadeira realização..... 197
102. A dialética agostiniana
sobre as concupiscências..... 198
103. Os sábios e os estultos..... 198
105. A multidão dos insensatos..... 198
107. Correr até aonde Deus nos chama..... 199
108. Os falsos cultos de nossos dias..... 199
110. Honrar os anjos com amor
e não com adoração..... 199
111. A origem do termo "religião"..... 199
112. Os espíritos malignos..... 200
113. Nossa ligação com Deus..... 200

TEXTO

Prólogo

Capítulo 1

Divergências religiosas entre filósofos e povo

A religião pagã: incoerências

1 O caminho de toda vida boa e feliz é encontrado na verdadeira religião*. Por ela, é adorado o único Deus, com piedade muito pura. E é ele reconhecido como o princípio de todos os seres, origem, aperfeiçoamento e coesão de todo o universo.

Assim, é por aí que melhor se manifesta o erro dos pagãos. Em vez de adorarem o único verdadeiro Deus, Senhor de tudo, preferiram adorar muitos deuses. Seus sábios — os renomados filósofos — adotavam para si mesmos outras doutrinas. Freqüentavam, porém, os mesmos templos do povo. Mas tanto a este como aos sacerdotes, era notória a maneira de pensar dos filósofos sobre a natureza dos deuses. Eles não receavam manifestar publicamente as suas opiniões. Esforçavam-se mesmo por persuadir aos demais, o quanto podiam. Apesar disso, acompanhados de seus discípulos — divididos entre si por opiniões divergentes — sem que ninguém lhes proibisse, acorriam todos aos templos, para o culto comum. Não se pretende aqui saber quem dentre eles pensava com justeza, mas na verdade, a meu ver, isto era evidente: em matéria de religião, abraçavam publicamente as crenças religiosas, conforme o sentir do povo, mas em

* Os asteriscos indicam que a frase se encontra em latim, no final do livro, p. 210, com o número correspondente.

particular, mantinham crenças diferentes, e isso ao conhecimento do mesmo povo.

Capítulo 2

Opinião de Sócrates sobre os deuses

Sócrates mostrou-se mais ousado do que os outros 2
filósofos. Em ocasião de juramento solene, chegou a jurar em nome de um cachorro, em nome de uma pedra ou de qualquer outra coisa que lhe caísse às mãos. Creio que ele julgava toda obra da natureza, produzida sob as leis da Providência divina, avantajar-se de muito aos objetos feitos por homens rudes ou artistas. Considerava-as assim, mais dignas de honras divinas do que as estátuas veneradas nos templos. Não que julgasse serem as pedras ou os cachorros dignos da adoração dos sábios, mas queria fazer compreender aos que fossem capazes disso, em que abismo de superstição estavam mergulhados os homens. Os capazes de sair desse abismo deveriam denunciar como imoral tal prática idolátrica. E caso tivessem vergonha de adotar semelhante atitude de denúncia, que ao menos reconhecessem ser essa abstenção uma atitude ainda mais imoral que a do povo idólatra.

Do mesmo modo, Sócrates fazia notar aos que tomavam como deus supremo a este mundo visível, a sua insensatez, mostrando que isso os levaria a julgar legítimo adorar uma pedra como partícula do deus supremo. E no caso de julgarem tal coisa repugnante, teriam de mudar sua maneira de ver e pôr-se em busca do único deus, pois só ele está acima de nossas mentes, e como consta, toda alma e o mundo inteiro foram por ele fabricados.

Após Sócrates, vem Platão, escritor mais agradável do que persuasivo. Esses filósofos não foram feitos para levar a crença de seus compatriotas do culto supersti-

cioso dos ídolos e da vaidade deste mundo ao culto verdadeiro do verdadeiro Deus. O próprio Sócrates venerava os ídolos com o povo. E depois de sua condenação à morte, ninguém mais ousou jurar em nome de um cachorro, nem dar a qualquer pedra o nome de Júpiter. Contentaram-se de confiar isso à lembrança de textos escritos. — Seria por temor de medidas severas de repressão ou por alguma condição particular daquele tempo? Não está em mim decidir tal questão.

Capítulo 3

A vitória do cristianismo

Platão questionado

3 Não ofendendo àqueles que obstinadamente se apegam aos livros desses filósofos, eu direi com plena segurança, que nesta era cristã já não há lugar para dúvidas sobre a religião a que se deve aderir de preferência a todas as outras. Só ela leva, de fato, à verdade e à felicidade.

Suponhamos que Platão vivesse atualmente e não se recusasse às minhas perguntas. Ou melhor, suponhamos que algum discípulo seu, no tempo em que ele vivia, o interrogasse sobre essa questão. Receberia a seguinte explanação:

— que a verdade não é captada com os olhos do corpo, mas com a mente purificada. Toda alma, tendo-a encontrado, pode se tornar feliz e perfeita;
— que ao conhecimento da verdade nada se opõe tanto quanto a corrupção dos costumes e as falsas imagens corpóreas que através dos sentidos exteriores imprimem-se em nós, oriundas do mundo visível, tornando-se fonte de erros e opiniões diversas;

— que, pela mesma razão, antes de tudo deve-se cuidar da alma, para que possa contemplar o exemplar imutável das coisas e a beleza incorruptível, absolutamente igual a si mesma, sem divisão no espaço e sem variação no tempo, mas sendo sempre a mesma, e idêntica em todos os seus aspectos. Beleza essa cuja existência os homens negam, apesar de ser única, verdadeira e suma;
— que tudo mais está sujeito a nascer, a morrer, a mudar, a errar;
— que, enquanto existem, subsistem por terem sido formados pela verdade do eterno Deus;
— que, entre todos os seres existentes, só foi dado à alma racional e intelectual, o privilégio de encontrar as suas delícias na contemplação da divina eternidade, de participar e transformar-se nela até poder merecer a vida eterna;
— mas que enquanto a alma espiritual e intelectual deixar-se prender pelo amor e o peso das coisas passageiras e inconsistentes, e afeiçoar-se aos costumes da vida presente e aos sentidos do corpo, dissipar-se-á em fantasias quiméricas. Daí, serem ridicularizados os que afirmam a existência do mundo invisível, o qual transcende a imaginação e é perceptível unicamente pelo espírito e pela inteligência.

Suponhamos que Platão tenha persuadido a seu discípulo de tais ensinamentos, e que este lhe perguntasse: "No caso de um homem excelente e divino convencer os povos dessas verdades, ainda mesmo que eles não as conseguissem compreender — ou que esse homem se conservasse a si mesmo imune dos erros vulgares, sem se deixar arrastar pela força da opinião pública — julgarias ser ele digno de honras divinas?"

Penso eu que Platão teria respondido que isso não poderia ter sido feito por simples homem, mas só se a

força e a sabedoria de Deus tivessem escolhido alguém que fosse substraído das leis da natureza*, sem mesmo passar pelo ensinamento humano, e assim fosse formado por uma luz interior desde o berço, agraciado por tanta graça e robustecido por tal firmeza, elevado a tal majestade, que — desprezando tudo quanto os homens apetecem, inclinados que são ao mal, e padecendo tudo quanto para eles é objeto de horror, e além disso realizando tudo o que eles admiram — pudesse converter todo o mundo a uma fé assim salutar, por força do amor e da autoridade.

E quanto à resposta sobre as honras divinas que tal homem mereceria, eu julgo supérflua a pergunta, por ser fácil compreender quanta honra de fato merece a sabedoria de Deus, visto que é sua ação e governo que valeram a esse homem a verdadeira salvação do gênero humano, e merecimento pessoal imenso.

A ação salvadora de Cristo

4 Ora, essas suposições já estão realizadas e são celebradas em escritos e monumentos. Partindo de uma região da terra onde o único Deus era adorado e onde convinha ter nascido tal homem, varões eleitos foram enviados por todo o orbe, e com seus exemplos e palavras suscitaram incêndios de amor divino. Depois de terem confirmado a doutrina da salvação, deixaram a seus sucessores terras iluminadas pela fé. E para não falarmos só do passado, pois poderia alguém esquivar-se de crer, hoje mesmo são anunciadas a todas as raças e povos estas verdades: ***"No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus*** e ***o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito de tudo o que existe"*** (Jo 1,1-3). A fim de que a alma conheça a alegria que salva e torna o espírito bastante esclarecido para receber luz tão brilhante, é

dito aos avarentos: *"Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os destroem, e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros nos céus, onde nem a traça nem o caruncho destroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam, pois onde está o teu tesouro aí estará também o teu coração"* (Mt 6,19-21). É dito aos luxuriosos: *"Quem semear na sua carne, da carne colherá corrupção; quem semear no espírito, do espírito colherá a vida eterna"* (Gl 6,8). É dito aos soberbos: *"Todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado"* (Lc 14,11). É dito aos irascíveis: *"Aquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda"* (Mt 5,39). É dito aos disputadores: *Amai os vossos inimigos"* (ibid., 44). É dito aos supersticiosos: *"Eis que o Reino de Deus está no meio de vós"* (Lc 17,21). É dito aos curiosos: *"Não olhamos para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem; pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno"* (2Cor 4,18). E afinal, é dito a todos: *"Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo — a concupiscência da carne, e a concupiscência dos olhos e o orgulho das riquezas — não vem do Pai, mas do mundo"* (1Jo 2,15,16).

A transformação operada pela Igreja

Se, pois, tais palavras são lidas em nossos dias, aos **5** povos espalhados por todo o mundo e ouvidas com sumo prazer e veneração;

— se depois de tanto sangue derramado, de tantas fogueiras, de tantas cruzes, de mártires, as igrejas multiplicaram-se com maior fertilidade e abundância, até junto a povos bárbaros;
— se já ninguém se admira de tantos milhares de jovens

e virgens renunciarem ao matrimônio e abraçarem a vida cristã — coisa que Platão por tê-lo feito, temeu de tal modo a perversa opinião de seu século que voltou a conceder à natureza, para ver esquecido esse seu passado, como se fora manchado por falta grave;

— se todas essas coisas são acolhidas agora de tal modo que — se antes era algo inaudito o argumentar em seu favor — atualmente o é, colocar-se contra elas;

— se em todas as regiões do mundo habitado são comunicados os santos mistérios cristãos aos que os acolhem e se propõem a segui-los;

— se esses mistérios são propostos todos os dias nas igrejas, e comentados pelos sacerdotes;

— se os que se esforçam por segui-los, batem no peito, arrependidos;

— se são tão inumeráveis os que assumem tal forma de vida que deixando as riquezas e as honras do mundo, vão-se enchendo as ilhas antes desertas e a solidão de muitos lugares, na afluência de homens de todas as classes, desejosos de consagrar sua vida ao Deus supremo;

— se finalmente, pelas cidades e aldeias, pelos castelos e bairros e até pelos campos e granjas particulares tão manifestamente é persuadido e desejado o afastamento do mal e a conversão ao único e verdadeiro Deus, que diariamente o gênero humano, espalhado por todo o orbe quase que responde a uma só voz "que têm o coração levantado para o Senhor" ***(Sursum corda se habere ad Dominun);***

— por que havemos de continuar nos aborrecendo na dissipação do passado e esquadrinhar ainda, oráculos divinos nas entranhas de animais mortos? E quanto à discussão de problemas, por que retermos nos lábios o nome sonoro de Platão em vez de enchermos o coração com a verdade?

Capítulo 4

Impotência do paganismo e eficácia do cristianismo

O ideal não realizado pelos filósofos pagãos

Será preciso refutar com novas razões aqueles que **6**
consideram como inútil ou mau o menosprezo deste mundo sensível, a purificação moral da alma e sua submissão total ao Deus supremo. Isso no caso de valer a pena discutir com tais pessoas.

Que aqueles que confessam dever seguir o bem, que reconheçam a Deus, submetam-se a ele, já que todos os povos estão convencidos de que devem nele crer*. Sem dúvida, os incrédulos também o creriam se se dispusessem a isso. E se não o fazem não podem evitar o pecado de má fé. Rendam-se, pois, àquele que operou este fato maravilhoso. A curiosidade e a vanglória não lhes sirva de obstáculo para reconhecerem a diferença existente entre as tímidas conjeturas de reduzido grupo de pensadores e a salvação manifesta na restauração universal.

Se aqueles grandes homens cujos nomes são exaltados tivessem que viver segunda vida entre nós e se deparassem com as igrejas repletas e os templos pagãos vazios, o gênero humano vocacionado, pronto a deixar a cobiça dos bens temporais e passageiros, correndo ao encalço da esperança da vida eterna e dos bens espirituais e superiores — então talvez, esses grandes pensadores pagãos exclamassem assim — isso no caso de serem tão dignos como é sua fama: — Eis o ideal que nós não ousamos realizar: convencer os povos. Cedemos mais a seus costumes do que os atraímos às nossas convicções e aspirações.

Se voltassem, ter-se-iam feito cristãos

7 Portanto, se aqueles filósofos pudessem voltar à vida conosco, reconheceriam, sem dúvida, a força da Autoridade, que por vias tão simples operou a salvação da humanidade e — mudando algumas palavras e sentenças *(paucis mutatis verbis atque sententiis)* — ter-se-iam feito cristãos, como vimos que se fizeram muitos platônicos modernos de nossa época.

Ou se não professassem isso, negando a fazê-lo por soberba, obstinação ou inveja, eu duvido que fossem capazes de erguer as asas do ideal — enviscadas pela sordidez — em vez de as alçarem àquelas mesmas alturas a que todos deveriam apetecer e procurar, conforme o próprio parecer desses filósofos.

Ignoro se a tais varões um terceiro vício seria impedimento: a curiosidade de consultar demônios — o que afasta da salvação cristã os pagãos com que atualmente lidamos. Essa curiosidade parece-me por demais pueril para poder ter sido obstáculo àqueles filósofos.

Capítulo 5

Critérios para a busca de verdadeira religião

A coerência entre ensino e prática

8 Seja qual for a intenção dos filósofos, qualquer pessoa pode facilmente compreender que não se há de buscar a religião junto dos que, participando dos mesmos mistérios sagrados com o povo, abertamente expõem em suas escolas opiniões diferentes e contraditórias, sobre a natureza de seus deuses e sobre o sumo Bem.

Se não fosse senão por ter extirpado esse mal, ninguém poderia negar à religião cristã o mérito de indiscutíveis louvores.

(E, dirá alguém, não há divergências na Igreja?)

De fato, as inúmeras heresias, uma vez apartadas da norma do cristianismo, atestam que aqueles que sobre Deus Pai, a sua sabedoria e o dom divino, professam e ensinam doutrinas contrárias à verdade não são admitidos à participação dos santos mistérios. Isso porque se crê e se ensina como fundamento da salvação humana que estejam concordes: a filosofia — isto é, a procura da sabedoria — e a religião. De quem não aprovamos a doutrina, tampouco havemos de participar com eles dos sacramentos.

Cristão-católicos: os guardiães da integridade

A incoerência espanta menos nas seitas que quiseram instituir para si ritos e sacramentos diferentes, tais como não sei que hereges denominados ofitas, os maniqueus e alguns outros. **9***

Deve-se, porém, advertir e chamar mais a atenção daquelas seitas que conservando os mesmos sacramentos, contudo, por sua maneira diferente de pensar, e por preferirem difundir seus erros com obstinação maior do que cuidado em corrigi-los — deveriam eles ser excluídos da comunhão católica e da participação de seus sacramentos. Não só por sua doutrina, mas também por sua superstição mereceriam denominações e assembléias próprias. Assim os fotinianos, arianos e muitos outros. Outra questão é a respeito dos causadores de cismas. A eira do Senhor poderia suportar as palhas até o tempo da última peneirada *(Mt 3,12),* se eles não tivessem cedido com excessiva leveza ao vento da soberba, separando-se voluntariamente de nós.

* Os números sinalizados com asterisco indicam os itens mais importantes, quer pelo conteúdo, quer pela forma.

Quanto aos judeus, ainda que implorem o mesmo Deus único e todo-poderoso esperam dele apenas os bens temporais e visíveis. Por sua demasiada presunção, não quiseram vislumbrar em suas próprias Escrituras, os primórdios do povo novo que surgia de humildes origens. Permaneceram, assim, no ideal do homem velho.

Desse modo, a verdadeira religião não há de ser buscada na confusão do paganismo, nem nas impurezas do cisma, nem na cegueira do judaísmo, mas somente entre os denominados cristãos católicos ou ortodoxos, isto é, entre os guardiãos da integridade e seguidores do que é reto.

Capítulo 6

Sentido providencial das heresias

Destino dos hereges e cismáticos

10* Esta Igreja católica — vigorosa e extensivamente espalhada por todo o orbe da terra — serve-se de todos os que erram, para o seu próprio proveito e também para a correção deles — uma vez que se resolvam a despertar de seus erros.

Aproveita-se dos pagãos, para campo de sua transformação; dos hereges, para prova de sua doutrina; dos cismáticos, para documento de sua estabilidade; dos judeus para realce de sua formosura. Convida a uns, a outros elimina; a estes abandona, àqueles se antecipa. Contudo, a todos dá a possibilidade de receber a sua graça, quer tenham de ser formados, reformados, reunidos ou admitidos. E a seus filhos carnais, isto é, aos que vivem ou julgam conforme a carne, ela os tolera como a palha, com a qual o grão na eira está mais protegido, até ser limpo de sua casca. Mas como nesta eira, cada qual

é voluntariamente palha ou grão, temos de suportar o pecado ou o erro dos outros. Isso até que alguém se levante para denunciar ou defender sua falsa opinião, com ousada pertinácia.

Os que foram excomungados ou se arrependem fazendo penitência e voltam ao redil — ou se afundam na maldade total abusando de seu livre arbítrio, alertando assim nossa vigilância. Fomentam cismas para exercitar a nossa paciência ou provocam alguma heresia, para prova e estímulo de nosso adiantamento intelectual.

Tal é o fim dos cristãos carnais que não chegaram a ser corrigidos ou suportados.

Os justos perseguidos na Igreja

Por vezes, permite a própria divina Providência que **11***
homens justos sejam desterrados da Igreja católica por causa de alguma violência partidária muito turbulenta da parte de homens carnais.

Se as vítimas dessas injustiças ou injúrias suportarem com paciência, pela paz da Igreja, sem introduzir movimentos cismáticos ou heréticos, ensinarão a todos, com que verdadeiro afeto e sincera caridade se deve servir a Deus.

A intenção de tais homens é o regresso, uma vez passada a tempestade. Ou, se não lho permitirem — por não ter cessado o temporal ou por haver ameaça de que se enfureça ainda mais com o seu retorno — mantenham-se na firme vontade de prover o bem dos próprios agitadores a cuja sedição e turbulência tiveram de ceder. Defendam até morrer e sem suscitar divisões, ajudem com seu testemunho a manter aquela fé que sabem ser pregada pela Igreja católica.

A esses, o Pai que vê no secreto interior, coroará secretamente. Parece ser rara essa categoria de homens,

mas exemplos não faltam e são ainda mais freqüentes do que se poderia crer.

Assim, a divina Providência vale-se de toda categoria de homens e de situações para curar as almas e formar um povo espiritual.

PRIMEIRA PARTE

Os grandes temas

Capítulo 7

Motivos de adesão à Igreja católica

Traços fundamentais da verdadeira religião

Ó caríssimo amigo Romaniano, porque, tendo te prometido há alguns anos, escrever-te acerca de minhas idéias sobre a verdadeira religião creio ter chegado a hora oportuna, após ter constatado a urgência de tuas penetrantes perguntas. Pelo laço de caridade que me une a ti, não posso sofrer por mais tempo que andes oscilando sem rumo seguro. **12***

Deixemos, pois, de lado:

— a todos os que não são nem filósofos em sua prática religiosa, nem religiosos em sua filosofia*;
— em seguida, aqueles que — ensoberbecidos por falsa convicção ou calúnia — desviaram-se da regra de fé e da comunhão com a Igreja católica;
— enfim, aqueles que fecharam os olhos para a luz das divinas Escrituras e à graça do povo espiritual, também denominado povo da Nova Aliança. Dessas atitudes, o quanto pude, já delineei brevemente a crítica.

É a religião cristã a que devemos abraçar, e manter a comunhão com a Igreja, a denominada católica, por ser universal*. Assim é ela denominada, não somente por seus fiéis, mas também por seus adversários. Queiram ou não, os próprios hereges e cismáticos quando falam dela, não com os seus adeptos, mas com os próprios es-

tranhos, não denominam católica "universal", senão a Igreja católica. Não se poderiam fazer entender se não a distinguissem pelo nome que o mundo todo lhe dá.

Restauração divina
da humanidade realizada na História

13* O fundamento para seguir esta religião é a história e a profecia*. Aí se descobre a disposição da divina Providência, no tempo, em favor do gênero humano, para reformá-lo e restaurá-lo, em vista da posse da vida eterna. Crendo nisso, a mente vai se purificando num modo de vida ajustado aos preceitos divinos. Isso a habilitará à percepção das realidades espirituais. Essas realidades não são nem do passado, nem do futuro, mas são sempre idênticas a si mesmas, imunes de qualquer mudança temporal. Trata-se do mesmo e único Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Conhecida essa Trindade — o quanto é possível na vida presente — sem dúvida alguma a mente percebe que toda criatura intelectual, animal e corporal, recebe dessa mesma Trindade criadora: o *ser* para ser o que é; a sua *forma;* e a direção dentro de perfeita *ordem* universal.

Não se entenda por aí, porém, que apenas parcela das criaturas é feita pelo Pai, outra pelo Filho e outra ainda pelo Espírito Santo. O certo é que todas e cada uma das naturezas individuais recebe a criação do Pai pelo Filho, no dom do Espírito Santo. Visto que todas as coisas, substância, essência, natureza ou qualquer outro termo mais adequado, que se dê possui ao mesmo tempo estas três propriedades: é algo *único,* distingue-se por suas *forma* das demais coisas, e está dentro da *ordem* universal.

Capítulo 8

A dupla via: fé e razão

Fiando-nos na autoridade, primeiro acreditamos

Reconhecido o princípio que acabamos de expor, **14*** aparecerá claro — o quanto é possível ao homem — como todas as coisas encontram-se sujeitas a seu Deus e Senhor, por leis necessárias, irrevogáveis e justas. De onde resulta que as verdades, nas quais primeiramente acreditamos, fiando-nos somente na autoridade*, fazem-se depois compreensíveis (pela reflexão), até nos parecerem certíssimas. Em parte, abraçamos essas verdades porque vemos que elas são possíveis, e em parte, porque muito conveniente foi o terem sido reveladas. Lastimamos aqueles que não crêem nelas, preferindo zombar de nossa credibilidade inicial, não nos seguindo depois, em nossa crença esclarecida.

Quando se conhecem as seguintes verdades:

— aquela sacrossanta encarnação;*
— o parto da Virgem,
— a morte do Filho de Deus por nós,
— a ressurreição dos mortos,
— a ascensão ao céu,
— o assentar-se à direita do Pai,
— a remissão dos pecados,
— o juízo universal,
— a ressurreição da carne,
— quando se tem o conhecimento da eternidade da Trindade e da contingência da criatura, essas verdades não são consideradas apenas como objeto de crença, mas percebemos sua relação com a misericórdia que o Deus supremo manifestou para com o gênero humano.

Conveniência das heresias

15* Mas porque é dito com grande verdade: *"É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos, entre vós, aqueles que são comprovados"* (1Cor 11,19), aproveitemos também nós desse benefício da divina Providência. Porque os que se tornam hereges são desses homens que mesmo estando dentro da Igreja, errariam igualmente. Mas por estarem fora, aproveitam-nos muito — não por ensinarem a doutrina da verdade a qual ignoram — mas por estimularem os católicos carnais a procurá-la, e os católicos espirituais a encontrá-la. Pois existem na santa Igreja de Deus inumeráveis varões de comprovada virtude que de outro modo permaneceriam ocultos entre nós. Isso porque preferimos estar entregues ao prazer do sono nas trevas da imperícia, a contemplar de frente a luz da verdade. Portanto, se muitos têm a alegria de ver o dia do Senhor é graças aos hereges que os despertaram. Utilizemo-nos, pois, dos hereges, não para aceitar os seus erros, mas para nos confirmar na disciplina católica contra os seus ataques. E sejamos mais cautelosos e vigilantes, já que não conseguimos fazê-los voltar ao caminho da salvação.

Capítulo 9

Diante dos erros maniqueus

Os dois princípios e as duas almas

16 Espero, com a ajuda de Deus, que este escrito, procedente de piedoso objetivo, sirva aos bons leitores de preventivo contra todas as opiniões funestas e errôneas. Não só contra um erro (o dos maniqueus), mas contra todos. Este opúsculo, porém, vai mui principalmente dirigido contra esses que admitem duas naturezas ou substâncias a lutarem entre si.

Pelo fato de certas coisas trazerem infortúnio, e outras produzirem deleite, querem eles que Deus seja o autor não do que os aborrece, mas somente do que lhes agrada. Escravizados por seus costumes e prisioneiros dos laços carnais, sustentam que no mesmo corpo habitam duas almas: uma divina que, naturalmente, é como Deus, e outra oriunda da raça das trevas, a qual não foi criada por Deus. Ele não a produziu nem a repeliu. Essa alma, porém, mantém sua própria vida, sua terra, suas produções e animais. Enfim, possui seu reino e um princípio coeterno. Em certo momento, ela rebelou-se contra Deus, que não tendo como fazer, nem encontrando a maneira de resistir a essa hostilidade, levado pela necessidade, enviou-a à terra. Foi certa partícula de sua própria substância e mistura que — segundo esse desvario — teria neutralizado a força adversa e fabricado o mundo.

A fé católica ao abrigo dos ataques

17 Por enquanto, não refutemos essas teorias. Já o temos feito em parte. Fá-lo-emos, quanto ao restante, à medida que Deus nos permitir. Nesta obra, o quanto estiver em nós, com os argumentos que o Senhor se dignar nos fornecer, mostraremos como a fé católica está ao abrigo desses ataques e como não se deixa prender por razões com as quais os hereges pertubem os espíritos para atraí-los a seus propósitos.

Mas, primeiramente, quero te fazer ciente aqui — pois tu, ó Romaniano, já conheces bem meus sentimentos para saber que afirmo isso solenemente, mas não com presunção: — que todo erro que se puder encontrar no presente escrito há de ser atribuído só a mim; ao contrário, toda verdade e boa explicação pertencem a Deus, único doador de todos os bens.

Capítulo 10

Origem dos erros em matéria religiosa

O único Deus a ser adorado

18 Assim, pois, ó Romaniano, tem por coisa manifesta evidente que nenhum erro teria sido possível em matéria religiosa se a alma em vez de adorar como seu Deus uma alma, um corpo ou suas próprias imaginações, uma combinação de dois desses elementos ou mesmo todos eles de uma vez, ela, conformando-se sinceramente com as necessidades da sociedade humana durante esta vida presente, meditasse nas realidades eternas e adorasse o único Deus, que por ser imutável, é o princípio de todo ser mutável.

Todos sabem, por suas próprias impressões, que a alma está sujeita não à mudança espacial, mas à temporal. E todos podem notar também, com facilidade, que o corpo está sujeito à mudança espacial e temporal. Os fantasmas da imaginação nada mais são do que imagens tiradas pelos sentidos corporais da figura dos corpos. É muito fácil confiá-los à memória, tais como foram recebidos, dividi-los, multiplicá-los ou reduzi-los, contraí-los ou dilatá-los, ordená-los ou desordená-los, transformando-os de algum modo pelo trabalho da imaginação. Segue-se, porém, ser muito difícil evitá-los e precaver-se deles na investigação da verdade.

A religião perfeita

19* Não sirvamos, pois, melhor as criaturas do que o Criador (Rm 1,25), nem nos dissipemos em vãos pensamentos, e a nossa religião será perfeita. Unindo-nos ao Criador, necessariamente receberemos a marca de sua eternidade. A alma, coberta e impedida por seus pecados, não seria capaz por si mesma dessa união divina,

nem poderia conservá-la. Não existe escada alguma entre as realidades humanas e as coisas divinas, de modo que o homem por seu próprio esforço pudesse se elevar da vida terrestre. Eis porque a inefável misericórdia de Deus vem ajudar a cada homem em particular e ao conjunto do gênero humano, para lembrá-los da sua primeira e perfeita natureza, mediante a dispensação da divina Providência. Serve-se da criatura mutável para que seja submissa às leis eternas. Essa é em nossos tempos, a religião cristã e em conhecê-la e segui-la, está a salvação segura e certíssima.*

Métodos de autodefesa

Pode-se defender de muitas maneiras a religião cristã **20**
contra os disputadores e abrir caminho aos que a buscam. O mesmo Deus onipotente manifesta sempre a verdade por si mesma. Aos que têm boa vontade para percebê-la e adotá-la, Deus faz-se ajudar por bons anjos e alguns homens escolhidos. Cada qual empregue para defender a sua religião, o método que lhe parecer conveniente, conforme as pessoas com quem estiver tratando. De minha parte — depois de examinar com exame prolongado, a índole dos que combatem a verdade e a dos que a investigam; — depois de constatar o que eu mesmo fui, quer no tempo em que a combatia, quer quando a procurava — eu julgo ser razoável seguir este método: Tudo o que reconheceres como verdadeiro, conservar e atribuir à Igreja católica; — o falso deixar, e (perdoa-me a mim que sou homem) o duvidoso admiti-lo, até que ou a reflexão te esclarecer ou a autoridade te ensinar, quer a rejeitar, quer a reconhecer a evidência, ou seja ainda, a perseverar naquilo que deve ser acreditado.

(Ó Romaniano), atende, pois, aos raciocínios que se seguem, com zelo e piedade, o quanto fores capaz, porque Deus vem em ajuda de tais esforços.*

SEGUNDA PARTE

A teoria do mal

Capítulo 11

Origem da vida e da morte

Deus, a forma incriada

21* Não existe nenhum ser vivo que não venha de Deus, porque ele é, na verdade, a suma vida, a fonte mesma da vida.* Nenhum ser vivo, enquanto tal, é mau, mas somente enquanto tende à morte. A morte da vida, essa é a perversão ou a maldade *(nequitia),* isso é o nada. Por isso, com razão, os homens mais perversos são chamados "homens do nada". Se a vida tende ao nada foi por se ter desviado — por uma defecção voluntária — de quem a criou, e de cujo ser desfrutava. Foi por querer — contra a lei divina — gozar dos seres corpóreos aos quais Deus a tinha colocado superior. Essa é a perversão. Não porque o corpo seja nada. Pois ele possui certa harmonia em suas partes, sem o que, não poderia existir. Também ele é obra daquele que é o princípio de toda harmonia. Todo corpo possui como que certo equilíbrio de forma, sem o qual não existiria. Logo, o Criador dos corpos é o princípio de todo equilíbrio. Ele é a forma incriada e a mais bela de todas as formas.* Os corpos todos possuem certa beleza, sem a qual não seriam o que são. Se pois, indagarmos quem constituiu os corpos, busquemos entre todos os seres o que seja formosíssimo. Toda formosura procede dele. E quem é esse senão o Deus único, a verdade única, a única salvação de todas as coisas, a primeira e soberana essência,

a fonte de onde procede tudo o que é — enquanto tem o ser — porque tudo o que é como tal é bom.

O mal: o menos ser

Logo, a morte não procede de Deus. ***"Pois Deus não*** 22*
fez a morte, nem tem prazer em destruir os viventes" (Sb 1,13), porque a soberana essência faz ser tudo quanto existe e é chamado essência.* Mas a morte, ao contrário, precipita no não-ser a tudo o que morre, à medida que morre. O ser que morre não morre inteiramente, porque se as coisas mortais ou corruptíveis perdessem inteiramente seu ser, chegariam ao nada. Tanto mais morrem quanto mais deixam de participar dà essência. Ou dito mais brevemente: tanto mais morrem, quanto menos são.* É assim que todo corpo (apenas material) é menos do que vida qualquer, pois a pequenina forma que lhe cabe perdura no ser, graças à Vida que organiza tão bem, seja cada ser animado, seja o conjunto da natureza universal. Logo, o corpo (material) está mais sujeito à morte e, portanto, mais próximo do nada. Pelo que, o ser com alma, que pelo gozo material abandona a Deus, tende ao nada e esse é o mal ***(nequitia).***

Capítulo 12

O desligamento de Deus

Razão da queda do primeiro homem

Eis como a vida se torna terrena e carnal, e porque 23*
é também chamada terra e carne. Enquanto permanece nesse estado não possui o reino de Deus, e o objeto de seu amor lhe escapa. Isso porque ama o corporal que é menos do que a Vida. Devido a essa desordem, é corruptível o objeto de seu amor. Desfazendo-se, ele aban-

dona o seu amante, tal como ela também abandonou a Deus quando desprezou o mandato de quem lhe dissera: *"Coma isto e não aquilo" (Gn 2,16.17).* Portanto, o homem vê-se arrastado às penas, por amar as coisas inferiores. Está assim ordenado para aquelas regiões que levam à miséria de seus prazeres e suas dores.

Pois o que é a dor, a chamada dor física, senão a perda repentina da integridade do corpo que — por abuso da alma — caiu sujeito à corrupção? E no que consiste a dor dita da alma, senão na privação das coisas perecíveis de que a alma desfrutava ou esperava desfrutar?

A isso se reduz tudo o que se chama de mal, isto é, o pecado e o castigo do pecado.

Volta a Deus: da dispersão ao Uno

24* Se durante a etapa de sua vida humana, a alma vence as cobiças com que se nutriu pelo gozo das coisas perecedoras, se ela crê que para as vencer Deus a ajuda com o socorro de sua graça, e se submete a ele, em espírito e de boa vontade, então, sem dúvida alguma, ela será regenerada. Da dissipação de tantas coisas transitórias, voltará ao Uno imutável. Recriada pela sabedoria incriada — mas geradora de todo universo — ela gozará de Deus, graças ao Espírito Santo que é o dom de Deus.

Assim se forma o homem espiritual: "o que julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado" (1Cor 2,15); — o que ama o Senhor seu Deus de todo o entendimento e ao próximo como a si mesmo, não de modo carnal. Quanto a si mesmo, ama-se espiritualmente aquele que ama a Deus com tudo o que nele vive. *"Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas" (Mt 22,37-40).*

A restauração final de nosso corpo

Pode-se concluir que depois da morte física — de- 25
vida ao primeiro pecado — a seu tempo e segundo sua ordem, este corpo será restituído a seu primeiro estado. Possuí-lo-á não por si mesmo, mas por força da alma fixada em Deus. Tampouco a alma recobra seu primeiro estado por si mesma, mas por favor de Deus que será o seu gozo. Pelo mesmo Deus, ela logrará mais vigor do que o corpo. Este terá força, graças à alma, e a alma graças à Verdade imutável, o Filho único de Deus. Se bem que a própria glória corporal, no fundo, será também obra do Filho de Deus, porque todas as coisas foram feitas por ele.

O dom que o Filho de Deus dá à alma, isto é, o Espírito Santo, não só é dado à alma, o qual a salva e a torna ditosa e santa, mas ao próprio corpo que ficará vivificado em sua ordem, na maior pureza. Pois o Senhor disse: *"Limpa, primeiro, o interior do corpo para que também o exterior fique limpo" (Mt 23,26).* Disse também o Apóstolo: *"Aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,11).*

Abolido, pois, o pecado, desaparecerão também as suas penas. E o que restará do mal? *"Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?" (1Cor 15,55).* Porque o ser vence o nada e assim a morte será absorvida pela vitória.

Capítulo 13

A queda dos anjos

Amaram-se mais a si mesmos do que a Deus

26 Contra os homens santificados, o anjo mau, chamado demônio, não pode causar mal algum. Aliás, ele mesmo como anjo é mau, não enquanto anjo, mas por se ter pervertido voluntariamente. Se com efeito, só Deus é imutável, temos de confessar que os anjos são mutáveis por natureza.

É pela própria vontade que os anjos bons amam a Deus mais do que a si mesmos e permanecem firmes e estáveis nele, gozando de sua grandeza, submissos a ele somente, com adesão gratíssima.

Mas o anjo mau, amando-se a si mesmo mais do que a Deus, recusou-se a submeter-se, inchou-se de orgulho e, separando-se da essência soberana, arruinou-se. Por isso ficou diminuído em seu ser primitivo, porque quis gozar daquilo que era menos. Quis gozar mais de seu próprio poder do que do de Deus. Ainda que não fosse ser absoluto, ele possuía natureza excelente, e gozava do sumo Bem que é tão somente Deus. Ora, todo aquele que é menos do que já foi, não enquanto é, mas enquanto é menos, é mau. Aquele que é menos do que foi, tende à morte. Que há de espantoso, se da defecção venha a privação, e da privação a inveja, pela qual o demônio tornou-se demônio?

Capítulo 14

O pecado vem do livre arbítrio

Pecar é sempre ato voluntário

Se a defecção que chamamos pecado assalta como 27*
febre — contra a vontade de alguém — com razão, pareceria injusta a pena que acompanha o pecador, pena que recebe o nome de condenação. De fato, o pecado é mal voluntário. De nenhum modo haveria pecado se não fosse voluntário. Esta afirmação goza de tal evidência que sobre ela estão de acordo os poucos sábios e os numerosos ignorantes que existem no mundo. Pelo que, ou se há de negar a existência do pecado ou confessar que ele é cometido voluntariamente.*

Ora, quando se observa bem, ninguém nega a existência do pecado, ao admitir sua correção pela penitência e ainda o perdão concedido ao arrependido. À perseverança no pecado é considerada justamente condenável pela lei de Deus.

Enfim, se o mal não fosse obra da vontade, absolutamente ninguém deveria ser repreendido ou admoestado. E com toda essa supressão, a lei cristã e toda a disciplina religiosa receberia golpe mortal.

Logo, à vontade deve ser atribuído o fato de se cometer pecado. E como não há dúvida sobre a existência do pecado, tampouco se haverá de duvidar do que se segue: — que a alma é dotada do livre arbítrio de sua vontade.

Julgou Deus que assim seriam melhores os seus servidores — se livremente o servissem. Coisa impossível de se conseguir mediante serviço forçado e não livre.

Os benefícios da liberdade

28 Os anjos servem a Deus livremente, o que é de proveito deles e não de Deus. A Deus não é necessário nenhum bem alheio, por ser ele soberano por si mesmo. E aquele que é gerado (o Filho de Deus) tem nele sua própria substância, porque não é criado, mas fruto de geração.

Por outro lado, as coisas criadas necessitam do bem divino, isto é, do soberano bem ou suma essência. Elas diminuem no ser quando, devido ao pecado, movem-se menos na direção a Deus. Contudo, as criaturas não são apartadas totalmente, pois nesse caso seriam reduzidas a nada. O que dispõe a alma são os afetos, e o corpo, as posições que ocupa, porque a alma move-se conforme a vontade e o corpo conforme o espaço.

E ao que se refere à tentação do primeiro homem por um anjo mau, não faltou aí o livre consentimento da vontade. Se ele houvesse pecado por constrangimento, não teria sido réu de delito.

Capítulo 15

A sanção do pecado

Benignidade de Deus: estímulo para o reerguimento

29* Relativamente ao corpo humano, era ele excelente em seu gênero, antes do pecado. Depois, porém, tornou-se débil e destinado à morte. Isso mostra quão justo tenha sido o castigo da culpa, nele tendo se manifestado mais a clemência do Senhor do que a sua severidade. Desse modo, ficamos estimulados sobre o quanto nos convém erguer nosso amor dos prazeres terrenos para a eterna essência da verdade.

Além disso, vemos se combinarem bem a beleza da justiça e a graça da benignidade. Por nos termos deixado enganar pela doçura dos bens inferiores, deveríamos ser corrigidos pela amargura do castigo. Mas de tal maneira a divina Providência moderou o rigor de seus castigos que, mesmo sob o peso deste corpo corruptível, podemos caminhar em direção à justiça. Renunciando a todo orgulho, chegamos a submeter-nos ao único verdadeiro Deus, sem mais nos confiar em nós mesmos. Basta pormo-nos em suas mãos, para que nos governe e defenda.

Assim, o homem de boa vontade, guiado pelo próprio Deus, converte as tribulações da vida presente em instrumento de fortaleza. No meio da abundância dos prazeres e bens materiais, ele mostra e robustece sua temperança. Nas tentações, afina sua prudência. Tudo isso para não se deixar arrebatar por elas, mas se fazer vigilante e ainda mais ardente no amor pela verdade, a qual é a única a não falhar.*

Capítulo 16

Benefícios da Encarnação do Verbo

O Filho de Deus assume o homem

Deus, por todos os meios, cuida da salvação das almas, dispondo com admirável sabedoria, das circunstâncias dos tempos. Deste tema não se deve falar senão entre pessoas de piedade perfeita. **30***

Nenhum outro plano ajustou-se melhor em proveito do gênero humano do que este,* realizado pela mesma sabedoria de Deus: — o Filho unigênito, consubstancial ao Pai e co-eterno dignou-se assumir integralmente o homem. ***"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós"***

(Jo 1,14). Demonstrou assim aos homens carnais e incapazes de captar espiritualmente a verdade, e escravos dos sentidos corporais, quão elevado lugar ocupa, na criação, a natureza humana. Com efeito, o Verbo não só apareceu visivelmente — pois isso poderia ter feito tomando algum corpo etéreo, ajustado e proporcionado à nossa vista. Apareceu entre os homens, como verdadeiro homem. Convinha que assumisse a mesma natureza a ser redimida. E para que nenhum sexo julgasse ser preterido pelo Criador, humanizou-se em forma de varão, nascendo de uma mulher.*

Cristo: Deus e homem

31* Em nada, Cristo agiu com violência, mas em tudo, com persuasão e conselho. Passada a antiga escravidão, brilhou o tempo da liberdade, oportuna e salutarmente. O homem foi persuadido — como fora criado — no respeito a seu livre arbítrio.

Cristo, por seus milagres, conquistou a fé dos homens no Deus que é; e pela paixão, a fé na humanidade que assumia.

Assim, falando à multidão como Deus, afastou sua Mãe, cuja chegada anunciavam (Mt 12,48). Não obstante, como ensina o evangelho, sendo menino, viveu submisso a seus pais (Lc 2,51).

Por sua doutrina, mostrou-se Deus; pelo crescimento na idade, mostrou-se homem.

Igualmente, antes de transformar a água em vinho, como Deus disse: ***"Que temos nós com isso, mulher? Minha hora ainda não chegou"*** *(Jo 2,4).* Mas quando chegou a hora de morrer como homem, do alto da cruz, vendo sua Mãe, confiou-a ao discípulo entre todos predileto (Jo 19,26.27).

Os povos apeteciam as riquezas com afã pernicioso, tais satélites dos prazeres. Ele, porém, quis ser pobre.*

Os povos estavam ávidos de honras e poder. Ele não permitiu que o fizessem rei.

Julgavam o maior bem ter filhos carnais. Ele não buscou matrimônio nem prole.

Fugiam aos insultos com grande soberba. Ele suportou as injúrias de todo gênero.

Tinham como intoleráveis as injustiças. E, contudo, que injustiça maior do que ser condenado, sendo justo e inocente?

Execravam os homens as dores corporais. Ele foi flagelado e torturado. Temiam morrer. Ele foi condenado à morte. Consideravam a cruz como a mais ignominiosa das mortes. Ele foi crucificado.

Com seu desprendimento, abateu o valor das coisas, cuja cobiça era causa de nossa má vida.

Com sua paciência, desviou tudo o que temíamos e evitávamos, no esforço em prol da verdade.

Nenhum pecado pode ser cometido sem apetecer as coisas que ele aborreceu, ou sem evitar as que ele sofreu.

Cristo: Mestre de vida e Causa exemplar

Toda a vida terrena de Cristo como homem, cuja **32**
natureza dignou-se assumir, foi ensino moral ***(disciplina morum).***

Por sua ressurreição dentre os mortos, mostrou claramente que a natureza humana não se perdeu de modo absoluto. Deus tudo salva. Todas as coisas servem ao Criador, seja para castigo dos pecados, seja para a libertação do homem. Cristo mostrou também que tanto mais facilmente serve o corpo à alma, quanto mais esta submete-se a Deus.* Quando tal se realiza não só nenhuma substância é má — o que seria impossível — mas nem sequer pode ela ser atacada pelo mal. Este só pode vir do pecado e de suas conseqüências.

Essa é a doutrina cristã da natureza *(disciplina naturalis).* Doutrina digna de total fé para os cristãos, sejam eles pouco instruídos ou doutos. Doutrina limpa de qualquer erro.

Capítulo 17

Excelência da doutrina expressa nos dois Testamentos

Os sinais sagrados

33 Quanto ao método de ensino de que a doutrina cristã se serve — umas vezes de modo muito direto, outras através de sinais, como palavras, gestos e ritos sagrados muito adequados à instrução e formação da alma — não se ajustará esse método ao ideal de uma doutrina da razão *(rationalis disciplina)?* Pois a exposição dos mistérios procura expressar-se em palavras bem claras. Contudo, se tudo fosse dito de maneira que, com suma facilidade, fosse logo entendido, não haveria mais incentivo para a busca da verdade pelo esforço. Tampouco se daria o seu encontro na alegria.* Se não houvesse mistérios nas Escrituras ou se nelas faltassem alguns sinais da verdade *(signacula veritatis),* não se harmonizariam a ação e o conhecimento.

Acontece, porém, como de fato a piedade começa pelo temor e se aperfeiçoa na caridade, o povo foi outrora oprimido pelo temor, no tempo da servidão da antiga lei. Andava ele vergado sob quantidade de sinais sagrados. Isso era útil a eles, para terem o desejo da graça de Deus, cuja vinda os profetas cantavam.

Tendo chegado o tempo da graça, a mesma sabedoria de Deus, assumiu o homem, por ele (o Cristo), fomos chamados à liberdade. Instituiu então alguns sinais

sagrados *(sacramenta)*, muito salutares, que mantiveram unidos os membros da comunidade do povo cristão, isto é, a multidão livremente submissa ao único Deus.

Os numerosos sinais sagrados impostos ao povo hebreu — essa massa popular submissa pelo medo ao mesmo único Deus — estão agora revogados, permanecendo, entretanto, como objeto de fé e de interpretação. Desse modo, agora, sem nos obrigar servilmente, esses sinais sagrados ajudam-nos a exercitar livremente o nosso espírito.

A unidade de origem dos dois Testamentos

Para alguém que vier sustentar que os dois Testa- **34**
mentos não podem vir do mesmo Deus, sob pretexto de que nosso povo, hoje, não está submisso aos mesmos sinais sagrados dos judeus de outrora, podemos dizer o seguinte: "Como se poderia sustentar que o mesmo Pai de família, dentro de seu direito justíssimo não possa determinar algo aos súditos merecedores de disciplina mais severa, e outra coisa aos que se digna adotar como filhos seus? E os preceitos morais, por terem sido menos exigentes na antiga lei, e o serem mais restritos no evangelho, impedem por acaso que ambos provenham de origem comum, do mesmo e único Deus?"

Quem assim pensar também pode estranhar que um médico receite aos doentes mais fracos certos remédios, mediante enfermeiros, e a outros pacientes mais robustos, preceitue remédios, ele mesmo, com o fim de reparar ou manter a saúde deles.

Se assim acontece na arte da medicina, onde os males permanecem inalteráveis, mas variam as prescrições conforme os enfermos e sua saúde mutável, do mesmo modo, a divina Providência, sendo imutável em si mesma, socorre de diversas maneiras a criatura frágil conforme a variedade das enfermidades. Receita ou proíbe

prescrições diversas, sempre no intuito de dar vigor aos seres defectíveis, isto é, aos que propendem ao nada. Tira-os do vício que é o princípio da morte, senão da própria morte. Restabelece-os e forma-os na própria condição de sua natureza e essência.

TERCEIRA PARTE

Bondade da criação e origem do mal

Capítulo 18

A criação é algo de belo e bom

Beleza e defectibilidade das criaturas

Ao me objetares: — Por que desfalecem as criaturas? Respondo: 35*

— Pelo fato de serem mutáveis.
— Por que são mutáveis? — Porque não possuem a suma perfeição.
— Por que não possuem a suma perfeição? — Por serem inferiores a quem as criou.
— Quem as criou? — O ser absolutamente soberano.
— Quem é ele? — Deus, a imutável Trindade, que com infinita sabedoria as fez, e com suma benignidade as conserva.
— Para que as fez? — Para que fossem. Porque todo ser, em qualquer grau em que se encontre, é algo de bom, visto que o sumo Bem é o sumo Ser.
— De que as fez? — Do nada. Pois tudo o que é, há de ter, necessariamente certa forma, por ínfima que seja. Ainda que sendo um bem mínimo, sempre é bem e procede de Deus. Deus, por ser a suma forma, é o sumo Bem. E a criatura por ter forma mínima, possui mínimo bem. Assim, todo bem ou é Deus, ou procede de Deus. Logo, ainda que mínima, toda forma vem de Deus.

O que afirmo quanto à forma, pode-se entender igualmente quanto à beleza. Com razão nos louvores, equivalem-se os dois termos: formosíssimo e especiosíssimo.

Por conseguinte, Deus fez todas as coisas com o que não tem nem forma nem beleza, isto é, com o nada. Nada, e nada mais que nada.

Pois, ao que — em comparação com o que é perfeito — dá-se o nome de informe, se todavia possuir alguma forma, ainda que tênue e incipiente, deixa de ser nada. E enquanto possui uma forma, essa não pode provir senão de Deus.

Todo ser vem de Deus

36* Mesmo supondo que o mundo seja feito de alguma matéria informe, essa matéria foi tirada totalmente do nada. Pois, mesmo o que ainda não está formado: sem dúvida alguma, de algum modo já tem iniciada a sua formação. Ser susceptível de forma *(capacitas formae)* é benefício de seu Autor, e possuí-la é bem. A simples capacidade de forma é pois, certo bem. Por conseguinte, o autor de todas as formas — que é o doador de toda forma — também é o fundamento da possibilidade de algo ser formado. E assim, tudo o que é, enquanto é, e tudo o que não é, enquanto pode vir a ser, tem de Deus, sua forma ou possibilidade de ser formado.

Dito de outro modo: Todo o ser formado, enquanto formado, e todo o que ainda não está formado, enquanto formável, encontra seu fundamento em Deus.

Contudo, nenhum ser realiza a integridade de sua natureza, se em seu gênero não for plenificado. (Isto é, sem a integridade de todas as suas características específicas). Ora, toda a integridade vem do Autor de todo bem. É assim que Deus, sendo o princípio de todo bem, o é igualmente de toda integridade.

Capítulo 19

Os seres são bons, mas deterioráveis

Só Deus é o sumo Bem

Os que têm os olhos da mente abertos e não fecha- 37
dos ou turvados pelo afã pernicioso do êxito facilmente compreendem que todos os seres são bons, mesmo os que se viciam e morrem. Pois a deteriorização e a morte são mal. Com efeito, se eles não estivessem carentes de certa integridade *(salute),* nenhuma deteriorização ou morte os atingiria. Mas se a deteriorização não prejudicasse o ser que é bom, não haveria a deteriorização em si.

Se pois, a integridade é o oposto da deteriorização, sendo a integridade um bem, é bom tudo aquilo que a deteriorização ataca. Os seres são bons, mesmo sujeitos à deteriorização. Se eles se deterioram é porque não possuem o bem na plenitude.* Por serem bons, procedem de Deus; por não serem plenamente bons, não são Deus. Por conseguinte, o único bem que não se pode deteriorar é Deus. Os demais bens procedem dele, podem se deteriorar por si mesmos, porque por sua própria procedência nada são.

É pelo mesmo Deus, que alguns bens, em parte, não se deterioram e que outros, deteriorados, podem recobrar a sua integridade.*

Capítulo 20

Origem da defectibilidade da alma

Definição do pecado original

A primeira deformidade da alma racional é a von- 38
tade de executar o que a suma e íntima Verdade lhe proí-

be.* Assim, o homem foi expulso do paraíso para este mundo, passando dos bens eternos aos temporais, da abundância à miséria, da estabilidade à fraqueza. Não passou, porém, do bem substancial ao mal substancial, porque nenhuma substância é má. Mas passou do bem eterno ao bem temporal, do bem espiritual ao bem carnal, do bem inteligível ao bem sensível, do sumo Bem ao bem ínfimo. Existe, pois, um bem que a alma racional não pode amar, sem pecar. É o bem que é inferior a ela. Assim o mal é o próprio pecado; e não o objeto amado com afeição pecaminosa.

Não é má a árvore que, segundo a Escritura, estava plantada no meio do paraíso, mas a transgressão do preceito divino. Seguiu-se, por conseqüência, justo castigo. O tocar a árvore proibida, contra o mandato divino, tornou-se o princípio do discernimento do bem e do mal. Envolvendo-se a alma em seu próprio pecado, ao receber a paga do castigo, vem a conhecer a diferença que há entre o mandato que se recusa a guardar e o pecado cometido. Dessa maneira, o mal que ela não aprendeu a conhecer, precavendo-se dele, conheceu-o pela experiência do mesmo. E menosprezando o bem, pela desobediência, vem a amar o mal com maior ardor.*

O mal vem das más ações e de suas conseqüências

39 A defectibilidade da alma vem de seus atos e da pena que padece pelas dificuldades — conseqüência dessa defectibilidade. Todo o mal reduz-se a isso. Ora, o agir ou o padecer não são substâncias. Portanto, a substância não é um mal.

Por exemplo, nem a água é má, nem é mau o animal que vive no ar, porque ambos são substâncias. O mal é a precipitação voluntária na água e a mortal asfixia que padece aquele que aí se precipita.

O estilete metálico que possui um lado para escrever e outro para apagar é muito bem feito. A seu modo é belo e adaptado a nosso uso. Se alguém quiser escrever pelo lado com que se apaga, e apagar pelo lado com que se escreve, de maneira alguma faria o instrumento tornar-se mal. É a ação feita o mal. E se essa ação for corrigida, onde estará o mal?

Se alguém, repentinamente, fixasse de frente o sol de meio-dia, seus olhos feridos pelos raios se ofuscariam. Serão por acaso maus, por isso, o sol ou os olhos? De modo algum, porque eles são substâncias. O mal está em mirar imprudentemente e no incômodo que se segue. Esse desaparecerá, porém, depois de os olhos terem descansado e se dirigido a uma luz conveniente.

Tampouco a luz, se — feita para os olhos — for cultuada, como se fosse a luz da sabedoria para o espírito. Ela não se tornaria mal por isso. O mal é a prática supersticiosa com a qual se serve dela uma criatura, em vez de servir o Criador. E esse mal desaparecerá quando a alma, reconhecendo o Criador, submeter-se a ele unicamente, e compreender que todas as outras coisas lhe estão sujeitas.

As loucas imaginações maniquéias

Toda criatura corporal é bem, por pouco que a al- **40**
ma — amante de Deus — a domine. É bem inferior, mas belo em seu gênero, por levar impressa uma forma ou espécie. Quando a criatura corporal é possuída por uma alma negligente de Deus, nem mesmo assim, ela se muda em mal. Sendo, porém, o pecado um mal, esse amor a um bem inferior será ocasião de pena para o seu amante. Poderá levá-lo à miséria, e iludi-lo com seus falsos deleites, visto que esses bens não satisfazem, mas atormentam. Com efeito, com a sucessão do tempo que se-

gue a sua ordem, a beleza cobiçada escapa a seu amante, tortura seus sentidos e o entrega às agitações do erro.

Ele terá tomado como a primeira Beleza *(primam speciem)* a mais minguada de todas as belezas, por ser de natureza corpórea. Sua carne assim a manifestava em precioso deleite, e em sensações fugazes. Ao julgar ter atingido a primeira Beleza pelo pensamento, apenas estava sendo iludido pelas sombras das próprias fantasias.

Mas o maniqueu, se alguma vez, sem respeitar inteiramente as disposições da divina Providência, vangloriando-se ao contrário de as guardar, se ele, indo contra a corrente dos apetites carnais, apegar-se, contudo, a imagens de coisas visíveis, chegará pela imaginação a espaços imensos. Espaços esses cheios daquela luz que vê circunscrita por limites determinados. Promete-se para si, como futura morada, essa luminosidade, sem reparar que a concupiscência dos olhos o tiraniza. Quer se ir fora deste mundo, mas levando o mundo consigo. Pensa não ser do mundo, porque o imagina nessa porção mais esplêndida, num sonho ilusório pelo infinito.

Ora, esse jogo fantasmagórico não só pode ser feito facilmente com a luz, mas também com a água e até com o vinho, com o mel, com o ouro e a prata. Finalmente, com a própria carne, o sangue e os ossos de qualquer animal ou outras coisas desse gênero.

Pois não há coisa material que, vista uma vez, não possa ser figurada inúmeras vezes, ou mesmo achando-se ela encerrada em lugar estreitíssimo, não possa ser dilatada em extensões incomensuráveis, pela força da imaginação.

É muito fácil maldizer a carne, dificílimo, porém, possuir a sabedoria livre do sabor carnal.*

Capítulo 21

Origem das ilusões da alma

A alma seduzida pela fugaz beleza dos seres corpóreos

Por causa dessa perversidade do homem, oriunda do pecado e sua pena, toda a natureza corpórea converte-se no que disse Salomão: *"Vaidade dos que fabricam vaidades, tudo é vaidade. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol?" (Ecl 1,2.3).* Não é por nada que o texto afirma: *"Vaidade dos que fabricam vaidades"*, porque se te afastas dos fazedores de vaidade — esses que valorizam os seres inferiores como se fossem os melhores —, os seres corpóreos deixariam de ser vaidade e manifestariam — sem engano algum — sua beleza real, se bem que inferior, dentro de sua categoria. 41*

As diversas belezas das coisas temporais, filtrando-se por meio das sensações carnais, arrancam o homem decaído da unidade de Deus,* introduzindo-o na multiplicidade de afetos efêmeros. Daí se originar essa abundância laboriosa — se assim podemos dizer — essa copiosa indigência, que faz o homem ir atrás de uma coisa e outra, sem se reter em nada. Assim diz o salmista: *"Desde o tempo da colheita do trigo, do vinho e do azeite, eles se dissiparam, de modo que não mais se encontram a si mesmos" (Sl 4,8.9, versão itálica).* Isso quer dizer: não mais encontram a Deus, aquele Ser imutável e único, em cujo seguimento não há erro, e cuja posse não acarreta dor alguma. Muito ao contrário, ao segui-lo, o homem consegue também a redenção de seu corpo, que não mais se corromperá (Rm 8,23). Agora, porém, *"um corpo corruptível pesa sobre a alma e — tenda de argila — oprime a mente pensativa" (Sb 9,15).* O mundo das

belezas corpóreas flui levado pela lei das mudanças sucessivas. Ocupa assim grau ínfimo — pois não pode possuir, ao mesmo tempo, todas as perfeições.

À medida que uns desaparecem e outros se sucedem, a beleza das formas temporais vai irradiando a única Beleza.*

Capítulo 22

Nada do que é belo desagrada aos justos

A beleza métrica dos versos

42 Nesse conjunto nada é mal, nem mesmo o transitório.

Por exemplo, um verso é belo no seu gênero, se bem que não se possa pronunciar ao mesmo tempo, duas de suas sílabas. Para emitir a segunda sílaba, é preciso que a primeira tenha passado. Chega-se sucessivamente ao final. E quando ressoa a última sílaba, sem que ressoe com ela as precedentes, ela se liga, entretanto, às sílabas já desaparecidas para completar a beleza e a harmonia métrica do conjunto.

E contudo, a arte formadora dos versos não está de tal modo sujeita ao tempo que a beleza destes fique dividida entre as sucessivas métricas. Compreende, ao mesmo tempo, todos os elementos de que o verso se compõe. Não as contém todas, ao mesmo tempo, mas liga as precedentes às seguintes. E contudo, o verso é belo porque apresenta vestígios ínfimos daquela beleza* que reside, continuamente e sem mudanças, na própria arte.

A história — poema de sílabas sucessivas

43* A mesma coisa acontece com muitas pessoas de gosto deturpado que gostam, por vezes, mais do verso do

que da arte com que ele foi construído. Confiam mais no ouvido do que na inteligência. Assim também, não poucas pessoas gostam mais das coisas temporais do que da divina Providência que forma e dirige os tempos. Têm amor ao fugaz e não querem que passe aquilo que amam. São tão insensatas como alguém que, ao ouvir um poema famoso, quisesse parar e ficar escutando indefinidamente uma só e mesma sílaba.

Na verdade, se não são encontradas tais aberrações nos afeiçoados à poesia, o mundo regurgita dos que julgam desse modo as coisas temporais. O motivo é porque todos podem facilmente escutar um verso, e mesmo, todo um poema. Ao contrário, ninguém consegue abraçar em conjunto a ordem dos séculos. Acrescenta-se, também, que nós não formamos parte de um verso, ao passo que, por causa de nossa condenação, participamos da evolução dos séculos. O poema é cantado conforme regras estabelecidas por nós. O tempo compõe-se de nosso penar.

A nenhum vencido agradam os jogos no estádio, se bem que seu insucesso tenha servido ao sucesso do espetáculo. Há aí, justamente, uma como que imitação da realidade. E se nos proíbem tais espetáculos é para não sermos seduzidos pelas sombras das coisas reais e não nos afastarmos, assim, das realidades superiores das quais essas coisas são meras sombras.

A criação e a administração deste universo desagrada só aos impuros e condenados. Contudo, apesar de todas as suas misérias, agrada a muitos dos que foram vencedores na terra e que são agora espectadores seguros no céu. Nada do que é justo desagrada aos justos.

Capítulo 23

O vício é contra a natureza da alma

A beleza da restauração final

44 Visto que toda alma racional é ditosa por suas boas ações, ou infeliz por seus pecados;

— visto que todo ser privado de razão cede ao mais forte; obedece ao superior; luta com seu igual; domina o seu combatente ou causa dano ao vencido;
— visto que todo corpo está a serviço da alma que o anima, o quanto merece, pois assim exige a ordem das coisas;
— nada é mal no conjunto da natureza! O mal vem a cada um por sua própria culpa.

Na verdade, quando a alma, regenerada pela graça de Deus, restituída na sua integridade e submissa a seu único Criador — juntamente com o corpo também restaurado na sua estabilidade primitiva, digo, quando a alma começar a dominar o mundo em vez de ser dominada por ele;* então não haverá mais nenhum mal para ela. Isso porque essa beleza inferior e mutável das coisas temporais, em vez de a envolverem, estarão submissas a ela. E como está escrito: *"Haverá novo céu e nova terra"* (Ap 11,1). E as almas, em vez de penar em um canto, reinarão no universo. Como diz o Apóstolo: *"Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus" (1Cor 3,22.23).* E ainda: *"A cabeça de todo homem é Cristo, e a cabeça de Cristo é Deus" (Id. 11,3).*

Assim, não é da natureza da alma, o vício. É, sim, contra a sua natureza.* O vício nada mais é que pecado e a pena do pecado. Compreende-se daí que nenhuma natureza — substância, essência ou que se empregue outra palavra melhor — seja mal.

Tampouco os pecados de alguma alma ou as penas derivadas, chegam a manchar o universo pela deformidade. O ser racional — se for puro de todo pecado, e submisso a Deus — domina sobre todas as coisas a ele sujeitas. O pecador tomará o lugar que lhe convém — igual aos de sua condição. Pela ação de Deus, criador e ordenador do universo, tudo refulge com decoro. A beleza da criação é o resultado irrepreensível destes três pontos: a condenação dos pecadores, a provação dos justos e a perfeição dos bem-aventurados.

QUARTA PARTE

A salvação pela fé na autoridade

Capítulo 24

A pedagogia divina

Do sensível ao invisível

45* Eis porque a restauração *(medicina)* que em sua bondade inefável a divina Providência propõe à alma é também mui bela em seus graus e ordem. Deus emprega dois meios: *a autoridade* e *a razão.* A autoridade exige a fé e prepara o homem para a reflexão.* A razão conduz à compreensão e ao conhecimento. A autoridade, porém, jamais caminha totalmente desprovida da razão, ao considerar Aquele em quem se deve crer. Certamente, a suma autoridade será a verdade conhecida com evidência. Mas como nós estamos imersos no temporal — cujo amor nos impede de conhecer o eterno — o melhor remédio — não por sua natureza e excelência — isto é, o tratamento mais adequado, será também um temporal, que convide à salvação, não os sábios, mas os crentes.*

É no lugar onde alguém caiu que é preciso que ele se apóie para se reerguer.* Portanto, é precisamente sobre as formas carnais que nos detêm, que encontraremos apoio para conhecer aquelas outras formas que a carne não manifesta. Denomino formas carnais aquelas que se podem perceber por meio do corpo, isto é: olhos, ouvidos e outros sentidos corporais. Essas formas

carnais ou corporais que retêm o nosso amor são necessárias na infância; na adolescência não muito; e em seguida, com o progresso da idade, não serão mais necessárias.

Capítulo 25

O critério da autoridade: história e profecia

Discernir em quem crer

A Providência divina provê aos interesses não so- **46***
mente de cada homem em particular, como também em geral, de todo o gênero humano, e de modo público. O que acontece com cada um, sabem-no Deus e os favorecidos. O que foi feito ao gênero humano, ele quis nos manifestar pela *história e a profecia.* Os acontecimentos temporais — passados ou futuros — são mais para serem cridos do que entendidos*. A nossa tarefa será examinar em que homens, ou em que livros devemos crer, e depois prestar culto publicamente a Deus, a única salvação. Nessa questão, a primeira coisa é saber em quem crer: se naqueles que nos propõem muitos deuses a adorar, ou se naqueles que nos propõem um só. Como hesitar a preferir aqueles que nos propõem um só Deus, visto que aqueles que adoram a muitos, estão igualmente concordes em existir um Senhor e Ordenador de todas as coisas? Não é pela unidade que começamos a contar os números? Logo, temos de preferir os que afirmam a existência do único Deus, como Deus soberano e verdadeiro, e somente ele dever ser adorado. Se entre estes a verdade não brilha com evidência, então temos que a buscar em outra parte.

Se nas ciências da natureza, a autoridade de um homem que sintetiza tudo em um único princípio, tem peso maior; — e se na multidão do gênero humano não

há poder senão no consenso, isto é, na unidade do sentir; assim também, em matéria religiosa, é mais aceitável e digna de fé a autoridade daqueles que apelam para o Uno.*

Milagres: sinais visíveis

47* O segundo problema a ser considerado é o desacordo que se levanta entre os homens, relativo ao culto do único Deus. Sabemos que nossos antepassados para se elevarem em grau de fé — das coisas temporais às eternas — guiaram-se (e nem podia ser de outro modo), pelos milagres visíveis. Se bem que, graças a eles, esses milagres não se apresentem mais necessários a seus descendentes.* A Igreja católica, estando uma vez difundida e estabelecida por toda a terra, aqueles milagres não foram mais consentidos ao nosso tempo. Isso para que o nosso espírito não exija sempre coisas visíveis, e que o gênero humano não se arrefeça pelo costume de se apoiar nesses bens, com cuja novidade se tinha inflamado. Aliás, não podemos mais duvidar de que é preciso crer naqueles homens pioneiros. Sua pregação foi acessível apenas a alguns poucos e contudo depois, conseguiram persuadir a todos os povos a segui-los.

A questão, hoje, é saber em quem se deve crer. Caso contrário, somos inaptos para refletir sobre as coisas divinas e invisíveis. Contudo, nunca uma autoridade humana deverá ser preferida à reflexão de uma alma purificada e elevada à evidência da verdade. A esse grau de elevação, porém, jamais o orgulho dá acesso. Sem esse orgulho, todavia, não haveria hereges, nem cismáticos, nem circuncisos, nem adoradores de criaturas e de ídolos. De outro lado, se esses não existissem, o povo eleito seria mais preguiçoso na procura da perfeição que lhe foi prometida.

Capítulo 26

As idades do homem

O homem velho: exterior e terreno

Eis como a divina Providência realiza no tempo a **48**
recuperação dos homens a quem o pecado fez merecer a condição mortal.

Primeiramente, todo homem, ao nascer neste mundo, só se entretém com suas condições naturais e de aprendizado.

Na primeira idade, passa a cuidar de seu corpo. Tudo isso será esquecido ao crescer. Segue-se a infância. Dessa já começamos a nos lembrar de mais algumas coisas. À infância, sucede a adolescência. Nela, a natureza torna o homem capaz de procriar e tornar-se pai. À adolescência segue-se a juventude, em que já são exercidas funções públicas, sob a imposição das leis. Durante ela, a proibição de pecar é mais veemente e o castigo das transgressões oprime servilmente. Provoca nos ânimos carnais, ímpetos libidinosos mais violentos a agravar todos os delitos cometidos. Porque não é pecado simples cometer o que não somente é mau, mas também proibido.

Depois das dificuldades da mocidade, a idade madura concede certa paz. Vem em seguida, uma idade de desgaste e declínio, sujeita à fraqueza e enfermidades, até chegar a morte.

Eis a vida do homem que vive conforme o corpo e deixa-se prender pela cobiça das coisas temporais. É o chamado homem velho e exterior, o homem terreno. Mesmo que tenha o que o vulgo chama de felicidade, vivendo em cidade terrena bem organizada, sob o governo de reis ou chefes, regida por leis ou por tudo de bom ao mesmo tempo. Aliás sem isso, um povo não pode se organizar como deve, mesmo se só tenha objetivos

terrestres. Na verdade, todo homem possui certa medida de beleza.

O homem novo: interior e espiritual

49* Eis o homem que acabamos de descrever: homem velho, exterior e terreno — seja nele guardada a conveniente moderação ou haja nele excessos devidos à sua condição servil. Há muitas pessoas que levam integralmente tal gênero de vida, desde seu nascimento até à morte.

Outros, porém, tendo necessariamente começado por aí, renascem interiormente, mortificam-se, eliminam por seu crescimento na sabedoria, tudo o que resta do homem velho. Apegando-se estreitamente às leis divinas, esperam para depois da morte visível a renovação integral. Esse é o chamado homem novo, interior e celestial. Ele possui também, por analogias, suas idades espirituais, que se distinguem não pelos anos, mas por seus progressos.

Na primeira idade, a História, sempre benfazeja, o alimenta em seu regaço, pelos exemplos fornecidos.*

Na segunda idade, o homem começa a esquecer o que é simplesmente humano e tende ao que é divino. Não se sente mais limitado por autoridade humana; mas dá passos seguindo sua própria razão e adianta-se no seguimento da lei soberana e imutável.

Na terceira idade, já mais seguro, casa a cupidez de sua sensualidade com o vigor de sua razão e, sua alma (psíquica), unindo-se a seu espírito,* cobrindo-se sob o véu do pudor, goza interiormente de doçura quase conjugal. Já não vive bem, só por obrigação, mas mesmo quando todos consentissem no permitivismo, não teria nenhum prazer em pecar. Na quarta idade, prossegue, intensificando e regulando esse mesmo esforço. Desabrocha em homem perfeito, pronto e disposto a enfrentar

todas as perseguições e turbilhões deste mundo e a triunfar.

Na quinta — nessa idade da tranqüilidade e sossego completo — ele vive nas riquezas e abundância do reino inalterável da sabedoria inefável e soberana.

Na sexta — idade de transformação total na vida eterna — ele esquece totalmente a vida temporal e passa àquela forma perfeita, à imagem e semelhança de Deus.

Na sétima, é o repouso eterno e a beatitude perpétua, na qual não se distinguem mais as idades.

Assim como o fim do homem velho é a morte, o fim do homem novo é a vida eterna. O homem velho é o homem do pecado, e o novo é o da justiça.

Capítulo 27

As idades da humanidade

O processo evolutivo

Mas esses dois homens: o velho e o novo, indubitavelmente são de tal modo feitos, que o primeiro, isto é, o velho e terreno, pode viver por si só, por toda sua existência neste mundo. Mas o homem novo e celestial, certamente, não poderia se formar no curso desta vida, senão em companhia do velho. É necessário que homem novo se inicie do velho, e conviva com ele até à morte visível. Ainda que enquanto um vai se enfraquecendo, o outro vai se desenvolvendo. **50***

Assim, guardadas as proporções, acontece com o gênero humano, cuja vida se desenrola como a de uma só pessoa, desde Adão até o fim deste século. Pelas leis da divina Providência que a governa, aparece a humanidade distribuída em duas classes. Uma constituída pela multidão dos ímpios que trazem impressa a imagem do

homem terreno desde o início dos tempos até o seu fim. A outra classe é formada das gerações de um povo consagrado ao único Deus. De Adão a João Batista, conduziu Deus a vida do homem terreno sob certa justiça servil. Sua história chama-se o Antigo Testamento, sob a promessa de um reino temporal. Mas toda essa história, no seu conjunto, nada mais é do que a imagem do novo povo do Novo Testamento, ao qual é prometido o reino dos céus. A vida desse povo, na fase temporal, vai da vinda do Senhor à humildade, até a sua volta à glória, no dia do Juízo. Depois do que, o velho homem, tendo desaparecido, será aquela transformação definitiva e prometida: uma vida angélica. ***"Porque todos ressuscitaremos, mas nem todos seremos transformados"*** (1Cor 15,51 — versão itálica).

O povo santo, pois, ressuscitará para ver em si os restos do velho homem transfigurados no homem novo. O povo ímpio também ressuscitará, após haver realizado o velho homem do início ao fim, mas será para cair numa segunda morte.

Os que lerem diligentemente as Escrituras, encontrarão aí a distinção das idades. Não se espantará de encontrar misturadas a cizânia e a palha. Porque o ímpio vive para o homem piedoso, o pecador para o justo, a fim de que, ao lado deles, se levante com estímulo maior para atingir a perfeição.

Capítulo 28

As normas da pedagogia adotada

A ação dos profetas e dos evangelizadores

51 No tempo em que o povo era terreno, os que mereceram atingir a iluminação de homens interiores, foram os auxiliares da humanidade. Manifestaram ao povo o

que exigia a idade em que se encontravam, e que ainda não estavam em tempo da manifestação. Assim, aparecem os patriarcas e os profetas, aos olhos daqueles que em vez de se entregarem a ataques pueris, estudavam com piedade e diligência o tão benéfico e sublime mistério das realidades divinas e humanas.

Essa mesma função, no tempo atual do novo povo, são os varões insignes e espirituais, discípulos da Igreja católica que a assumem com muita prudência, como podemos constatar.

Quando eles compreendem que certa questão não deve ainda ser colocada para o povo, guardam-na, mas espalham largamente o leite à multidão ávida, dos que ainda são fracos.

Todavia, juntamente com pequeno número de sábios, eles se nutrem de alimentos mais fortes. Pregam a sabedoria entre os perfeitos. Aos homens carnais e psíquicos que — apesar de serem homens novos — são ainda crianças, eles velam algumas coisas, sem jamais usar de mentiras. Não procuram atrair para si vãos elogios e cumprimentos fúteis. Só procuram o proveito dos que mereceram ser seus companheiros nesta vida.

Esta é a lei da divina Providência: que ninguém, para conhecer e obter a graça de Deus, seja ajudado pelos que lhe estão acima, a não ser os que com desinteressado afeto tenham ajudado aos que estão abaixo.

Assim, mesmo depois do nosso primeiro pecado que foi cometido por um homem pecador, e por isso por nossa própria natureza, o gênero humano chega a ser a glória e o ornamento deste mundo. A ação da divina Providência foi tal que pela arte de tratamento indescritível, a própria fealdade dos vícios transforma-se em não sei quê de belo.*

QUINTA PARTE

A salvação pela razão

Capítulo 29

A reflexão: caminho da verdadeira religião

A contemplação do espetáculo da natureza

52 Parece que, presentemente, já falamos bastante a respeito dos benefícios da fé na autoridade.

Vejamos, agora, até onde pode ir a razão na sua ascensão do visível ao invisível, do temporal ao eterno.

É preciso não ser, em vão nem inútil, o exercício da contemplação da natureza: a beleza do céu, a disposição dos astros, o esplendor da luz, a alternância dos dias e noites, o ciclo mensal da lua, a distribuição do ano em quatro estações, análoga à divisão dos quatro elementos, o prodigioso poder dos gérmens geradores das espécies e dos números, a existência de todos os seres, enfim, pois cada um guarda sua própria característica e natureza.

Esse espetáculo não é feito para exercermos sobre ele vã e transitória curiosidade. Mas sim para nos elevar gradualmente até as realidades imperecíveis e permanentes.

De tal espetáculo ergue-se logo a questão sobre qual seja essa Natureza viva que tem consciência de todos os fenômenos. Se ela confere vida ao corpo é preciso que ela lhe seja superior. Uma massa qualquer, mesmo refulgente como essa luz que vemos, se não possuir a vida, não merece lugar elevado em nossa estima. É lei da

natureza que a substância viva tenha prioridade sobre a substância sem vida.

A possibilidade de julgar: a grande superioridade do homem

Ninguém contesta que os animais irracionais vivem 53
e sentem. Do mesmo modo é aceito ser superior a eles a alma humana. Não pelo fato de ela perceber o sensível, mas pelo poder que ela tem de julgar.

Com efeito, são encontrados muitos animais cuja vista é mais penetrante do que a dos homens. Com outros sentidos que possuem, chegam a perceber mais agudamente as propriedades dos corpos. Mas para levantar um julgamento sobre isso, não é possível a vida exclusivamente sensível. É preciso possuir a razão. E o que está ausente nos animais é o que faz a nossa superioridade.* O ser que julga é superior à coisa julgada — isso é facílimo de se constatar. Além do mais, o ser racional não julga somente a respeito de objetos sensíveis, mas também sobre os seus próprios sentidos. Por exemplo, o ramo mergulhado na água parecerá quebrado, apesar de continuar inteiro. Os olhos sentiram com certeza dessa maneira, porque a vista pode nos comunicar o fenômeno, mas não julgar sobre o erro.

É claro que assim como a vida sensitiva é superior ao corpo inorgânico, a vida racional é superior a ambos.

Capítulo 30

As verdades eternas, superiores à nossa razão

A percepção da Verdade no julgamento do espírito

Se a alma racional julga conforme as suas próprias 54
normas, não haverá nenhuma natureza que lhe seja su-

perior.* Todavia, vemos que ela é evidentemente mutável, pois ora é douta, ora ignorante. Julga tanto melhor quanto mais for instruída. E quanto mais lhe for familiar a arte, a ciência ou a doutrina em questão. Portanto, é sobre a essência da arte que será preciso indagarmos. Entendo referir-me aqui por arte, não ao que se obtém pela experiência, mas ao que se descobre pela intelecção intuitiva *(ratiocinando).* Assim, por exemplo, o que conhece de extraordinário, aquele que sabe que a massa de cal e areia solda as pedras mais solidamente do que o barro? Ou o fato de saber erguer certas construções elegantes onde peças semelhantes são dispostas em ordem simétrica *(paris paribus respondeant),* enquanto outras peças — únicas no seu gênero — são colocadas ao centro? E contudo, esse tipo de percepção está bem próximo da razão e da verdade.

Perguntemo-nos por que ficamos chocados ao ver duas janelas não superpostas, mas justapostas, uma sendo maior ou menor do que a outra, em vez de serem ambas de dimensões iguais. Ao passo que, se estiverem superpostas, mesmo numa diferença de metade do tamanho, a desproporção não nos choca tanto. E ainda porque, desde que sendo apenas duas janelas nós não nos preocupamos de avaliar a diferença de uma e outra. Entretanto, se forem três, o sentido mesmo parece exigir, ou bem que não sejam desiguais, ou bem que a do meio, entre a maior e a menor, ofereça dimensões médias entre as duas outras.

Assim pois, uma espécie de instinto natural nos dirige nessa aquiescência. A esse propósito, notemos bem que tal objeto que, examinado à parte, não nos desagradava, deixa de nos agradar se o compararmos a outro melhor.

Constatamos assim que a arte vulgar reduz-se a uma lembrança de impressões agradáveis que já tivemos, acompanhada de certa habilidade na execução.

Caso tu sejas desprovido dessa habilidade de operar, mas fores capaz de julgar as obras, possuirás por aí um dom bem superior, mesmo se não conseguires executar aquelas obras.

A harmonia exige a Unidade

Em toda parte, o que agrada é a harmonia, a qual **55**
assegura a integridade e a beleza. Mas a harmonia requer a igualdade e unidade realizadas seja, pela semelhança dos elementos iguais *(similitudine parium partium),* seja pela proporção dos elementos dessemelhantes.

Mas se alguém puder encontrar entre os corpos perfeita igualdade e semelhança ousará dizer, depois de diligente consideração, que algum corpo é real e simplesmente uno? Todo corpo muda, passando de um aspecto a outro, ou de lugar a outro, é composto de partes, cada uma ocupando seu lugar próprio e distribuídas as partes, em lugares diversos.

Certamente, a verdadeira igualdade e semelhança, assim como a verdadeira e primeira Unidade não são percebidas pelos olhos corporais, nem por nenhum sentido, mas por uma intelecção do espírito.*

— Donde viria essa exigência de igualdade entre os corpos, unida à convicção de que essa igualdade difere infinitamente daquela outra que é perfeita (o Deus único), se o espírito não a pudesse perceber com os olhos da mente? Se ao menos pudesse ser denominada perfeita aquela perfeição que não foi feita!

Acima de nossos juízos: a Lei imutável

Todas as coisas sensivelmente belas — sejam elas **56***
obras da natureza, sejam elaborações da arte humana — não podem subsistir na beleza, sem tempo e lugar, tal o corpo e seus diferentes movimentos.

Entretanto, aquela igualdade e unidade, que só o espírito conhece e pela qual julga a beleza corpórea — conhecida pelos sentidos — essa igualdade e unidade não se encontram repartidas no espaço, nem se movem no tempo.

Não é exato, portanto, dizer-se que por elas podemos julgar sobre a esfericidade de uma roda, mas não sobre a de pequeno vaso. Ou ainda, que é redondo um vaso, mas não uma moeda.

Do mesmo modo, se se trata do tempo ou do movimento dos corpos, seria ridículo dizer-se que é conforme a elas (a semelhança e a unidade) que se julga a semelhança dos anos, mas não a dos meses, ou bem a dos meses, mas não a dos dias.

Se alguma coisa, pois, se move harmoniosamente ***(convenienter),*** no espaço ou conforme as horas ou momentos mais breves, esse fenômeno é regulado por uma única lei, a qual é invariável.

Se, pois, a mesma lei de igualdade e semelhança ou proporção serve para julgar as dimensões mais ou menos grandes de objetos e movimentos, essa lei é superior a tudo mais e por um poder real ***(potentia).***

De fato, aquela lei não é nem maior nem menor que o espaço e o tempo medido, pois se fosse maior não serviria totalmente para julgarmos por ela as coisas menores. E se fosse menor, tampouco nos serviria para julgarmos as coisas maiores.

Com efeito, é uma mesma e abrangente lei. Tomemos, por exemplo, a lei do quadrado, que nos faz julgar tal praça do forum, tal pedra retangular, tal quadro, tal jóia quadrangular. Assim também, é a mesma e completa lei de igualdade que aparece na lei do ritmo e nos faz apreciar os movimentos das patinhas de uma formiga que corre ou das patas de um elefante que anda.

Como pois, duvidar de que essa lei seja nem maior nem menor do que os intervalos do espaço e do tempo,

mas que com poder supera a tudo? Pelo fato de essa lei de todas as artes ser absolutamente imutável, enquanto o espírito humano — que recebeu o dom de constatar isso — está sujeito às variações do erro, é claro que existe acima de nossa mente uma lei imutável chamada Verdade.*

Capítulo 31

A lei suprema do julgamento: Deus e sua Verdade

Acima da razão: só Deus

A partir do que foi visto, é incontestável que aque- 57*
la natureza imutável que se acha acima da alma racional é Deus. Aí se encontra a primeira vida, a primeira essência. Aí está a primeira Sabedoria. É a Verdade imutável, justamente chamada a lei de todas as artes e a Arte do onipotente Artífice.

Assim sendo, a alma toma consciência *(sentiat)* de que não é por si mesma que pode julgar sobre a forma e o movimento dos corpos. Ao mesmo tempo, ela reconhece que sua própria natureza é superior à natureza daquelas coisas sobre as quais julga. Contudo, reconhece também, ser ela mesma de natureza inferior àquela de quem recebe o poder de julgar. E que não é capaz de julgar sobre essa natureza que lhe é superior.

Sou, com efeito, capaz de dizer porque os membros de cada corpo devem se corresponder simetricamente. Isso porque eu me deleito na igualdade absoluta percebida pelos olhos — não os de meu corpo — mas os de meu espírito. Tenho estima pelos objetos que contemplo com meus olhos. Tanto mais os estimo, quanto mais por sua natureza eles se aproximam do ideal percebido

pelo meu espírito. Como é esse ideal, ninguém sabe explicar bem. E que ninguém venha prudentemente afirmar que ele deveria ser assim, como se lhe fosse possível deixar de ser o que é.

A Verdade: o julgamento do Verbo

58* Por que nos agrada esse ideal? Por que nos apegamos a ele tanto mais veementemente quanto mais o saboreamos? Aí também, ninguém terá a audácia de responder, se entender corretamente.

Pois, se como todos os seres racionais, nós julgamos dos que nos são inferiores conforme a verdade, ao se tratar da própria Verdade, ela é que nos julga, unicamente, ao lhe estarmos unidos.

Ao se tratar da Verdade em pessoa (Jesus Cristo), nem mesmo o Pai o julga, porque ele não lhe é inferior. E quando o Pai julga, é por essa Verdade que ele julga.

Todas as coisas que tendem à unidade têm essa Verdade, Regra, Forma, Modelo — ou outro qualquer nome que se possa dar. Somente essa Verdade realiza plenamente a semelhança daquele de quem recebeu o ser. Se todavia, essa palavra "recebeu" for apropriada para designar o que significa ser Filho. Pois ele não tem o ser de si mesmo, mas do Princípio primeiro e supremo chamado Pai ***"de quem toma o nome toda paternidade no céu e na terra"*** *(Ef 3,15).* É porque ***"O Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento"*** *(Jo 5,22)* e que ***"O homem espiritual julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado"*** *(1Cor 2,15).* Dito de outra forma, nenhum homem o julga, mas ele é julgado somente por aquela lei pela qual pode julgar todas as coisas. Assim, este texto também exprime a verdade: ***"Todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo"*** *(2Cor 5,10).*

O homem espiritual, pois, julga tudo, porque está acima de tudo, quando está com Deus. E ele está com Deus, quando entende de maneira muito pura, e que ama com caridade total o que entende.* Assim, o quanto está em seu poder, identifica-se com a própria Lei pela qual julga tudo. Essa mesma Lei não pode ser julgada por ninguém.

Da mesma maneira se dá com as nossas leis temporais. Ao instituí-las, os homens as julgam, mas uma vez instituídas e promulgadas, não será permitido ao juiz julgá-las, mas sim, de julgar de acordo com elas. Portanto, o legislador temporal — se for homem de bem e sábio — baseia-se sobre a lei eterna, sobre a qual a nenhuma alma racional foi dado poder julgar, para discernir conforme as suas prescrições imutáveis o que convém em tal conjuntura impor ou proibir.

É privilégio das almas puras conhecer a lei eterna, mas não o direito de a julgar.* Isso porque há esta diferença: para conhecer, basta constatar que uma coisa é assim ou não. Para julgar, porém, nós acrescentamos alguma coisa por onde significamos que ela pode ser também de outro modo. É como se disséssemos: deve ser assim, ou deveria ter sido assim, ou ainda: deverá ser assim. Tal atitude é a dos artistas diante de suas criações.

Capítulo 32

Só o espírito percebe o Ordenador de nossos juízos

Diálogo com um arquiteto

Para muitos, a meta é o prazer humano. Não aspi- **59***
ram a algo mais alto, o que lhes permitiria julgar o porquê desses objetos visíveis nos deleitarem.

Suponhamos que eu perguntasse a um arquiteto que acaba de levantar uma ogiva, o porquê de ele iniciar outra ogiva, idêntica à primeira, do outro lado. Creio que me responderia: "Para que as partes iguais *(paria paribus)* se correspondam." Se insisto, e lhe pergunto porque ele escolheu tal disposição, dirá que isso convém, que é belo, que agrada ao olhar. Não ousará ir mais longe. Voltado para a terra, baseia-se em seu olhar, sem compreender a causa. Mas em presença de alguém dotado de olhar interior, que veja as coisas invisíveis, não desistirei. Hei de perguntar por que essa simetria agrada. Isso para que ele tente julgar com precisão sobre o prazer humano. Chegará, assim, a dominá-lo. Deixará de estar preso a ele. Julgará não conforme o mesmo prazer, mas a respeito dele.* E perguntarei, primeiramente, se os objetos são belos porque nos agradam ou se nos agradam por serem belos. Indagarei, em seguida, por que motivo eles são belos. Se o arquiteto hesitar, sugerirei que talvez seja porque as partes semelhantes estão reunidas de tal modo que evocam harmonia, unidade.

Os vestígios da Unidade

60 Quando aquele arquiteto descobrir que de fato é assim como eu disse, perguntar-lhe-ei ainda: se as partes que tendem com tal evidência para a unidade, realizam-na plenamente ou se ficam distantes disso. E se, de certo modo, elas estão assim mentindo. Esse será o caso, pois todo observador perspicaz verá que não existe nenhuma forma, nem corpo algum desprovido de certo vestígio de unidade, mas por mais belo que seja — pelo fato de ter suas partes dispersas no espaço, ter uma aqui e outra lá — corpo algum pode realizar a unidade perfeita à qual aspira.

Assim sendo, eu insistiria junto a meu interlocutor, para me responder onde ele vê tal *unidade* ou como se

explica que ele a veja. Isso porque se ele não a visse, de onde a conheceria para tentar imitar a beleza corporificada, mesmo sem que a esteja realizando plenamente? Pois quando é dito aos corpos: "Quanto a vós, se não estivésseis contidos em certa unidade, nada seríeis. Contudo, se fôsseis a mesma Unidade não seríeis corpos!" Retamente se poderia perguntar: "E de que modo conheces tu essa unidade, segundo a qual *julgas os corpos?"* Se não a vísses, não poderias julgar que eles não a realizam, e se pensas ver com os olhos corporais, não vês a Unidade na verdade, pois que mesmo mantendo vestígios dela, contudo os corpos permanecem distantes dela. Com teus olhos corporais só vês objetos corporais. É, pois, só com a mente que vemos a Unidade* Mas onde a vemos? Se ela estivesse só onde está o nosso corpo os orientais não a veriam... (E contudo, eles julgam a respeito dos corpos como nós). Portanto, ela não está circunscrita em um lugar. Presente em toda parte onde é possível julgar, ela não está presa no espaço, em locais determinados. E contudo, de lugar algum ela está ausente, por seu poder.

Capítulo 33

Veracidade do testemunho dos sentidos

Análise da sensação

Se a unidade não fosse senão mentira dos corpos, **61**
deveríamos nos guardar de crer neles, para não caírmos na "ilusão dos criadores de ilusões" ***(in vanitate vanitantium).*** Ao investigar melhor, porém, vemos que tal mentira vem de que eles parecem apresentar a nossos olhos corporais um ideal perceptível só à mente* Perguntemo-nos, pois, se os sentidos mentem porque são semelhantes aos corpos ou por não os atingirem a fun-

do. Se os atingissem, conseguiriam imitá-los, e seriam em tudo semelhantes a ele. Se assim fosse, não haveria mais diferenças de natureza entre eles, e portanto, não mentiriam e ofereceriam perfeita identidade.

Aliás, se considerarmos com mais diligência, vemos que os sentidos não mentem. Mentir é querer passar pelo que não se é. Mas passar por outro do que se é — sem o querer — não é mentir. É levar ao engano. O que distingue o mentiroso daquele que leva ao engano, é que todo mentiroso tem a intenção de enganar — mesmo que não se chegue a crer nele. Ao passo que levar ao engano, necessariamente, é algo impossível de não se dar. O fato acontece mesmo.

Ora, a beleza *(forma)* dos corpos que não possui nenhuma vontade, por si não pode mentir. Tampouco levar a engano — a não ser que se tome essa beleza pelo que ela não é na verdade.

Os sentidos e suas limitações

62. Nem mesmo os olhos se enganam, pois só podem transmitir à alma (racional) a sua impressão. Ora, se não somente os olhos, mas todos os sentidos corporais transmitem a própria impressão, tal qual, pergunto-me o que devemos exigir a mais deles. Suprimamos assim os criadores de ilusões e não haverá ilusão.

Se alguém pensa que o ramo se parte na água e fica inteiro ao ser retirado de lá, não decorre daí que os sentidos anunciaram erroneamente. Esse alguém é que foi mau juiz. Sendo o que é, a vista não podia nem mesmo devia, por sua natureza, sentir outra sensação de um fenômeno verificado dentro da água. Visto que o ar é um meio ambiente diferente do da água, é normal que a sensação seja uma através do ar, e outra através da água. A vista, portanto, está certa. Foi feita somente para ver. A alma (racional) é que está no erro. O espírito é que

recebeu o dom de contemplar a suma Beleza, não foi a vista. A alma (racional) quer, porém, voltar o espírito para os corpos, e os olhos corpóreos para Deus. Ela procura o que não é possível ser feito —, entender as coisas carnais e ver as espirituais.

Capítulo 34

Juízo sobre as imagens

Perigo da inversão dos valores

Sendo assim, é preciso retificar esse defeito, porque **63***
senão, o que está acima será posto embaixo, e o que está abaixo, em cima. Com isso, a alma não fica apta para o reinos dos céus.* Guardemo-nos de buscar os valores mais altos, entre os mais baixos, e a esses não vamos nos apegar. Saibamos julgá-los, para não sermos julgados com eles. Isto é, concedamos a eles, o quanto a sua forma de ser o merece — o da última ordem. Sem o que, procurando os principais valores entre os últimos, seremos relegados do primeiro ao último plano. Isso não prejudica em nada a esses valores inferiores, mas causa a nós muito mal. Nem a disposição da divina Providência perde sua beleza com isso. Pois a sorte do injusto está ordenada com justiça, e a do indigno, com dignidade.*

Resumindo, se a beleza das coisas visíveis nos enganam é porque elas contêm certa unidade, sem contudo a realizar plenamente. Compreendamos, se formos capazes, o que nos leva ao engano: não é o que seja o objeto, mas o que ele não é. Todo corpo é verdadeiro corpo, mas com unidade falha. Não é o Uno supremo. Não o reproduz plenamente. E contudo, não seria um corpo se não tivesse essa certa unidade. Finalmente, ele não poderia ter essa unidade, se não a recebesse daquele que é o Uno supremo.

Falsidade das fantasias da imaginação

64 Ó almas obstinadas! dai-me um homem que contemple (estas verdades), sem imaginar nada de carnal. Dai-me quem veja que unicamente o Uno perfeito é o princípio de todas as coisas que possuem unidade, nelas plenificando ou não, essa unidade. Dai-me um homem que veja, sem levantar objeções, sem se dar ar de ver o que não vê. Dai-me um homem que resista ao fluxo de sensações carnais e aos golpes que elas infligem em sua alma. Alguém que resista aos costumes dos homens, aos elogios humanos, que chore no leito as suas culpas, que se dedique a reformar seu espírito, sem apego às vaidades, sem busca de ilusões.

Dai-me alguém que saiba pensar assim: Se não há senão uma Roma, fundada, como dizem, à margem do Tibre, por certo Rômulo, ilusória é essa Roma que meu pensamento imagina. Ela não é a mesma, nem lá estou eu presente pelo espírito. Se tal acontecesse, eu saberia, certamente, o que lá se passa, agora. Se o sol é um só, ilusório é este que meu pensamento imagina. Aquele, real, realiza seu curso em determinados espaço e tempo. O sol da minha imaginação, eu o ponho onde quero e quando quero. Se um é aquele amigo meu, falso é o que trago em minha imaginação. O primeiro não sei onde esteja agora, o segundo eu o imagino onde quiser. Eu mesmo, certamente sou um só, e neste lugar sinto o meu corpo, e contudo, por um artifício de minha imaginação vou onde quero e falo com quem me apraz.

Todas essas coisas são ilusórias e ninguém entende a falsidade. Portanto, não uso a faculdade de compreender quando me entrego a fantasiar as coisas nas quais devo crer. Pois só o verdadeiro deve ser objeto a ser contemplado pela inteligência. Não são, talvez, aquelas representações (as dos maniqueus) os chamados fantasmas

da imaginação? De onde vem, pois, que minha alma (no passado) se tenha enchido de tais ilusões?

Onde estará o verdadeiro objeto da contemplação do espírito? A quem se questiona desse modo, já se pode dizer: "É luz verdadeira aquela que te faz reconhecer que tudo isso não é verdadeiro.* É por ela que vês aquele Uno, por cujos reflexos vislumbras a unidade em todas as coisas vistas. Vês, porém, que elas são mutáveis, não idênticas ao Uno".

Capítulo 35

Dedicar-se ao conhecimento de Deus

A alma pacificada submete-se plenamente a Deus

Se as considerações acima perturbam o olhar de vossa mente, aquietai-vos. Não luteis senão contra o mau hábito das imaginações corpóreas. Vencei-as e tudo mais será vencido. **65***

É por certo o Uno que nós procuramos. Não há nada mais simples do que ele. Procuremo-lo, pois, em toda simplicidade de coração. ***"Tranquilizai-vos e reconhecei: Eu sou Deus"*** (Sl 45,11). Não se trata do repouso da ociosidade, mas do repouso do pensamento, libertado do espaço e do tempo. O turbilhão das imaginações soltas impede de ver a unidade inalterável. O espaço apresenta-nos objetos a amar. O tempo arrebata o que amamos, não deixando na alma senão multidão de imagens que excitam a cupidez, em todos os sentidos.* A alma torna-se então inquieta, atormentada no seu ardente, mas inútil desejo de possuir os objetos que a possuem.

A alma é convidada ao repouso, isto é, a não amar objetos os quais não poderia amar, sem penar. Pois ela poderá se tornar senhora deles. Em vez de ser possuída,

ela se possuirá* *"O meu jugo, diz o Senhor, é suave"* (Mt 11,30). Quem se submete a esse jugo, submete tudo o mais a si. Aquele que está submisso não oferece resistência. Mas infelizes os amigos deste mundo! Seriam senhores do mundo se o quisessem. Que se tornem filhos de Deus, pois *"a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus"* (Jo 1,12).

Sendo amigos do mundo, porém, temem tanto ser separados desse amor, que parece nada lhes ser mais penoso do que não mais penar.*

Capítulo 36

O Verbo de Deus — a própria Verdade

Assemelhar-se ao Verbo — verdade e imagem perfeita do Uno

66* Se está claramente manifesto que a falsidade faz crer na existência daquilo que não é, compreende-se que a verdade seja a que manifeste aquilo que é.

Vimos que os corpos nos enganam, à medida que não realizam plenamente aquele Uno, ao qual se acham levados a imitar. Esse princípio Uno é por quem existe tudo o que de algum modo existe.* É por ele que aprovamos tudo o que explicitamente esforça-se por se assemelhar a ele. E naturalmente, desaprovamos tudo o que tende a se afastar dessa unidade, e tornar-se dessemelhante.

Daí se compreende que exista alguém de tal modo semelhante àquele princípio uno — de quem recebe a unidade tudo o que de certo modo é uno — e que realize perfeitamente a tendência a lhe ser semelhante: Esse alguém é a Verdade, o Verbo, que existe desde o princípio, o Verbo de Deus, Deus em Deus.*

Se, com efeito, a falsidade vem das coisas que imitando o Uno — não enquanto imitam, mas enquanto

não conseguem realizar esse ideal — a Verdade (o Verbo) é o que consegue essa realização. É tal como o Uno. Eis porque é chamado, com retidão, o seu Verbo e a sua Luz *(Rm 1,25).* Todos os outros seres podem ser ditos semelhantes ao Uno, à medida que existem, pois nessa mesma medida são verdadeiros. Quanto a ele, é na verdade a perfeita semelhança, e portanto a Verdade. Em vista do que, é pela Verdade que é verdadeiro tudo o que seja verdadeiro.* Como é pela semelhança que é semelhante tudo o que seja semelhante.

A Verdade é pois, a forma das coisas verdadeiras. Assim como a semelhança é a forma das coisas semelhantes. Assim, as coisas verdadeiras são verdadeiras à medida que existem — e existem à medida que são semelhantes àquele Uno primordial. Por ele, todas as coisas que existem recebem forma, porque ele é a suprema semelhança do princípio. E é a Verdade, porque sem nenhuma dessemelhança com ele.

A origem do pecado

Assim, a falsidade não vem da mentira dos objetos (eles não mostram aos sentidos senão a forma que lhes foi dada conforme o seu grau) nem da mentira dos sentidos (impressionados conforme a natureza do corpo afetado). Transmitem somente isso à alma (racional), a que dirigem as suas impressões. **67**

Os pecados iludem as almas quando elas, ao procurarem o verdadeiro, negligenciam a Verdade, por amarem mais as obras do que o Artífice e a sua Arte.* São punidos os homens por esse erro que consiste em tomar as obras pelo Artífice e a Arte. Deus não é captado pelos sentidos corporais, mas sobrejuga o próprio espírito.

Os pecadores tomam as obras pela Arte e pelo próprio Artífice.

SEXTA PARTE

A tríplice restauração operada pela reflexão

Capítulo 37

A servidão da impiedade

Adorar as criaturas em lugar de Deus

68 Acima ficou exposta a origem da impiedade. Não somente a dos que pecam atualmente, mas também a origem do mau, naqueles que já estão condenados por seus pecados.

Os homens não somente se prevalecem, explorando as criaturas, de maneira contrária à ordem de Deus, mas ainda procuram satisfazer-se nelas, mais do que na Lei e na Verdade. Tal foi o pecado do primeiro homem: o mau uso de seu livre arbítrio.

Condenados, os homens vão mais longe. Não somente amam, mas ainda se põem a servir as criaturas, em vez de servir o Criador.* Adoram as criaturas, nos seus mais variados elementos — dos mais elevados aos mais baixos.

Alguns adoram, em vez do Deus soberano, a própria alma. Essa criatura de primeira classe, dotada de inteligência, que o Pai criou por sua Verdade, criada para contemplar sempre a Verdade, e por ela poder contemplar a si mesmo. A Verdade em tudo semelhante a Deus.

Daí, passaram os homens ao culto da vida fecunda, pela qual o Deus eterno e imutável suscita os seres visíveis que se reproduzem no tempo.

Depois, vêm a descer ao culto dos animais, e em seguida até ao dos próprios seres puramente materiais. Escolhem entre estes primeiramente os mais belos. Para começar: os astros do firmamento, sendo o primeiro, o sol. Nele, alguns têm permanecido.

Outros homens acham que a lua também merece culto. É ela, como dizem, mais próxima de nós. Por isso nos dá a impressão de ser mais acessível.

Outros ajuntam os demais astros e o firmamento todo, com suas estrelas. Outros, ao céu etéreo, unem a atmosfera terrestre e sujeitam suas almas a esses dois elementos superiores.

Mas aqueles que se julgam os mais religiosos tomam todas as criaturas ao mesmo tempo — o mundo inteiro com tudo o que ele contém — e a mesma vida que é dada pela animação do sopro. Ela é considerada por uns como corpórea e por outros, como incorpórea. Tomam esse todo e o julgam como o único grande Deus, do qual todos os outros seres seriam parte. Não conhecem, pois, o Autor e Criador do universo. Daí, precipitarem-se na idolatria *(in simulacra)*. Depois das obras de Deus, mergulham nas próprias criações visíveis.

Capítulo 38

A adoração da tríplice concupiscência

Escravidão dos adoradores do próprio eu

69 Encontra-se no culto dos ídolos grau ainda mais profundo e mais baixo: o culto religioso absoluto por todos os próprios pensamentos e tudo mais que em seu orgulho e presunção, o espírito desgarrado pode imagi-

nar. Até que venha à idéia desses ímpios de que absolutamente nada merece receber culto. Consideram que os homens se envolvem em crenças supersticiosas. Enganam-se eles e prendem-se numa deplorável escravidão. Mas em vão sentem desse modo, pois eles próprios não conseguem sair dessa sujeição. Permanecem, com efeito, nos próprios vícios que os induzem até opinar que são esses vícios que devem ser adorados. Sujeitam-se à servidão de tríplice cupidez: a do prazer, a da ambição e a da curiosidade ***(vel voluptatis, vel excellentiae, vel spectaculi).***

Eu duvido de que entre esses homens que proclamam nada merecer culto, ser possível encontrar alguém que não esteja sujeito aos prazeres carnais ou em busca do vão poder, ou ainda, loucamente atraído pelo espetáculo. Assim, sem o saber, amam essas coisas temporais, na esperança de conseguir a felicidade. Mas, forçosamente, queira ou não, o homem é servo daquelas mesmas coisas com que aspira ser feliz. Aonde quer que o levem, ele as segue, chega a tremer diante da menor suspeita de que elas possam lhe ser tiradas. Ora, para isso se dar, bastaria uma centelha de fogo ou um pequenino inseto. Enfim, sem falar de inúmeras adversidades, o próprio tempo leva fatalmente tudo o que é transitório.*

Portanto, como todas as coisas pertencem a este mundo temporal, aqueles que para não se escravizarem, proclamam que nada deve ser adorado, tornam-se eles mesmos, escravos dos elementos terrestres.

Como são vencíveis as concupiscências

70 Na verdade, estão os homens reduzidos à extrema miséria. Padecem sob o jugo de suas paixões: a sensualidade, o orgulho e a curiosidade. Quer seja por duas dessas concupiscências quer por todas elas.

Contudo, enquanto estiverem nessa etapa de sua vida humana, eles podem ainda reagir e vencer. Sob a condição de começar por crer naquilo que ainda não podem compreender, e deixar de amar as coisas do mundo. Conforme diz a palavra divina: *"Tudo o que há no mundo é: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a ambição do século"* (1Jo 2,16).

Aí está a maneira de designar as nossas três grandes paixões: "concupiscência da carne" é relacionada aos amantes dos vis prazeres; "concupiscência dos olhos", quanto aos curiosos e "ambição do século", referente aos orgulhosos.

Triunfo de Jesus sobre a tríplice tentação

São também três as tentações que a Verdade feita homem assinala à nossa vigilância, por meio de seu exemplo. *"Manda que estas pedras se transformem em pães"*, disse-lhe o tentador. Responde-lhe o único e soberano Mestre: *"Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus"*. Por aí nos ensina que a paixão do prazer deve ser tão bem domada que nem sequer à fome se deve ceder. **71**

Mas talvez, se resistiu ao prazer carnal, não possa ele resistir ao fasto do poder temporal. Todos os reinos do mundo lhe são mostrados em seu esplendor e lhe é dito: *"Tudo isto te darei, se prostrado me adorares"*. Ao que, ele replica: *"Ao Senhor teu Deus adorarás, e a ele só prestarás culto"*. Assim, a soberba é pisoteada.

Veio depois a última tentação, a da curiosidade. Nada levaria alguém a se jogar do alto do templo, senão o pretexto de algo inédito. Mas tampouco aí foi Jesus vencido. Respondeu de modo que compreendêssemos que para conhecer a Deus não é preciso nenhuma artimanha para tornar visíveis as coisas divinas. *"Não tentarás ao Senhor teu Deus" (Mt 4,1-10).*

Em resumo, aquele que se alimenta interiormente com a palavra de Deus não procura no deserto desta vida o prazer.*

Aquele que vive submisso ao único Deus, não busca neste monte, isto é, na exaltação terrena, a sua vanglória.

Aquele que se deleita com o espetáculo da verdade imutável, não se atira de cima de seu corpo, isto é, das coisas visíveis, para conseguir experiências de coisas temporais e inferiores.

Capítulo 39

Retornar dos vícios à primeira beleza

A Verdade habita no coração do homem

72 O que sobra, pois, que não possa recordar à alma, a primeira beleza perdida, já que até as suas próprias paixões podem fazê-lo? Desse modo, *"a Sabedoria de Deus se estende com força de uma extremidade à outra" (Sb 8,1).* E assim, por ela, o supremo Artífice ordena suas obras como numa tela, com a única finalidade de beleza. Dessa maneira, essa bondade não se recusa a nenhuma beleza — à mais excelsa como à mais ínfima — pois toda beleza só dela pode proceder. E assim, ninguém se afasta dessa Verdade sem se encontrar em face de certa imagem da mesma Verdade.* Indaga o que o prazer oferece de cativante, e nada mais encontrarás do que harmonia *(convenientiam).* Porque, se o desacordo produz o sofrimento, a concórdia traz o deleite. Reconhece, pois, qual seja a suma Harmonia.

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esque-

ças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-te à fonte da própria luz da razão.

Aonde pode chegar, com efeito, todo bom pensador senão até à Verdade? Se a Verdade não é atingida pelo próprio raciocínio, ela é justamente, a finalidade da busca dos que raciocinam.

Eis a harmonia que nada mais poderia ultrapassar. Harmoniza-te com ela. Confessa que tu não lhe és idêntico, visto que ela nada precisa procurar para si mesma, ao passo que tu vieste a ela, procurando-a, não a percorrer espaços, mas pelo desejo de teu espírito. Foi ele que te fez encontrá-la, não com fruição carnal e baixa, mas com sumo deleite espiritual. Tudo para que o homem interior se harmonize com Aquele que nele habita.

A Verdade encontra-se mesmo na certeza da dúvida

Se não percebes bem o que digo, e duvidas que isso **73**
seja a verdade, toma consciência, pelos menos, de que não duvidas de que tenhas duvidado. Depois, se tens certeza de que duvidas, procura o fundamento dessa certeza e então, certamente, não será mais à luz de nosso sol, *"mas à luz verdadeira, que vindo ao mundo, ilumina todo mundo" (Jo 1,8),* que a encontrarás. Essa luz não é visível a nossos olhos, nem aos olhos (mentais) que nos fazem ver as imagens impressas na alma, nem pelos olhos do corpo, mas sim por aqueles olhos que nos fazem dizer às nossas imaginações *(phantasmatibus):* "Não, não sois vós o que eu procuro, não sois o Princípio, graças ao qual eu vos ordeno, repelindo o que me mostrais de fealdade, e aprovando o que em vós encontro de belo. Porque ela é mais bela — aquela luz interior — com a qual eu aprovo e desaprovo. Ela mesma agrada-me acima de tudo. Prefiro-a não somente a vós, (ó imaginações vãs), mas a todos os objetos corporais de onde vos retirei".

Depois, penso assim sobre essa mesma norma *(regulam):* Quem quer que perceba intelectualmente que duvida, percebe uma verdade.* Possui uma certeza sobre esse objeto. Possui, pois, uma certeza sobre um objeto verdadeiro.

Por conseqüência, quem quer que duvide da existência da verdade, possui em si mesmo, algo verdadeiro, de onde tira todo fundamento para a sua dúvida. Ora todo verdadeiro, só é verdadeiro pela verdade.* Não possui, pois, o direito de duvidar da existência da verdade aquele que de um modo ou outro chegou à dúvida.

Lá, onde aparecem essas evidências, fulgura uma luz, sem espaço local ou temporal, e sem trazer consigo nenhuma imaginação de qualquer gênero seja. Será possível que a evidência possa ter alguma alteração? Certamente não, se bem que todo ser que reflete desapareça ou envelheça sob os impulsos carnais inferiores.

Não é o ato de reflexão que cria as verdades. Ele somente as constata. Portanto, antes de serem constatadas, elas já permaneciam em si, e uma vez constatadas essas verdades nos renovam.

Capítulo 40

A ordem e a beleza reconhecidas pela reflexão

A beleza do corpo humano

74 O homem interior renasce dia a dia, enquanto o homem exterior vai se corrompendo. O homem interior, porém, contempla o homem exterior, e comparando-se a ele, acha-o feio. É belo, contudo, no seu gênero, gozando da harmonia própria do corpo. Tem capacidade de assimilar aquilo que transforma em seu benefício, isto

é, os alimentos corporais. De tal modo o faz que, pela sua desintegração, eles perdem a própria forma, incorporam-se à estrutura do organismo e reparam as forças deste. Passando a outra forma conveniente, esses alimentos são de certo modo selecionados pela ação vital do organismo. Os elementos aptos são assumidos para a formação daquela beleza visível. Os não aptos são eliminados nas vias congruentes. O mais fétido volve ao seio da terra para tomar nova forma. Outra parte esvai-se pelo corpo todo. Outra é assimilada pelos números secretos que todo ser animal possui. E inicia-se o germe da prole. Excitado pelo enlace de dois corpos ou por alguma imaginação congênere, verte-se do vértice aos condutos genitais, provocando deleite de ínfima categoria. Em seguida, no seio da mãe, forma-se em intervalos de tempo determinado, numa estrutura especial. De maneira que cada membro ocupa lugar próprio. Se é guardada a lei da harmonia, acrescenta-se o brilho da tez.* Nasce um corpo considerado belo. Poderá vir a ser amado fortemente por seus admiradores. Contudo, nele não agrada tanto a forma pela qual se move, quanto a vida que dá origem a esse movimento.

Esse ser vivente, caso nos ame, atrai-nos com veemência. Se nos odeia, faz-nos acender em cólera. Não conseguimos suportá-lo, ainda que nos ofereça sua beleza para desfrute.

Tudo isso pertence ao domínio do prazer e da beleza inferior, a qual se acha sujeita à corrupção. Se assim não fosse, nós a tomaríamos como a suprema Beleza.

A intervenção da Providência

A Providência de Deus intervém, primeiramente, 75
mostrando que a beleza do corpo humano não é má. Manifestam-se nele os vestígios dos primeiros números. Entre estes, a Sabedoria de Deus, que não é um núme-

ro. Em seguida, a Providência mostra-nos que essa beleza é de ordem inferior e mistura-se com dores, doenças, deficiências nos membros de tez pálida. E ainda, está sujeita a rivalidades e conflitos. Isso nos lembra que devemos procurar o Imutável.

Para essa realização, a Providência serve-se de agentes inferiores, que têm prazer de agir desse modo: são os anjos exterminadores, os anjos da vingança, como os denominam as Sagradas Escrituras. Desconhecem o bem para o qual estão contribuindo.

Parecidos a esses anjos maus, são os homens que se alegram com os males dos outros e exibem-se em espetáculos de irrisão, de jogos ou os que procuram exibir-se causando danos e enganos aos demais.*

Entretanto, em todas essas situações, as pessoas de bem encontram ensinamento, provação, ocasião de vencer, de triunfar e reinar. As pessoas estultas, contudo, são enganadas, atormentadas, vencidas, condenadas, reduzidas à escravidão. Isso não diretamente, pelo único e soberano Senhor de tudo, mas por intermédio de seus servos, isto é, aqueles anjos que se nutrem com as dores e as misérias dos condenados. Por causa dessa malevolência, aborrecem-se com a libertação dos bons.

Critérios para o reto julgamento

76 Assim sendo, todos os seres, por seus ofícios e finalidades ordenam-se para a beleza do universo. O que, tomado separadamente, pode nos causar desagrado, no conjunto, torna-se muito agradável.

Para julgar sobre um edifício, não devemos nos limitar a considerar somente um ângulo. Nem para julgar a beleza de um homem, apenas a sua cabeleira. Ou a respeito de bom orador, unicamente, o movimento de suas mãos. Ou ainda sobre o ciclo da lua, somente três dias de sua fase.

Todos os seres materiais são de ordem inferior, justamente, porque são inteiramente feitos de partes imperfeitas. Mas pode ser sentida a sua beleza, seja no seu repouso, seja no seu movimento. É preciso, considerá-los na totalidade, se quisermos julgá-los corretamente.

Na verdade, o nosso julgamento — seja sobre parte, seja sobre o todo é coisa bela. Transcende o mundo todo, à medida que julgamos corretamente, sem nos prendermos a alguma parte apenas. O nosso erro está aí: prender-nos a uma única parte. Daí, o julgamento tornar-se disforme por si mesmo.

Acontece, porém, como na pintura: a cor negra no conjunto do quadro torna-se bonita. Assim, toda a luta pela vida que enfrentamos está ordenada como convém, pela divina Providência imutável. Ela dá um papel aos vencidos, tal outro aos combatentes, tal outro aos vencedores, tal outro aos espectadores, tal outro às almas pacíficas — essas contempladoras do único Deus.

Nisso tudo, só é mal o pecado e a conseqüência do pecado, isto é, o afastamento voluntário da suma essência, e o penar forçado no que há de mais baixo. Em outros termos, o mal reduz-se na emancipação em relação à justiça, e na servidão em relação ao pecado.

Capítulo 41

O belo encontra-se até no castigo do pecado

A beleza ascendente das criaturas

O homem exterior muda — seja pelo progredir do homem interior, seja por sua própria debilidade. No primeiro caso, será para se transformar inteiramente para melhor, até vir o som da trombeta final quando reencontrará sua integridade. Nunca mais se corromperá nem 77

prejudicará os outros. No segundo caso, cairá no plano das mais corruptíveis das belezas, isto é, no plano dos castigos.

Não vos admireis de que ainda aí emprego o termo beleza. Pois nada de ordenado deixa de ser belo. É como diz o Apóstolo: *"Toda ordem vem de Deus" (Rm 13,1).*

É preciso reconhecer que é preferível se encontrar um homem a chorar, a um insetozinho a se alegrar. E contudo, eu posso fazer longo elogio ao inseto, se considero o brilho de suas cores, a figura roliça de seu corpo, as proporções dos membros dianteiros, médios e traseiros que mantêm toda uma exigência de unidade permitida a esse humilde grau de ser. Nele, não há parte alguma que não tenha em face outra correspondente, na mesma dimensão. E o que dizer da vida que anima esse pequenino corpo? E o modo como se movimenta em cadência? Como procura o que lhe convém, ultrapassando ou evitando os obstáculos, o quanto pode. Tudo subordina a seu único instinto de conservação. Recorda ele a suma unidade criadora de todas as obras da natureza, muito mais do que um ser inorgânico. E digo isso de um insetozinho que de certa forma possui vida só em pequena escala.

Sabe-se que há muitos autores que até chegaram a fazer copioso elogio da cinza e do esterco (Catão, conforme afirma Cícero, em sua obra "Catão, o maior").

O que há de espantoso, pois, de eu afirmar que a alma humana que em todas as situações e disposições se mantém superior a qualquer simples ser corporal, está belamente ordenada. Mesmo de seus castigos, surgem novas belezas. Sendo infeliz, ela está lá onde convém que estejam — não os bem-aventurados — mas os infelizes condenados.

Exercer o poder viril do autodomínio

Não sejamos enganados por pessoa alguma, em ab- 78
soluto.

Se alguma coisa é desaprovada, com razão, é porque a menosprezamos, ao compará-la com algo melhor.

Ora, toda obra da natureza, seja ela a última, a ínfima, é digna de elogio em comparação ao nada. E contudo, nada é totalmente bom, quando poderia ser melhor.

Portanto, se de um lado podemos ter o Bem, com a própria Verdade; de outro, temos o mal, com o simples vestígio da verdade. Seria ainda pior, se tivéssemos somente os limites de seus vestígios. Isso se verifica quando nos apegamos aos deleites carnais.

Vençamos, pois, as seduções ou os aborrecimentos de tal paixão. (E empregando uma metáfora): Submetamos essa mulher — se formos homens. Sob nosso comando, ela se tornará melhor. Seu nome não será mais paixão, mas temperança. Ao contrário, no caso de ser ela que nos manda e nós que a seguimos, seu nome será realmente paixão e libido. E o nosso nome: temeridade e estultice. Sigamos a Cristo, nossa cabeça, a fim de, por nossa vez, sermos seguidos por aquela de quem somos a cabeça.

Isso vale igualmente para as mulheres. Não por direito conjugal, mas pelo direito fraterno. Esse direito, pelo qual em Cristo, não somos mais nem homens nem mulheres. Pois as mulheres possuem também em si algo viril, que lhes permite subjugar a concupiscência — essa outra mulher — para assim poderem servir a Cristo e dominar as próprias paixões.

Tem aparecido na história do povo cristão, uma quantidade de viúvas, virgens de Deus e muitas esposas também, que na fraternidade observam as leis do casamento.

Essa nova vida se dá quando dominamos essa porção de nós mesmos, da qual Deus quer que tomemos posse, exortando-nos e ajudando-nos. Mas se essa porção — em conseqüência de negligências — submeter a parte viril, isto é, o espírito e a razão, a pessoa será torpe e desgraçada. Ser-lhe-á destinado já nesta vida e em seguida na outra, o lugar para o qual justamente lhe destinou e ordenou o supremo Senhor e Ordenador.

Assim vemos não ser tolerado que a universalidade das criaturas seja manchada por esse tipo de deformidade.

Capítulo 42

A primeira restauração: a reflexão — remédio contra a concupiscência da carne

Refletir sobre a vitalidade da natureza

79* Caminhemos, pois, enquanto é dia, isto é, enquanto podemos nos servir da razão, para nos voltar para Deus. Assim, mereceremos ser iluminados por seu Verbo, que é a verdadeira luz e ***"para que a escuridão não nos alcance"*** *(Jo 12,35).* O dia é a presença daquela luz ***"a luz verdadeira que vinda ao mundo, ilumina todo homem"*** *(Jo 1,9).*

O texto diz: "todo homem", porque cada um é capaz de se servir de sua razão, apoiando-se, para se reerguer, ali no lugar onde caiu.*

Se amamos o prazer carnal, examinemo-lo atentamente, e quando tivermos reconhecido os vestígios de certos números, procuremo-los, lá onde eles se encontram, sem nenhuma extensão material. (Isto é, em Deus). Pois é aí que é mais perfeita a unidade de tudo o que

existe. E se eles, os números, se encontram até no próprio movimento vital, em operação no esperma, aí hão de ser mais admirados do que nos corpos (sem vida). Acontece que se os números dos germes crescessem conforme o volume dos mesmos, da metade de um grão de figo brotaria apenas a metade de uma figueira. Do mesmo modo, do sêmen de um animal — se fosse emitido só em parte — não se produziriam animais perfeitos e íntegros. Nem mesmo um só pequenino sêmen poderia ter esse poder incalculável de reprodução na sua própria espécie. Ora, foi de um germe único que se propagou pelos séculos, conforme sua própria natureza, colheitas de colheitas, florestas de florestas, rebanhos de rebanhos, povos de povos sem que se encontre uma folha sequer, nem pêlo algum nessas inumeráveis séries de sucessão que não tenha sua causa naquele primeiro e único germe.

É também para se notar quão numerosa e quão suave a beleza das melodias transmitidas pelo ar, como, por exemplo, o canto do rouxinol. A alma desse passarinho não produziria tais melodias tão livremente* se não encontrasse essa impressão sob forma incorpórea, em seu movimento vital.

Essas observações servem para todos os outros seres vivos, carentes de razão, mas não de sentidos. Nenhum deles, quer pelos sons emitidos, quer por outro movimento ou atividade de seus membros, deixa de apresentar um não sei quê de harmonioso *(numerosum)* em seu gênero. E não foi conseguido por qualquer aprendizado, mas pelas leis secretas da natureza, reguladas pela imutável lei dos números, origem de toda harmonia.

Capítulo 43

Valor da possibilidade humana de julgar

Refletindo sobre a proporção das coisas

80* Voltemos ao tema do homem, deixando de lado o que temos de comum com os vegetais e os animais. Vemos que a andorinha tem um só modo de construir o seu ninho. Do mesmo modo, cada espécie de pássaro possui o seu modo exclusivo. O que há, pois, em nós, homens, que nos permite julgar sobre todas as coisas? Por exemplo, os ninhos que as aves fazem e como os fazem. Ao passo que nós, em nossos edifícios e outras obras materiais, projetamos inúmeras combinações, de todos os tipos, sendo nós os verdadeiros mestres dos planos.

Que faculdade há em nós para podermos perceber em nosso íntimo: que essas massas materiais visíves são de proporções extensas ou diminutas; que todo corpo, por pequenino que seja, possui duas metades e por conseguinte, inúmeras partes? Um grão de milho em relação ao milharal possui tanta grandeza quanto nosso corpo em relação ao mundo. O que nos faz perceber que a beleza deste mundo está na sua estrutura e não no volume de sua massa? Que o mundo parece-nos tão grande, não por sua extensão, mas por nossa pequenez, isto é, da pequenez dos seres vivos que o habitam; e que, por sua vez, os seres, sendo divisíveis ao infinito, não são pequenos por si mesmos, mas por comparação a outros, sobretudo o próprio universo?

E considerando a duração do tempo, as coisas não são diferentes. Como em todo espaço local, qualquer duração de tempo comporta duas metades. Quão breve seja uma porção de tempo, comporta começo, progresso e fim. Por não poder deixar de ser dividido em duas metades, do meio começa-se a passar para o fim. Da mesma maneira, a duração de uma sílaba. Será breve em

comparação a uma mais longa. E a hora de inverno será mais curta, em comparação à hora de verão. Assim também: é breve a hora em relação ao dia; e o dia em relação ao mês; e o mês em relação ao ano; e o ano em relação ao lustro; e o lustro em relação a períodos mais longos. E todos, em relação à totalidade do tempo. Todos são intervalos curtos.

Essa sucessão tão numerosa e de certo modo graduada quanto a intervalos de lugar ou espaço e de tempo — não por sua extensão ou duração, mas sim por sua ordem harmoniosa *(ordinata convenientia)* — é julgada, com razão, bela.

A meta de chegada: o Pai da Sabedoria

Norma dessa ordem *(ordinis modus)* , (Deus), po- **81***
rém, vive na realidade, permanentemente sem massa nem volume, sem evolução, nem duração. Mas é virtualmente muito maior do que todas as dimensões. Por sua eternidade é imóvel, superior a todos os tempos. Sem ele, contudo, impossível se reduzir à unidade a amplitude de qualquer volume; nem coibir algum erro da duração temporal: nem de definir como corpo, — caso se trate de corpo; ou como movimento — caso se trate de movimento. Ele é o único princípio delimitado, não pelo finito nem pelo infinito. Não possui algo aqui, algo lá, nem instante agora, outro depois, porque ele é o Pai da Verdade, sumamente Uno. O Pai de sua própria Sabedoria, a qual — por não lhe ser dessemelhante em nada — é chamada sua imagem e semelhança, pois dele procede. É, portanto, com razão que se diz do filho que é por si mesmo, e dos outros seres que são feitos por ele. A forma precede a todos os seres, refletindo perfeitamente o Uno de onde procede. E assim, todos os outros seres só existem enquanto são semelhantes ao Uno e foram feitos pela Forma (o Verbo).*

Capítulo 44

O homem unificado

Ser governado pelo espírito

82* Alguns seres foram feitos não somente pela Sabedoria de Deus, mas para a Sabedoria: assim, toda criatura racional e inteligente entre as quais, com muita razão está incluído o homem, por ser feito à imagem e semelhança de Deus. De outro modo, não poderia contemplar pela mente a Verdade imutável.

As outras criaturas (irracionais) foram feitas pela Sabedoria, mas não para ela. Portanto, se a alma racional serve a seu Criador, de quem, por quem, e para quem foi feita, todas as demais criaturas o servirão também. Igualmente, servirá essa vida (orgânica) inferior, tão vinculada à alma, que o ajuda e lhe permite dominar o corpo. E ao próprio corpo, pertencente à última das naturezas e essências, o homem dominará. O corpo será submisso a seu árbitro, sem lhe causar nenhuma molestação.

Tudo será assim, quando o homem em vez de procurar a felicidade de si mesmo, a receber diretamente de Deus.

O corpo, uma vez reformado e santificado — sem receio de corrupção nem de ônus pesados — será governado pelo espírito.

"Na ressurreição, não haverá nem homens nem mulheres, mas sereis como anjos do céu" (Mt 22,30). *"Os alimentos são para o ventre, e o ventre para os alimentos; ora, Deus destruirá um e outro"* (1Cor 6,13), porque *"o reino de Deus não é para o alimento, nem para a bebida, mas para a justiça, a paz e a alegria"* (Rm 14,17).

Capítulo 45

A segunda restauração: A caridade — remédio contra a soberba

A metáfora do cocheiro e o coche

Eis como no próprio prazer corporal, nós encon- 83
tramos como aprender a desprezá-lo. Não que o corpo seja mal por natureza, mas porque é vergonhoso revolver-se no apego aos últimos bens, quando nos é permitido apegar-nos a bens mais altos e deles fruir.

(Tiremos um exemplo da famosa corrida romana dos aurigas):

Quando um cocheiro é arrastado por terra e recebe assim a paga por sua temeridade, culpa a todos e a tudo, mesmo os que lhe prestam serviços. Dizemos, porém: "Que ele pedisse socorro ao Senhor do universo para intervir a seu favor! Que dominasse os cavalos que contribuíram para o espetáculo improvisado da sua queda! Se não tivessem vindo em seu socorro, teria sido oferecido o espetáculo de sua morte. Tal teria acontecido se não o tivessem levantado de pé, em cima das rodas e lhe entregue de volta as rédeas nas mãos. Enfim, que esse auriga dirija doravante com mais prudência os animais domados e dóceis. Então, ele verá como tudo está bem ajustado no carro e em ordem, todas as junturas. Naquele acidente, ele foi jogado por terra e comprometeu a ordem de uma bela corrida, por sua culpa.

Assim também, o que dá origem à fraqueza de nosso corpo é a cobiça da alma ou sua má conduta. É o que aconteceu no paraíso. Não escutaram a prescrição do Médico — o que traria a salvação eterna — e se apossaram do alimento proibido.

No orgulho: um apetite de infinito

84 Mesmo nesta nossa carne fraca visível — onde não é possível a vida feliz — encontra-se o apelo para a felicidade. Apelo causado pela beleza que reina em tudo o que existe desde o mais alto até o mais baixo. Com muita razão, encontramos esse desejo de felicidade no apetite à fama e honrarias, na pompa ilusória e em toda soberba deste mundo.

O que procura o homem nisso tudo, a não ser se tornar — se tal fosse possível — o único a quem tudo lhe seja submetido, numa perversa imitação do Deus todo-poderoso?

Entretanto, se ao imitá-lo, ele se submetesse, e vivesse conforme os preceitos divinos, Deus haveria de lhes submeter, em troca, todos os outros seres. Dessa maneira, não chegaria a esse vexame de ter medo de um insetozinho, aquele que quer dominar os homens todos.

Vemos, pois, que o orgulho também possui certo apetite de unidade e onipotência, mas dentro do plano das coisas temporais, em que tudo é efêmero como sombra.

O desejo de se tornar invencível

85 Com razão, não queremos ser vencidos. Isso está na natureza mesma de nossa alma feita por Deus, à sua imagem. Mas para tal, é necessário observar os seus preceitos. Se assim fizermos, nada nos vencerá.

Com efeito, aquela cuja palavra, vergonhosamente nos arrastou (Eva), está sob o jugo das dores do parto. E nós, trabalhamos na gleba. Para nossa grande vergonha, somos vencidos por tudo o que pode nos afetar e perturbar. Assim, não queremos ser vencidos pelos outros, mas não conseguimos vencer a nossa própria cólera. O que pode ser dito de mais ignominioso?

Reconhecemos que todo homem é tal como nós: possui paixões, sem que ele mesmo seja mera paixão. Ora, é certamente mais honroso ser vencido por um homem do que por uma paixão! Quem poderia duvidar de que a inveja é paixão desprezível? E, contudo, aquele tal que não admite ser vencido no plano temporal, deverá suportar esse tormento e ser dominado pela paixão?

Seria melhor ser vencido por um homem do que pela inveja ou por qualquer outra paixão.

Capítulo 46

O orgulho vencido pela caridade

Invencível é aquele que ama a Deus e ao próximo

86* Não poderá ser vencido por homem algum aquele que vence suas próprias paixões. Com efeito, não será vencido senão aquele a quem o adversário lhe arrebata as coisas que ele ama. Então, aquele que ama somente aquilo que não lhe pode ser arrebatado, é incontestavelmente invencível. E nem poderá ser atormentado por invejoso algum. Além do que, se ele vê os outros chegarem até ao objeto de seu amor para amá-lo igualmente, e participar desse amor, felicita-os generosamente. Ele ama a Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu espírito. E ama a seu próximo como a si mesmo. Não sente inveja alguma, caso os outros se tornem iguais ao que ele mesmo é. Ajuda-os, o quanto pode. Nem poderá tampouco lhe ver arrebatado esse próximo a quem ama, como a si mesmo. O que ama nele, não é o que cai sob seus olhos, ou sob os outros sentidos corporais. Ele possui dentro de si aquele a quem ama como a si mesmo.

A regra da caridade

87 Eis a regra da dileção: querer também para o outro o bem que se quer para si. E não querer para ele, o mal que não se quer para si mesmo. E isso serve para todos os homens, porque não se deve fazer o mal a ninguém: *"A caridade não pratica o mal contra o próximo"* (Rm 13,10). Amemos, pois, como nos é ordenado, mesmo a nossos inimigos, se quisermos ser invencíveis. Mas ninguém torna-se invencível por si mesmo. Só graças a essa lei imutável que liberta a todos os homens que a seguem. Assim, o que faz os homens invencíveis e perfeitos é tão-somente o fato de eles poderem amar. E isso não lhes poderá ser arrebatado.

Se um homem ama o seu semelhante não como a si mesmo, mas como a um animal de carga *(jumentum);* ou como gosta de seu banho; ou da plumagem ou do canto de um pássaro; isto é, ama só para obter algum prazer ou vantagem temporal, é fatal ele se tornar escravo — não de homem, mas do que é pior ainda — do vício vergonhoso e abominável de não amar o outro como ele deve ser amado.* É debaixo da tirania de semelhante vício que ele será arrastado para a pior das vidas, ou antes, para a morte.

Amar os familiares acima dos liames carnais

88 Tampouco se há de amar os outros como são amados os irmãos carnais, os filhos, a mulher, parentes, sócios ou concidadãos. Tal amor é também temporal. Nós não conheceríamos nenhum desses parentescos que se originam pelo nascimento e morte, se a nossa natureza tivesse guardado os mandamentos e a imagem de Deus, em vez de ter sido relegada à corrupção.

É porque, chamando-nos a recobrar a perfeição de nossa primeira natureza, a mesma Verdade nos admoesta

a resistir aos liames carnais e ensina que ninguém é apto para o reino de Deus se não se desprender desses vínculos carnais. Nem isso deve parecer inumano a ninguém. É mais inumano amar um homem, não tanto como homem que é, mas como seu próprio filho, porque seria amar nele não o que é de Deus, mas o que nele é de sua propriedade. O que haverá de espantoso de não conseguir o Reino, aquele que em vez de amar o bem de todos, só ama o seu próprio bem? Diria alguém, porém: Mas não seria melhor amar ambas as coisas? Diz Deus: Mais vale amar aquele único Bem. E a Verdade assegura com muita razão: ***"Ninguém pode servir a dois senhores"*** (Mt 6,24). Ninguém pode amar perfeitamente o estado ao qual somos chamados, sem aborrecer o estado do qual saímos. Somos chamados à natureza perfeita, tal como Deus a fez, antes de nosso pecado.

Afastemos-nos, pois, do amor àquela natureza deformada por nosso pecado. Convém aborrecer aquilo de que desejamos nos libertar.

Todos somos irmãos

Desprendamo-nos dos liames temporais, se desejamos ardentemente o amor da eternidade. Que o homem ame o seu próximo, como a si mesmo. Ora, nenhuma pessoa é por si mesmo pai, filho, sócio, nem nada de semelhante, mas unicamente um homem. Amar alguém como a si mesmo é, pois, amá-lo no que ele é por si mesmo. **89**

Além do mais, nossos corpos não são unicamente tudo o que somos. Não é, pois, os corpos que devem ser procurados e desejados nos outros. Pelo que se aplica, aqui, também o preceito: ***"Não cobiçarás coisa alguma que pertença a teu próximo"*** (Ex 20,17). Desse modo, quem quer que ame em seu próximo outra coisa do que ele é em si mesmo, não o ama como deve. O que é preci-

so amar é a natureza humana, perfeita ou em vias de se aperfeiçoar, independentemente de suas condições carnais.

Os que amam a Deus e fazem a sua vontade, formam com ele uma só família, da qual Deus é o Pai. Serão pais uns dos outros, quando deles cuidam; filhos, quando se aceitam mutuamente; mas serão especialmente irmãos. Isso porque o testamento de um único e mesmo Pai os chama à mesma herança.

Capítulo 47

O amor ao próximo torna-nos justos

A caridade não é invejosa

90 Como não haveria de ser invencível em seu amor, aquele que ama o homem como homem, isto é, como criatura feita à imagem de Deus. Tal homem ama a natureza na sua perfeição, e essa perfeição não lhe pode faltar, visto que ele mesmo é perfeito.

Vejamos, por exemplo, alguém que ama um bom cantor. Por ser ele mesmo cantor muito bom, gostaria de que todos o fossem também; sem com isso perder nada daquilo que ele mesmo é — bom cantor. Contudo, se ele se põe a invejar outro bom cantor, já não é a arte do canto que ele ama, mas a sua própria fama ou alguma outra vantagem que deseja obter cantando bem, e que poderia perder inteira ou parcialmente, caso aparecesse outro cantor. Em resumo: aquele que inveja um bom cantor, não ama a arte de bem cantar.

Da mesma forma, aquele que precisa de bom cantor, é porque não sabe cantar bem. Tudo isso pode ser mais bem compreendido a respeito do homem que tenha boa conduta. Ele não pode ser invejoso de ninguém, visto que a perfeição a que chegam os que vivem bem

é a mesma para todos os que a possuem. Não diminui, mesmo se forem numerosos os que a conseguem.

E poderá acontecer que, em certa circunstância, o bom cantor não possa cantar convenientemente e esteja obrigado a recorrer à voz de outro, para exibir o canto que ama. Por exemplo, se estiver em um festim, onde seria pouco conveniente ele cantar. Seria oportuno, ao contrário, escutar a outrem. Entretanto, acontece que é sempre conveniente ter boa conduta. Não há circunstâncias que obriguem a disistir dessa conduta.

Aquele que ama e leva vida correta não se contenta de não invejar a seus imitadores. Acolhe-os com máxima benevolência e generosidade, sem que, contudo, sinta necessidade deles. O ideal que neles ama, já ele o possui total e perfeitamente. Assim, amando ao próximo como a si mesmo, ele não o inveja, porque não pode se invejar a si mesmo. Dá ao outro o que pode, daquilo que se dá a si mesmo. Não tem necessidade do outro, porque nada necessita de si mesmo. Só precisa de Deus e encontra sua felicidade unindo-se a ele.* E ninguém pode lhe arrebatar Deus. Logo, é real e seguramente invencível aquele que permanece unido a Deus, não para merecer bens exteriores, mas porque para ele não existe outro bem senão estar unido a Deus.*

Retrato do homem fraterno

Esse homem, ao longo de sua vida, aproxima-se de **91***
seus amigos, para retribuir-lhes a generosidade; serve-se de seus inimigos para praticar a paciência; de todos os demais, para fazer-lhes o bem; de todos, enfim, para testemunhar-lhes a benevolência.

Ainda que não ame os bens temporais, serve-se corretamente deles, para cuidar de seus semelhantes, conforme a sua condição. De alguns, pelo menos, no caso de não poder favorecer a todos igualmente.

Se conversa com certos de seus íntimos mais freqüentemente do que com outros, não é que ame mais a esses, mas porque sente mais confiança neles, e as ocasiões se apresentam mais facilmente. Trata com tanta mais deferência aos homens entregues aos cuidados temporais, quanto mais, ele mesmo, se acha desligado desses cuidados.

Como não pode aliviar a sorte de todos os homens — a quem ama igualmente — pensaria faltar à justiça, se não atendesse com preferência aos que lhe estão mais unidos. A união espiritual é mais forte do que aquela que nasce de lugares e tempos, enquanto estamos neste corpo.

Essa união de caridade é superior a todas as outras. Quem ama a Deus de todo o coração não se aflige, pois, com a morte de ninguém. Sabe bem que não perece para ele, quem não perece para Deus, pois Deus é o Senhor dos vivos e dos mortos. Não fica desesperado pela miséria de ninguém, como também não se sente justificado pela justiça dos outros. E como ninguém pode lhe arrebatar, nem a sua virtude nem o seu Deus, tampouco pode lhe ser tirada a felicidade.

Se alguma vez é atingido por demais, pelos perigos ou extravios e dores de outrem, ele aceita o impacto dessa emoção no sentido de ir socorrer, corrigir e consolar o outro. E não para ficar ele mesmo transtornado por essas coisas.*

O homem justo

92* Nunca as ocupações e trabalhos alquebram o homem justo, porque o repouso vindouro é para ele uma segurança. Quem poderia prejudicá-lo, quando ele consegue tirar partido mesmo de seus inimigos? Vence qualquer temor porque é protegido e fortificado por Aquele cujo preceito o faz amar até os inimigos.

Para tal homem é pouco não se entristecer com as tribulações. Ele gloria-se delas, *"sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança uma virtude comprovada, a virtude comprovada, a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado"* (Rm 5,3-5).

Quem o prejudicará? Quem o subjugará? O homem que se aproveita das coisas prósperas para crescer, das difíceis saberá se aproveitar também. Se os bens passageiros aparecem com abundância, ele não confia neles. Se lhe faltarem, perceberá por aí que se deixou prender por eles. Habitualmente, quando os bens estão presentes com abundância, nós pensamos que não os amamos em demasia. É quando começam a desaparecer que descobrimos quem somos nós. O que perdemos sem sofrimento é o que possuímos sem apego. Assim se verifica se o homem que nos parecia vencedor é ou não o vencido. Pois, esse sofre muito ao perder o que adquirira com esforço. Tal outro será realmente o vencedor — se bem que nos parecia o vencido — se está desapegado. Conquistou bem maior, o qual só perderá se quiser.

Capítulo 48

A justiça perfeita

Amar mais o que vale mais

Assim sendo, quem ama a liberdade e deseja estar **93***
livre do amor das coisas passageiras, aquele a quem apetece reinar, que fique unido e submisso a Deus, o único Senhor de todas as coisas, amando-o mais do que a si mesmo.

Essa é a perfeita justiça — a que nos leva a amar mais o que vale mais, e amar menos o que vale menos.*

Que uma alma sábia e perfeita seja amada tal como nós a vemos. Uma alma insensata — não como a vemos — mas pela capacidade que possui de perfeição e sabedoria. Nem a nós mesmos devemos nos amar como se fôssemos uns incapazes. Pois quem se ama como incapaz, não progride na sabedoria. Ninguém há de se tornar o que aspira a ser, se não lhe aborrecer ser o que é, presentemente.

Enquanto o homem está a caminho da sabedoria e perfeição, suporte a fraqueza do próximo com o mesmo ânimo com que suportaria a sua própria condição — caso fosse ignorante e aspirasse pela sabedoria.

Em resumo: o orgulho é sombra da verdadeira liberdade e do verdadeiro domínio. É também instrumento pelo qual a divina Providência nos lembra aquilo de que nossas paixões são sinais, e assim, qual a meta a que devemos chegar, ao corrigir-nos.

Capítulo 49

A terceira restauração: A busca da Verdade primeira — remédio contra a vã curiosidade

O deleite de descobrir a verdade

94 Em relação aos espetáculos e a toda aquela paixão denominada curiosidade, o que buscam nela os homens, senão o deleite produzido pela descoberta das coisas como realmente elas são?

Na verdade, o que existe de mais admirável, o que de mais belo do que a própria verdade? A ela todos aspiram, como qualquer espectador de espetáculos o confessa. Chega a tomar muitas precauções para não ser enganado. Lisonjeia-se quando conhece e percebe coisas

novas, com atenção mais aguçada do que a dos outros. Observa com toda atenção e cautela, por exemplo, os prestidigitadores, cuja arte consiste em enganar. Se cai no logro, aplaude com gosto, a habilidade do mágico, e não mais a sua própria, ao descobrir o embuste. Se acaso o mágico não soubesse ou fingisse não saber porque são enganados os espectadores, ele mesmo teria caído no engano, e por isso, ninguém o aplaudiria. Se acontece que entre o público, um só homem consegue surpreender o segredo do prestidigitador, esse crê merecer mais cumprimentos do que o mágico, pela única razão de que não se deixou ludibriar. Contudo, se forem muitos a perceber o segredo, ninguém o felicitaria e caçoariam de todos os demais que não foram capazes de perceber o truque.

Desse modo, todo o elogio vai ao sábio, à habilidade, à compreensão da verdade, à qual nunca chegam os que a buscam mal.

A sedução das diversões e da vã curiosidade

Achamo-nos submersos em tantas frivolidades e tor- **95**
pezas que, caso nos perguntem o que é melhor: o verdadeiro ou o falso, unanimemente, responderíamos ser melhor o verdadeiro. Contudo, somos mais propensos a nos entreter com brincadeiras e jogos nos quais o que nos seduz não é a verdade pura. Assim, por nossa boca a juízos condenamo-nos a nós mesmos, aprovando uma coisa com a razão, e seguindo outra com a nossa vaidade. Entretanto, se alguma coisa é jocosa, e faz rir, é só porque conhecemos algo, que em comparação com a verdade, é realmente irrisório.

Ora, apegando-nos a essas frivolidades, afastamo-nos da Verdade e não descobrimos mais aquilo que elas imitam. Dessas coisas ficamos cativos, como se elas fossem a primeira Beleza. Embora desejando-a, só abraça-

mos as nossas próprias imaginações. Em nosso retorno para a investigação da verdade, essas imaginações correm-nos no caminho e impedem-nos de caminhar adiante, assaltando-nos. Fazem-no, não por violência, mas por meio de armadilhas. Isso porque não realizamos toda a profundeza que se encontra na sentença: *"Cuidado com os ídolos"* (1Jo 5,2), *(Cavete a simulacris).*

A verdadeira luz a ser procurada

96 (Devido a essa vã divagação do espírito), alguns homens dispersaram-se por mundos sem conta, através de seus pensamentos erradios. Outros julgaram que Deus não poderia ser senão corpo de fogo. Outros ainda, imaginaram que Deus é o fulgor de luz imensa espalhada por espaços ilimitados. Luz fendida, porém, em um lado, por um ponto negro. Supuseram que há dois reinos opostos, e explicam por eles os princípios constitutivos das coisas.

Se eu lhes exigir que me digam se sabem disso como algo verídico, talvez sua audácia não chegue a tanto. Mas dirão por sua vez: — "Mostra-me, tu, pois, onde está a verdade". E eu contentar-me-ei em dizer-lhes: "Procurem antes aquela luz com a qual vêem com certeza, que uma coisa é crer e outra entender". Talvez, eles também aceitassem isso. Na verdade, não se pode ver semelhante luz com os olhos, nem representá-la como dotada de extensão local. Contudo, em toda parte, ela se oferece a quem sai em sua busca e nada se pode achar de mais certo e claro do que ela.

O fim do processo de busca

97* Todas essas informações que acabo de dar sobre a luz do espírito foram-me manifestadas por ela mesma, e não por outro meio. Por essa luz entendo que é verda-

de o que tenho dito, e por ela entendo que eu entendo, e assim por diante. Cada um entende que entendeu e pode entender isso de novo. Entendo que há aí um processo ao infinito *(in infinitum).* Mas entendo que essa extensão não é a de volume ou de movimento.

Entendo, igualmente, que não poderia entender senão porque vivo, e graças a esse entendimento, vivo com maior segurança. Minha vida se avigora na intelecção.

A vida eterna supera a temporal, nessa mesma intensidade de vida: e a eternidade, eu só a contemplo pela intelecção.

· Com o olhar da mente, afasto da noção de eternidade, toda idéia de mudança, e não ponho nela nenhuma extensão temporal, porque o tempo se compõe de movimentos passados e futuros nas coisas. E na eternidade, nada passa, nada é futuro. Isso porque o que passa deixa de existir e o futuro ainda não começou a ser. Só a eternidade é sempre. Não tem sido, como se já fora, nem será como se ainda não fosse. Pelo que, só ela pode dizer com muitíssima verdade ao homem: *"Eu sou aquele que é".* E dela se pode dizer com a máxima verdade: *"Eu Sou me enviou até vós"* (Ex 3,14).

Capítulo 50

Regras para a interpretação da Revelação

A estratégia da Providência

Se ainda não podemos aderir a essa eternidade, sai- **98***
bamos, pelo menos, expulsar as nossas vãs imaginações e afastar do espetáculo interior de nossa mente, aquelas diversões tão ilusórias e decepcionantes.

Tomemos os degraus que a divina Providência dignou-se fabricar para nós. Ao ver que nos perdíamos em nossas imaginações, deleitando-nos em damasia com

nossas frívolas ilusões, e que reduzíamos toda a vida em vãs quimeras, a inefável misericórdia de Deus, servindo-se da criatura racional sujeita às suas leis — por meio de sons e letras, fogo, terra, nuvens, alguma coluna (de fogo ou de nuvem), assim como de certas expressões sensíveis não desdenhou jogar, de certo modo, com a nossa infância, por meio de parábolas e comparações, para curar com essa espécie de lodo, os nossos olhos interiores.

Investiguemos os Livros sagrados

99* Distingamos, pois, a fé que devemos pelo testemunho da história, da fé que devemos pela inteligência. Vejamos o que temos de crer e depositar na memória, sem ainda ter pleno entendimento de seu sentido. Indaguemos onde se acha a verdade, que não vem e passa, mas que permanece idêntica a si mesma. Procuremos como se deve interpretar a alegoria, que, conforme cremos, é a palavra da Sabedoria no Espírito Santo. Será preciso estabelecer a relação dos fatos concretos da antigüidade apenas com fatos de épocas mais recentes, ou basta entendermos como sentimentos e coisa natural à alma? Ou ainda devemos relacioná-los com a imutável eternidade? Em resumo, significa a alegoria ora fatos concretos, ora movimentos do espírito humano ou ora uma lei da eternidade? Investiguemos o sentido que se encontra na alegoria: se é preciso procurar só em uma dessas coisas ou se é preciso investigar em todas elas ao mesmo tempo.

Distingamos qual é o objeto inalterável da fé, se histórico ou temporal. Ou ainda se é ao bem espiritual e eterno que deve ser ajustada toda a interpretação da autoridade. Reflitamos: de que nos serve crer nas realidades temporais para chegar a compreender e possuir os valores eternos, fim de todas as boas ações? Qual a diferença entre a alegoria da história, dos fatos, das pala-

vras e alegoria dos ritos sagrados? Como deve ser interpretado o estilo das Sagradas Escrituras conforme as particularidades de cada língua, pois contêm modismos próprios, de tal modo que ao traduzir para outra língua até parecem absurdos. Estudemos para que há de servir tanta simplicidade de estilo, de tal maneira que se depara nos Livros sagrados não só a ira de Deus, mas sua tristeza, seu despertar após o sono, sua lembrança e esquecimento, como outras coisas que se encontram em pessoas de bem, e até outros sentimentos como remorso, inveja, embriaguez e coisas semelhantes. E os olhos de Deus, suas mãos, seus pés e outros membros mencionados nas Escrituras? Vejamos se eles se referem à forma visível do corpo humano ou se são empregados para significar perfeições invisíveis e espirituais, tal como o elmo, o escudo, a espada, o cíngulo e outras coisas que tais?

E se há de investigar sobretudo a grande questão: Qual a utilidade para o gênero humano, o fato de que a divina Providência nos tenha falado desse modo, servindo-se de criaturas racionais, fecundas ou corporais que a servem?

Quando se conhece esse único ponto, a alma vê desaparecer toda a presunção pueril e o caminho abre-se para a religião sacrossanta.

Capítulo 51

O valor das Sagradas Escrituras

Exortação ao estudo bíblico

Dediquemo-nos a alimentar-nos e a beber no estu- **100***
do e na aplicação às divinas Escrituras!

Deixemos de lado, repudiando, as ninharias do teatro e da poesia. Essa curiosidade vã deixa-nos o espírito alquebrado de fome e sede. Suas fantasias ocas excitam

em vão, o desejo do espírito de se refazer e se saciar, tal como se fossem meros banquetes pintados numa tela.*

Eduquemo-nos, proveitosamente, com este nobre jogo *(ludo)* (do estudo das Escrituras). É salutar jogo de homens livres.

Agradam-nos os espetáculos maravilhosos? A beleza nos encanta? Vamos desejar contemplar aquela Sabedoria que *"alcança com vigor de um extremo a outro, e governa o universo com força e suavidade"* (Sb 8,1). Haverá maior maravilha do que essa força incorpórea a governar um mundo corpóreo? E haverá algo mais belo do que contemplar a Sabedoria ordenar e decorar este mundo?

Capítulo 52

As concupiscências: degraus para as virtudes

Do temporal ao eterno

101 Como todos admitem, as coisas deste mundo são percebidas através do corpo. A alma, apesar de ser superior ao corpo, por si mesma nada percebe delas sem o corpo. Então, tudo aquilo que a alma possa perceber por si mesma, só poderá ser muito mais perfeito e superior. E há mais. Os objetos sobre os quais nós podemos julgar, convidam-nos a considerar o que seja a lei de nossos julgamentos. Desse modo, nós passamos das obras de arte para a lei de todas as artes, e contemplamos com a mente aquela beleza em comparação da qual as mais belas criaturas por sua benignidade tornam-se feias.* Diz o Apóstolo: *"A realidade invisível de Deus, seu eterno poder e sua divindade, tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas"* (Rm 1,20).

Tal é a passagem do temporal ao eterno, a transformação vital do homem velho no homem novo.

O que existe que não possa incitar o homem na busca das virtudes, visto que até as próprias paixões são capazes disso?

1) O que procura *a curiosidade* senão o conhecimento, o qual não pode ser seguro se não se voltar para os objetos eternos e sempre iguais a si mesmos?

2) O que procura *o orgulho* senão o poder, o qual tem como meta a liberdade de agir, que só a alma perfeita atinge, submissa a Deus e dedicada a seu reino, numa perfeita caridade?

3) O que procura *o prazer carnal,* senão o descanso, o qual não se encontra a não ser onde não há nenhuma necessidade e alteração?

Evitemos, pois, o inferno inferior, os duros castigos após esta vida. Lá, toda lembrança da verdade é impossível, porque não há mais reflexão alguma. E porque não há, a irradiar-se ali, ***"a luz verdadeira que, vindo ao mundo, ilumina todo homem"*** (Jo 1,9).

Apressemo-nos, pois, ***"em caminhar enquanto é dia, para que a escuridão não nos alcance"*** (Jo 12,35). Apressemo-nos por nos libertar da ***"segunda morte"*** (Ap 20,6.14; 21,8), onde não há mais ninguém que se lembre de Deus, e do inferno, onde ninguém prestará homenagem a Deus (Sl 6,6).

Capítulo 53

As aspirações dos insensatos e as dos sábios

Opções insatisfatórias

1) Há homens infelizes que, desprezando as coisas conhecidas, só se alegram com novidades. Gostam mais de investigar do que comtemplar.* Enquanto é a contemplação o fim de qualquer estudo. **102**

2) Há os que, desprezando o despreendimento da ação, preferem antes a luta à vitória. Ao passo que a vitória é o fim da luta.

3) Há os que desdenhando a saúde corporal, gostam mais de comer do que se sentirem satisfeitos; de gozar do sexo do que deixar de sentir suas excitações. E ainda os que preferem dormir a não precisar adormecer. Enquanto o fim de todos esses prazeres é: apagar a fome e a sede, o desejo de união conjugal e o cansaço do corpo.

Boas opções

103* Os que (com sabedoria) aspiram aos fins acima mencionados, renunciam:

1) *À curiosidade* — porque sabem que o verdadeiro conhecimento reside no interior. Gozam dele o quanto são capazes nesta vida.

2) Adquirem a facilidade de agir pela *desistência das altercações,* porque sabem que a grande vitória e a mais fácil é não resistir à animosidade de outrem. O quanto são capazes nesta vida, optam por isso.

3) Enfim, gozam também do repouso corporal, *renunciando a tudo o que não seja indispensável* nesta vida. Experimentam assim quão suave é o Senhor. Não sentem mais dúvidas sobre o que está a esperá-los após esta vida. Alimentam-se em vista da perfeição da fé, da esperança e da caridade. Sabem que:

1) O conhecimento se tornará perfeito, pois *"nosso conhecimento, agora, é limitado. Mas quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá"* (1Cor 13,9.10).

2) E será paz total, porque agora, *"percebo outra lei em meus membros, que julga contra a lei da minha razão... mas a graça de Deus por nosso Senhor Jesus Cristo nos libertará do corpo de morte"* (Rm 7,23-25). Em

grande parte estamos de acordo com o adversário, enquanto vamos com ele pelo caminho.

3) O homem possuirá, então, a saúde completa *(sanitas)*. Não haverá necessidades, nem fadiga, porque este corpo corruptível, no tempo e na ordem em que se realizar a ressurreição da carne, se revestirá de incorruptibilidade (1Cor 15,53).

E não há do que se maravilhar de que esses dons sejam dados àqueles que:

1) pelo entendimento, só amam a verdade;

2) na ação, só amam a paz;

3) no corpo, só a saúde.

Na vida futura, há de ser aperfeiçoado neles, aquilo que mais estimaram nesta vida.

Capítulo 54

Relação entre culpa e castigos

O revés da medalha

1) Aqueles que usam mal deste grande bem que é **104**
o espírito — procurando fora dele as coisas visíveis que os deveriam incitar a contemplar e a amar as realidades espirituais — serão lançados nas trevas exteriores. Pois as trevas têm como início a prudência da carne e a fraqueza dos sentidos corporais.

2) Aqueles que se comprazem nas lutas, ficarão estranhos a toda paz, envolvidos nas piores dificuldades. O início desses tormentos é a guerra e a contenda. É o que eu penso significar o texto: *"Amarrai-lhe os pés e as mãos"*; pois toda liberdade de ação lhes é retirada.

3) Os que desejam ter sede, fome, ardor do desejo carnal e cansaço, para terem o prazer no comer, no beber, no prazer sexual, no dormir, amam a indigência que é o início dos piores sofrimentos.

Na outra vida, se há de aperfeiçoar neles aquilo que nesta vida mais amaram, e estarão *"ali onde haverá choro e ranger de dentes"* (Mt 22,13).

Mau uso dos talentos

105 São muitos os que se entregam, ao mesmo tempo, a todos esses vícios. Sua vida se reduz a olhar para o exterior, lutar, comer, beber, gozar do sexo, dormir e revolver no pensamento somente as impressões captadas por semelhante maneira de viver. Dessas atrações ilusórias, forjam-se regras de impiedade e superstição, com que se enganam e se escravizam, ainda mesmo quando se esforçam por se libertar dessas seduções carnais.

Isso é porque não usam bem do talento a eles confiado: aquela acuidade do espírito *(mentis acie)* a que leva a se distinguirem todos os considerados doutos, cultos e espirituais. Os insensatos possuem esse talento enrolado num lenço ou enterrado na terra. Dito em outros termos, o seu talento encontra-se encoberto ou abafado pelo luxo e o supérfluo, ou entre as concupiscências terrenas. Terão, pois, seus pés e mãos amarrados e serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes. Não que amassem esses tormentos — quem os poderia amar? — mas porque amaram aquelas coisas cujo início os levou a esse resultado. E fatalmente haveria de levar os seus amantes até aí. Pois aqueles que gostam mais de ir do que de voltar ou chegar à verdadeira meta, serão enviados muito longe, porque são carne e espírito errante que nunca retornam.

Bom uso dos talentos

106 Mas entra no gozo do seu Senhor aquele que usa bem até dos cinco sentidos corporais, para crer e pregar as obras de Deus; para alimentar seu amor por ele; para

pacificar a sua natureza nas ações e pensamentos; e para conhecer a Deus.

É porque o talento retirado daquele que usou mal dele, lhe é retirado e dado àquele que usou bem dos seus cinco talentos (Mt 25,14-30 e Lc 19,15-26).

Não que a acuidade da inteligência possa ser transferida de um a outro. Mas o sentido desta parábola é que homens de gênio podem perder essa qualidade por suas negligências e impiedade, ao passo que o conseguem homens piedosos e diligentes, embora tardios na inteligência.

Esse talento também não é dado àquele que já recebera dois — essa é a parte do homem que se conduz bem no domínio da ação e do saber — mas o talento é dado àquele que já possuía cinco.

Com efeito, o homem que somente crê nas coisas visíveis, isto é, nas coisas temporais, não é idôneo para contemplar as coisas eternas, com o olhar do espírito. Contudo, ele poderá adquirir tal dom, se louvar a Deus, autor de todas as coisas sensíveis e impregnar-se de fé, se esperar pela esperança e procurar a Deus pela caridade.*

Capítulo 55

Exortações

Não amemos as concupiscências

107 Assim sendo, exorto-vos, caríssimos amigos e próximos meus — e a mim mesmo, exorto-me ao mesmo tempo que a vós — a correr com a maior presteza possível, até à meta aonde Deus nos chama por sua Sabedoria.

Não amemos o mundo, porque tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e ambição do século (1Jo 2,15.16).

1) Não amemos corromper e sermos corrompidos pela volúpia, para não virmos a cair na pior corrupção — a dos sofrimentos e tormentos.

2) Não amemos as disputas, para não sermos entregues à tirania dos maus anjos que gostam dessas coisas, e para não sermos abatidos, encarcerados e flagelados.

3) Não amemos as curiosidades visíveis, para não sermos afastados da mesma verdade, aderindo às sombras e sermos precipitados nas trevas.

Guardemo-nos dos falsos cultos

108* Previnamo-nos contra uma religião feita de nossas imaginações. Pois é melhor qualquer realidade verdadeira do que tudo quanto possa ser forjado arbitrariamente.

Mas não devemos cultuar a própria alma, ainda que ela seja alma verdadeira. Um fragmento de palha é preferível à luz formada por um pensamento ilusório, conforme caprichos e conjecturas. E, contudo, é loucura crer

que essa palhazinha que vemos e tocamos há de ser objeto de culto.

Que nossa religião não seja culto às obras humanas. Os operários que as fabricam valem mais do que elas. Contudo, nós não os devemos cultuar.

Que nossa religião não seja culto aos animais. Os últimos dos homens valem mais do que eles. Contudo, não os vamos cultuar.

Que nossa religião não seja culto aos mortos. Se eles viveram na piedade não se comprazem com tais honras, antes querem que adoremos Aquele em cuja luz eles mesmos se alegram ao ver-nos associados a seus méritos. Honremo-los, pois, imitando-os e não os adorando. E se viveram mal, onde quer que estejam, nenhum culto merecem.

Que nossa religião não seja culto aos demônios, porque se toda superstição é para o homem o pior castigo e a mais perigosa torpeza, tal prática será para os demônios, honra e triunfo.

Ainda prevenções contra falsos cultos

Que nossa religião não seja culto à terra e às águas. **109**
Mais puro e luminoso é o ar, mesmo quando sombrio. Contudo, não o adoremos.

Que nossa religião não seja culto ao ar, mesmo o mais claro e sereno. Se a luz faltar, ficará tudo obscurecido. A chama do fogo torna-se então mais clara. Contudo, nós o acendemos e apagamos à vontade. Não o devemos cultuar.

Que nossa religião não seja culto aos corpos etéreos e celestes. Eles podem merecer o primeiro lugar entre todos os corpos. Mas não importa que ser vivo lhes é superior. E mesmo àqueles seres dotados de vida, toda alma é por si, superior. Contudo, ninguém julgará que se deve cultuar uma alma sujeita aos vícios.

Que nossa religião não seja culto a esse gênero de vida atribuído às árvores. Essa vida vegetativa não comporta nenhuma sensibilidade. É da mesma ordem de onde procedem os números de nosso corpo, de nossos cabelos e unhas. Podem ser cortados, sem nada sentirmos. A vida sensitiva lhes é superior. Contudo, nós não devemos cultuar a vida dos animais.

O culto aos anjos

110 Nem seja a nossa religião o culto à alma racional, mesmo a tornada perfeita e sábia (os anjos), posta ao serviço do universo ou ao serviço de parte dele.

Nem culto à alma de homens eminentes que aspiram à mudança e transformação de seu corpo.

Toda vida racional (a dos anjos como a dos homens), com efeito, se for perfeita, obedece à Verdade imutável, que sem ruído de voz, lhes fala no íntimo. Deterioram-se quando não obedecem. A vida racional não deve seu valor a si mesma, mas à Verdade à qual, de bom grado, se submete. Por conseguinte, aquele Ser, a quem o primeiro dos anjos adora, o último dos homens deve também adorar. É justamente por não adorar, que a natureza humana passou à extrema miséria.

Do mesmo Princípio provém a sabedoria do anjo e a do homem. Da mesma fonte jorra a Verdade para ambos, isto é, da única e imutável Sabedoria e Verdade.

Com efeito, para operar a nossa salvação, a Força mesma de Deus e a Sabedoria imutável de Deus, consubstancial e eterna com o Pai, dignaram-se tomar a natureza humana no tempo, a fim de nos ensinar por elas, que o homem deve adorar Aquele que toda criatura inteligente e racional reverencia.

Nós cremos também ser esta a vontade dos melhores anjos e a dos mais excelentes servos de Deus: de nos ver adorar com eles a Deus. Essa contemplação traz a

felicidade. Nossa felicidade não consiste na visão dos anjos, mas na contemplação da Verdade que nos permite amar aos mesmos anjos e congratularmo-nos com a sua bem-aventurança. Não os invejamos por gozar da eterna beatitude, mais plenamente do que nós, e sem serem perturbados por nenhuma molestação. Ao contrário, nós os amamos ainda mais, porque nosso comum Senhor nos disse de esperar uma sorte idêntica a deles. Pelo que, nós honramos os anjos com espírito de amor, e não de servidão. Tampouco nós lhes construímos templos. Eles não querem ser honrados desse modo, sabendo que nós mesmos — se formos bons — somos os templos do Deus soberano. Eis porque a Escritura narra com razão a respeito de um anjo, ter proibido a um homem de o adorar (Ap 22,8.9). E ambos terem adorado juntos o único Deus de quem eram servidores.

Libertar-se dos falsos temores

Os maus anjos que nos convidam a servi-los e adorá- **111**
los como a deuses, são semelhantes àqueles homens orgulhosos que — se isso fosse possível — pretenderiam receber tal culto. Contudo, suportar tais homens é menos perigoso do que adorar os anjos maus. Porque toda dominação de homens sobre homens termina pela morte de um deles: a do dominador ou a do oprimido. Mas a opressão sob a soberba dos maus anjos é sobretudo temível no tempo após a morte. Além disso, é fácil perceber que se pode estar sob a opressão de um homem e guardar a própria liberdade de pensamento, ao passo que sob a tirania dos anjos maus nós a padecemos no domínio mesmo da mente que é o único olho com que conhecemos e contemplamos a verdade.

Portanto, se estamos sujeitos, conforme nossa condição civil, a todos os poderes dados a homens para a administração do Estado, *"dando a César o que é de Cé-*

sar, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22,21), nada temos a temer que venham a nos exigir dessa sujeição após a morte. Uma coisa é a servidão da alma, outra a do corpo.

Quando os justos, que põem em Deus todas as suas alegrias, vêem que Deus é louvado pelas boas obras dos outros, associam-se a esse louvor. Mas quando eles mesmos são louvados por suas próprias obras, corrigem esse engano o quanto podem. E se não o conseguem não se congratulam, porque desejariam que tal erro fosse corrigido. Se os bons anjos, assim como todos os santos ministros de Deus assemelham-se a esses justos e lhes são até superiores em bondade e santidade, porque — exceto se alguém for supersticioso — temermos ofender alguns desses bons anjos ao negar-lhe qualquer culto? Justamente, eles ajudam-nos a elevar nossos esforços ao Deus único. Tendamos a Deus e religuemos nossas almas a ele somente — o que é, como dizem, o sentido original da palavra religião — e abstenhamo-nos de toda superstição.

Adorar ao Deus trino unicamente

112 Quanto a mim, eis a quem adoro unicamente:

— a Deus, o princípio único de todas as coisas;
— à Sabedoria, graças a quem toda alma sábia é sábia;
— e ao próprio Dom, que faz a felicidade de todos os que são felizes.

Todo anjo que ama a esse Deus, eu estou certo, que me ama a mim também. Todo aquele que em Deus permanece, pode nele perceber as orações dos homens e atendê-las. Todo anjo que possui seu bem nele, ajuda-me, sem poder ter inveja da minha participação.

Que me digam, pois, os adoradores — ou antes, os aduladores dos elementos deste mundo — que melhor amizade podem conseguir aqueles que adoram a este úni-

co Deus, a quem todos os melhores amam, com cujo conhecimento se alegram e que recorrendo a ele, como ao Princípio, ainda se tornam melhores.

Contudo, todo anjo que ama seus sonhos orgulhosos, recusa-se a submeter-se à Verdade e pretende encontrar sua alegria em seu bem particular, esse perde o Bem comum oferecido a todos, a verdadeira felicidade. Todos os maus estão submetidos a eles, para que os oprima e tiranize. Mas não dominam os homens bons — salvo se for para serem provados. Sem alguma dúvida, esses anjos maus não merecem nenhum culto. Sua alegria é a nossa miséria; e seu castigo é a nossa volta a Deus.

Aderir ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo

Que a nossa religião nos ligue, pois, ao Deus único **113***
e onipotente. Entre o nosso espírito com o qual o conhecemos como *Pai,* e a Verdade — isto é, a luz interior com que o conhecemos, criatura alguma se interpõe.*

A mesma *Verdade* receba, ela também, nele e com ele, a nossa adoração, sendo ela em nada dessemelhante ao Pai. É a Forma de todos os seres que foram feitos pelo Uno e tendem ao Uno. Aparece, assim, às almas mais espirituais: tudo foi feito por essa Forma, e somente ela realiza o ideal a que todos aspiram.

Nenhuma delas viria ao Pai, pelo Filho, e não realizaria integralmente o seu verdadeiro fim, se Deus não fosse sumamente bom. Pois Deus nunca negou à natureza alguma os bens que ela poderia receber dele. O próprio Deus deu aos seres, o permanecer no Bem — a uns o quanto queriam, a outros o quanto podiam.

Convém-nos, pois, abraçar e adorar, juntamente com o Pai e o Filho, *o Dom de Deus,* igualmente imutável.

É a *Trindade* de substância única. *Deus único* de quem recebemos o ser, por quem existimos e em quem

somos. Dele, porém, nós nos afastamos, deixando de lhe ser semelhantes. Mas ele não nos deixou perecer. Ele é *o Princípio* ao qual retornamos, o modelo que devemos seguir, a graça que nos reconcilia. Deus único, por cuja iniciativa fomos criados; por cuja semelhança somos formados para a Unidade; por cuja paz somos mantidos na Unidade. Deus que disse: "Faça-se!" (Gn 1,2).

Verbo, pelo qual foi feito tudo o que substancial e naturalmente se fez. É *Dom* de sua benignidade, por quem tudo foi agraciado e conciliado com o seu Autor, para que não perecesse o que foi feito pelo Verbo.

Único Deus por quem, como Criador, vivemos; por quem, reformados, vivemos com Sabedoria; e Aquele a quem amando e fruindo, vivemos felizes (o Dom). Um só Deus de quem, por quem e em quem, todas as coisas existem.

A Ele seja dada glória pelos séculos dos séculos! Amém.

Notas complementares*

A idéia de religião

O título *"De vera religione"* é provavelmente único 1
na Patrística latina. *"Religio"* evoca menos o sentimento ou a virtude de religião, do que uma religião positiva: culto, doutrina e moral. Neste Prólogo da obra, vemos uma síntese da noção agostiniana de religião. Ele parte do fato religioso concreto, estabelecido socialmente, como que materializado, no culto. Daí se depreende a comunicação com o divino. Justamente é isso o que a religião pretende estabelecer ou pelo menos regulamentar. Enfim, Agostinho designa-lhe o fim último: a felicidade do homem identificada com a união com Deus. Ele se acha ligado ao que foi a sua primeira e decisiva experiência do absoluto: um desejo ardente de "vida boa e feliz", após a leitura do *"Hortensius"* de Cícero. Desde a primeira linha desta obra, constatamos que há mais do que estreita correspondência entre "verdadeira religião" e "vida feliz". Poderia a religião ser reduzida a puro eudemonismo? Certamente não, porque ela não está subordinada ao ideal de uma beatitude natural, como um meio em relação a seu fim. Para o nosso santo Doutor, a *"vita bona et beata"* não é o fim, mas o critério da verdadeira religião.

A condenação de Sócrates por ateísmo

Essa morte assinalou o contraste entre a filosofia 2
e as crenças religiosas populares. Sócrates não era ateu,

* Boa parte das *notas complementares* foram extraídas ou adaptadas das obras citadas na Bibliografia. Em especial, as de autoria do Pe. Victorino Capánaga, O.R.S.A., in "BAC, tomo IV", e as do Pe. J. Pegon, S.J., in "Oeuvres de Saint Augustin", tomo 8.

Bibliografia

AGUSTIN SAN, "De vera religione", in *Biblioteca de Autores Cristianos* (BAC), tomo IV, Versão, introdução e notas de Fr. Victorino Capánga, ORSA., Madrid, 1946, pp. 1-233.

AUGUSTIN SAINT, "De vera religione", in *Oeuvres de Saint Augustin,* VIII, "La foi chrétienne", texto, tradução, introdução e notas por J. Pegon, s.j., Desclée de Brouwer, Paris, 1951, pp. 11-191; 465-499.

_____, "Retractationes", in *Oeuvres de Saint Augustin,* XII, "Les Révisions", texto, tradução e notas por Gustave Bardy, Desclée de Brouwer, Paris, 1951, pp. 341-363; 569.

AGOSTINHO SANTO, *Confissões,* Trad. M. Luiza Jardim Amarante, Edições Paulinas, São Paulo, 1984.

_____, *"Confissões e De Magistro",* tradução Angelo Ricci, Vida e obra por José Américo Motta Pessanha, Col. *Os Pensadores,* Ed. Abril S.A. Cultural, S. Paulo, 1973.

BÍBLIA de JERUSALÉM, Edições Paulinas, São Paulo, 1973. Cf. também nova edição revista, 1985.

BATIFFOL PIERRE, *Le Catholicisme de saint Augustin,* 2 vol. Libr. Lecoffre, Paris, 1920.

MONDIN, BATTISTA, *Curso de Filosofia,* vol. I, Edições Paulinas, São Paulo, 1983.

VAN der MEER F., *Saint Augustin, Pasteur d'âmes,* 2 vol, Edit. Alsatia, Colmar-Paris, 1959.

Índice das citações bíblicas

ANTIGO TESTAMENTO

Gênesis
1,2: 113
2,16.17: 23
Êxodo
3,14: 97
20,17: 89
Salmos
4,8,9: 41
6,6: 101
45,11: 65
Eclesiastes
1,2.3: 41
Sabedoria
1,13: 22
7,8-11: 81 N.C.
8,1: 72;100
9,15: 41

NOVO TESTAMENTO

Mateus
3,12: 9
4,1-10. 4
6,19-21. 4
6,24. 88
11,30: 65
12,48: 16;31
22.13: 104
22,21: 111
22,30: 82
22,37-40: 24
23,26: 25
25,14-30: 106
Lucas
2,51: 31
14,11: 4
17,21: 4
19,15-26: 106
João
1,1-3: 4
1,9: 73;79;101
1,12: 65
1,14: 30
2,4: 31
5,22: 58
12,35: 79;101
19,26.27: 31
Romanos
1,20: 73 N.C.
1,22.23: 68 N.C.
1,25:19;66
5,3-5:92

Notas: As indicações do texto referem-se unicamente aos números ou itens, e não aos capítulos. N.C. é abreviação de "notas complementares".

7,23-25: 103
8,11: 25
8,23: 41
13,1: 77
13,10: 87
14,17: 82

1 Coríntios
2,15: 24;58
3,2: 47;51
3,22.23: 44
6,13: 82
11,3: 44
11,19: 15;10 N.C.
13,9.10: 103
15,45: 25 N.C.
15,51: 50
15,53: 103
15,55: 25

2 Coríntios
4,18: 4
5,10: 58
6,1.6: 68 N.C.
Gálatas
6,8: 4
Efésios
3,15: 58
1 Pedro
2,2: 46;51
3,18: 25 N.C.
1 João
2,15.16: 4;70;107
5,2: 95
Apocalipse
11,1: 44
20,6.14: 101
21,8: 101
22,8.9: 110

Índice das referências a outras obras de Santo Agostinho nas notas complementares

Confissões
1,1,1: 65
2,6,13: 84
3,3,6: 75
3,6,11: 72
5,3,11: 64
5,10,19: 68
7,1,1: 68
7,1-7: 35
7,9-17: 35
7,10-16: 57;72
7,14-20: 68
7,15-21: 60
7,16,22: 39
7,19,25: 15
9,7,16: 17
10,27,38: 68
11,28,38: 43
13,2,3: 100
13,4,28: 52
13,9,10: 65
13,30,45: 16

Retractationes
1,13,1: Opiniões A
1,13,2: 18
1,13,3: 19
1,13,4: 20;25
1,13,5: 27
1,13,6: 31
1,13,7: 47
1,13,8: 77;78a;88
1,13,9: 111
1,7,3: 41
2,5,9: 89

Cartas
15,1: Introd.
18,2: 60
54,1: 33
55,17: 65
138,1,5: 43
140,22,50: 26
162,2: Opiniões A; 52
166,5,13: 43

Sermões
51,11: 10
169,9.11: 72
330,3: 72
344,2: 89
349,2,2: 89

Cidade de Deus
10,32: 111
11,4,2: 36
11,18: 43
12,1,3: 37
12,17,2: 65

De libero arbitrio
- : 16
2,3,7: 53
2,16,42: 74
3,8,23: 65

De Trinitate
9,8,13: 89
11,5,9: 89
15,28,51: 113

De genesi contra manichaeos
1,2: 15: 16
1,19,30: 88
5,21,32: 43

Contra Faustum
- : 16
15,3: 9
19,11: 33

De utilitate credendi
- :16: Opiniões C
- :45

De duabus animabus contra manichaeos
- : 16;17

Contra Academicos
1,1,3: Introdução
2,3,8: 73; Introd.

De ordine
2,15,42: 74

Soliloquia
1,1,2-6: 113
2,8,15: 66

Enarrationes in Psalmos
47,7: 99

De moribus Ecclesiae catholicae
- : 16

De immortalitate animae
19.66

De perfectione iustitae hominis
38: 36

De dono perseverantiae
5,8: 15

De fide rerum que non videntur
5-9: 15

Quastiones Evangeliorum
2,40: 15

In I Epist. Ioannis
- : 86

Breve índice analítico do texto

Alma (racional), 16; 18; 41; 44-65; 67; 68; 77; 101; 109; 110
Amor fraterno, 86; 89-91
Anjos, 75; 110; 111
Antigo Testamento, 33; 34; 50
Autoridade, 7; 14; 45; 46; 52
Beleza, 3; 35; 40-42; 44; 55; 56; 59; 61-63; 72; 74; 76; 77; 80; 84; 10
Católicos, 9; 10; 17
Cismáticos, 9-12
Cristo, Filho de Deus, Verbo, Sabedoria, 4; 8; 24; 28; 30-33; 58; 65; 66; 71; 79; 81; 82; 99; 110; 113
Cristianismo, 3; 6; 8; 9
Criação, criaturas, 35; 36; 68; 77
Concupiscências, 69; 70.101; 105; 107
Cultos falsos, 108-110
Demônio, 7; 26; 28; 75; 101; 112
Discernimento, 46; 51
Escrituras Sagradas, 9; 12; 33; 34; 50; 75; 99; 100
Espírito Santo: Dom de Deus, 8; 13; 24; 25; 99.113
Fé, 12; 14; 17; 46
Felicidade, 1; 3; 84; 110,112
Filósofos pagãos, 1; 2; 6-8; 12; 32
Forma (species), 13; 21; 35; 36; 40; 45; 63; 66; 81; 113
Heresias, hereges, 8-12; 15; 17; 47
História, 13; 46; 49; 97; 99
Homem velho e novo, 11; 23; 24; 48; 49; 51; 58; 66; 82; 87; 92
Idolatria, 41; 68; 69
Igreja católica, 5; 7; 9-12; 15; 20; 47; 51
Imaginações (fantasmas), 18; 40; 64; 73; 95; 98; 108
Judeus, 9; 10; 33; 34
Juízos, julgamentos, 54; 57-59; 76; 78; 80;

Livre-arbítrio, liberdade, 28,31
Mal, 22; 39; 42; 44; 76; 87
Maniqueus, maniqueísmo, 9,16; 17; 40; 64
*Milagre,*47
*Misericórdia, benignidade, clemência de Deus,*13; 14; 19; 29; 30; 31; 35; 45; 51; 98; 101; 113
Morte (a segunda), 22; 37; 50
Números (propriedade dos seres), 52; 60; 74,75; 79
Ordem (propriedade dos seres), 13; 77; 93
Opções, 102; 103
Orgulho, 47; 84; 86; 93; 101
Pagãos, paganismo, 1; 6; 9; 10
Platão, 2; 3; 5; 7
Pecado, 23-29; 38-44; 51; 67; 68; 76; 83; 88; 97
Pedagogia divina, 45; 48; 51; 98
Povo espiritual, 12; 50; 51
Profetas, profecia, 13; 51
Princípio (o primeiro: Deus), 1:18; 36; 58-64; 66; 63; 81; 110; 112; 113
Quietação (unificação interior), 65; 67; 72; 75; 79; 82
Razão, 12; 45; 52; 53; 57
Religião, 1; 8; 13; 19; 20; 69; 100; 101; 108-111
Romaniano, 12; 17; 18; 20
Sacramentos (sinais), 33
Saúde (integridade), 36; 37
Sentidos do homem, 3; 18; 61; 62-67
Sócrates, 1; 2
Trindade, 3; 8; 13; 14; 35; 66; 72; 81; 113
Uno (Deus), a unidade, 24; 41; 46; 55; 56; 60; 63-66; 81; 82
Valores, 63; 93; 99
Verdade (Cristo, a Verdade incriada), 3; 21; 47; 54-58; 61; 66; 72; 78; 81; 88; 110; 113

DENOMINAÇÕES DADAS A DEUS E FREQÜÊNCIA DO EMPREGO

DEUS: 114 vezes
O único Deus (unidade de Deus): 24
Criador, Autor, Artífice, Ordenador: 24
O Pai: 20
A divina Providência: 20
O Uno (supremo, primordial, perfeito): 16
O Princípio (supremo, único): 16
O Supremo, Soberano, Sumo Ser, Onipotente: 14
A misericórdia, benignidade, clemência de Deus: 10
A Verdade, o Deus verdadeiro: 10
O Ser imutável: 10
O Senhor (Dominus): 9
O Sumo Bem, o Bem, a Bondade: 8
A Beleza (a primeira, a suprema, a única): 8
A soberana Essência: 7
A Trindade: 4

O FILHO: 6 (Unigênito: 2)
A Verdade: 24
A Sabedoria: 14
O Verbo: 6
A Forma: 6
O Cristo: 4
A Arte do Artífice: 4
A Lei: 3
O Senhor: 1
Deus em Deus: 1

O ESPÍRITO SANTO: 6
O Dom de Deus, o Dom divino: 6

Frases expressivas no original

1. *Cum omnis vitæ bonæ ac beatæ via in vera religione sit constituta...*
3. *Non posse hoc ab homine fieri, nisi quem forte ipsa Dei Virtus atque Sapientia ab ipsarum natura exceptum...*
6. *Deo, per quem populis jam omnibus hæc Credenda persuasa sunt.*
12. *Repudiatis igitur omnibus qui neque in sacris philosophantur, nec in philosophia consecrantur.*
    Tenenda est nobis chisitiana religio, et eius Ecclesiæ communicatio quæ catholica est et catholica nominatur.
13. *Hujus religionis sectandæ caput est historia et prophetia.*
14. *Primo credidimus, nihil nisi auctoritatem secuti.*
    ...illo hominis sacrossanta susceptio.
19. *Ea est nostris temporibus christiana religio, quam cognoscere ac sequi, securissima ac certissima salus est.*
20. *Talis enim adjuvat Deus!*
21. *Deus utique summa vita est et ipsa fons vitæ.*
    ...forma est infabricata, atque omnibus formosissima.
22. *Summa essentia esse fecit, omne quod est, unde et essentia dicitur.*
    Tanto magis moriuntur, quanto minus sunt.
24. *A multis mutabilibus ad unum incommutabile revertetur.*
27. *Aut negandum est peccatum committi, aut fatendum est voluntate committi.*
29. *In amorem veritatis, quæ sola non fallit, ardentior.*
30. *Nullo modo beneficentius consulit generi humano.*
    Virum suscepit, natus ex femina.
31. *Pauper esset voluit.*
32. *...quamque facile corpus animæ serviat, cum ipsa subiicitur Deo.*
33. *Nec studiose quæritur, nec suaviter inveniretur veritas*

37. *Bona sunt ergo quæ vitiantur... non Summa bona sunt. Per ipsum autem, partim non vitiantur, partim vitiata sanantur.*
38. *Est autem vitium primum animæ rationalis, voluntas ea faciendi quæ vetat Summa et intima Veritas.*
Bonum quod non obtemperando minus diligebat, ardentius diligit comparando.
40. *Facillimum est exsecrari carmem, difficillimum autem non carnaliter sapere.*
41. *Temporalium enim specierum multiformitas ab unitate Dei.. diverberavit.*
42. *Tamen pulchrum, quia extrema vestigia illius pulchritudinis ostentat.*
44. *Non cum mundo possideri, se mundum possidere.*
Vitium animæ non natura eius est, sed contra naturam.
45. *Auctoritas fidem flagitar, et rationi præparat hominem.*
...quædam temporalis medicina, quæ non scientes, sed credentes ad salutem vocat.
Nam in quem quisque locum ceciderit, ibi debet incumbere ut surgat.
46. *Temporalium autem rerum fides... magis credendo quam intelligendo valet. Ita in religione qui ad unum vocant, eorum major et fide dignior esse debet auctoritas.*
47. *Visibilia miracula... ut necessaria non essent posteria.*
48. *Habet quippe ipse modum quemdam pulchritudinis suæ.*
49. *Primam in uberibus utilis istoriæ, quæ nutrit exemplis.*
...cum anima menti copulatur...
Septimam jam quies æterna est.
51. *...ut ars ineffabilis medicinæ ipsam vitiorum foeditatem in nescio quam sui generis pulchritudinem vertat.*
53. *...quæ illæ carent, nos excelimus.*
54. *Si rationalis vita secundum seipsam iudicat, nulla iam est natura præstantior.*
55. *Porro ipsa vera æqualitas ac unitas atque ipsa vera et prima unitas non oculis carnales... sed mente intellecta conspicitur.*
Lex omnium artium cum sit omnino incommutabilis satis apparet supra mentem nostram esse, legem quæ veritas dicitur.

58. *Cum Deo autem ut quando purissime intelligit et tota charitate quo intelligit diligit... æternam legem mundis animis fas est cognoscere, iudicare non fas est.*
59. *Ita enim superfertur illi, nec ab ea tenetur non secundum ipsam, sed ipsam Iudicat.*
60. *...mente igitut eam videmus.*
61. *Cum illa mente pura videatur...*
63. *Quod sursum est deorsum, et quod deorsum est sursum, regno cælorum aptus non erit. Quia et injusti juste, et foedi pulchre ordinantur.*
64. *Illa lulx vera est, qua hæc non esse vera cognoscis.*
65. *Tempora surripiunt quod amamus et reliquunt in anima turbas phantasmatum. ... sic non tenebitur, sed tenebit.*
    Nihil eis sit laboriosius quam non laborare.
66. *A quo Principio unum est, quidquid aliquo modo unum est.*
    Et hæc est Veritas et Verbum in Principio et Verbum Deus apude Deum.
    Quamobrem vera quoniam in tantum vera sunt, in quantum sunt.
67. *Peccata animas fallunt, cum verum quærunt, relicta et neglecta veritate. Nam quoniam opera magis quam artificem atque ipsam artem dilexerunt.*
68. *Ut non modo diligant, sed etiam serviant creaturæ potius quam Creatori.*
69. *Tempus ipsum auferat necesse est omnia transeuntia.*
71. *Quamobrem quisquis intus verbo Dei pascitur, non quærit in ista eremo, voluptatem.*
72. *Nemo ab ipsa veritate dejiciantur qui non excipiatur ab aliqua effigie veritatis.*
    Noli foras ire, in teipsum rede, in interiore homine habitat veritas
    Transcende et teipsum.
73. *Te de iis dubitare non dubites. De hæc re quam intelligit certus est. Nec ullum verum nisi veritate verum est.*
74. *Aliud totius animalis latentes numeros accipit.*
    ...luce coloris adjuncta.
75. *Exhibere volunt eversionibus et erroribus aliorum,*

79. Ubi cecidit, ibi incumbere ut surgat.
Cantante lulscinia... anima non tam libere cum liberet fabricaretur.
81. Filius recte dicitur ex ipso et cetera per ipsum. Præcessit enim forma omnium per eam formam fierent.
87. Sed quod ut turpius, tam foedo et detestabili vitio, quo non amat hominem, sicut homo amandum est.
90. Tantum Deo indige, cui adhærendo beatus est. Sed cui nihil aliud quam ipsum hærere Deo bonum est.
91. ... non usque ad suam subersionem valere patitur.
93. Hæc est perfecta justitia, qua potius potiora, et minus minora diligmus.
100. ...tanquam pictis epulis.
101. Imo vero ab operibus artium conversi ad legem artium, eam speciem mente contuebimur...
102. Sed miseri homines, quibus cognita vilescunt, et novitatibus gaudent, libentius discunt quam norunt.
106. ...et eum persuadet fide, et expectat spe et quærit charitatis.
113. Religet ergo nos religio uni omnipotenti Deo; quia inter mentem nostram... et veritatem... nulla interposita creatura est.